

JULIAO E A BIBLIA



EMILIO
MARTINEZ

The Project Gutenberg eBook of Julião e a Bíblia

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Julião e a Bíblia

Author: Emilio Martínez

Translator: Guilherme Dias

Release date: June 8, 2020 [eBook #62352]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Júlio Reis, Leonor Silva and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net>

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK JULIÃO E A
BÍBLIA ***

JULIÃO E A BIBLIA

«O pequenito parece que se vae saindo»

Pag. 10.

EMILIO MARTINEZ

JULIÃO E A BIBLIA

TRADUZIDO DO HESPAÑHOL
POR
GUILHERME DIAS

3.^a EDIÇÃO

LIVRARIA EVANGELICA
RUA DAS JANELAS VERDES, 32
LISBOA

IMPrensa LIMITADA
Marianos—Rua das Janelas Verdes
LISBOA

CAPITULO I

A benção de Deus

Ao cair duma tarde de primavera, entramos no pateo duma casa situada na rua dos Embaixadores, em Madrid, onde nos chamaram, desde logo, a atenção duas janelas que, a julgar pelo ruido que delas sahia, uma devia ser a da oficina dum carpinteiro, e a outra a dum latoeiro.

Perto desta ultima janela, uma mulher já de idade, a julgar pelos seus cabelos brancos, estava sentada, lendo com grande interesse um livro, que tinha sobre os joelhos. Não podemos, pela posição em que ela está, ver o seu rosto, porém chama-nos a atenção a seriedade com que lê o livro e o desejo, que se lhe nota no rosto, de aproveitar na leitura os ultimos instantes que lhe restam da luz do dia.

Não sabemos que estranha simpatia nos arrasta para aquela mulher.

De repente, entra no pateo um rapaz, que diz:

—Senhora Josefa, o mestre chama-a.

Então ela levantou a cabeça, porém a surpresa, em que estavamos, não nos deixou ouvir a resposta. Aquele nome, aquelas feições e aquela voz traziam-nos á memoria uma pessoa a quem muito estimavamos, e uns acontecimentos que seguramente se nos tinham apagado da memoria.

Josefa atravessou o pateo e desapareceu.

—Quem é esta senhora?—perguntámos ao rapaz que neste momento recolhia a cadeira em que Josefa estava sentada.

—A mãe do mestre—respondeu-nos ele, e desapareceu por uma porta, que havia no pateo, e que dava passagem para a loja do

vidraceiro.

Então saímos para a rua, e, olhando para a *vitrine* duma loja que ha ao lado do portal, a nossa vista foi fixar-se no seguinte letreiro, que se lê no cimo dela:

JULIÃO

VIDRACEIRO, CHUMBEIRO E LATOEIRO

Este nome tambem nos traz á memoria uma pessoa e um facto, e a nossa surpresa foi grande quando a porta da loja se abriu e apareceu nela um rapaz, a quem havia bastante tempo conhecemos quando era ainda menino, disputando com um sacerdote.

Efectivamente, este homem é Julião, e a senhora que lia no pateo era Josefa, a vendedeira.

Mas que mudança! Quem havia de reconhecer neste joven o filho de Josefa?

Pouco depois da epoca em que o conhecemos, o Senhor lhe proporcionou trabalho em casa dum bom mestre, onde, ao fim dum ano, se cativou das suas simpatias.

Era o mestre de Julião de idade avançada, viuvo e pae duma joven de 19 anos, que o tratava com todo o carinho duma boa filha, e a qual se chamava Maria das Dôres.

Ao cabo dum ano, que Julião esteve á frente da casa, progrediu esta de tal maneira que o mestre não deixava de falar em toda a parte no seu oficial. Passados dois anos, depois que Julião estava em casa do mestre, viu-se este atacado duma pneumonia, e, sentindo que os seus ultimos momentos se aproximavam, chamou Julião e disse-lhe:

—Julião, tu tens-te portado em minha casa como um homem de bem... os meus ultimos momentos aproximam-se, e desejo, já que outra coisa não pode ser, que me dês a tua palavra de honra que continuarás em minha casa sendo o que eras até aqui... Lembra-te de que esta casa é o amparo duma orfã, e de que, se tu nos deixares, não sei o que será dela... eu bem queria... mas...

E o ancião deteve-se como se temesse dizer alguma inconveniência.

—Mestre—respondeu Julião soluçando,—Deus não quererá que morra, mas, se essa fôr a Sua vontade, cumpra-se... eu lhe prometo que continuarei velando pela casa com mais solicitude do que até aqui... e que Maria das Dôres será para mim uma irmã... já que outra coisa não...

—Julião—disse-lhe o seu mestre,—fala claro; um velho que se acha às portas da morte faz-te este pedido.

—Pois bem—respondeu Julião,—já ha tempo que, comigo mesmo, tenho admirado as virtudes e prendas que adornam sua filha, porém o receio de que me atribuíssem fins interesseiros, pela diferença de posições, obrigaram-me a calar e a não dizer palavra.

—Graças te dou, oh meu Deus—exclamou o ancião,—porque coroaste os meus desejos.

E, mandando chamar a filha, depois de consultar a vontade dela e de receber a aprovação de Josefa, Julião e Maria das Dôres se receberam por marido e mulher, na presença do oficial do registo civil. Pouco depois falecia o mestre de Julião.

A benção de Deus se estendeu sobre os dois esposos até ao ponto de conceder-lhes, como fruto do seu matrimonio, um menino, ao qual pozeram o nome de Paulo.

Tal é o estado de Julião e sua familia.

Já que é nosso amigo, entremos na sua loja. Nada ha de extraordinario que nos chame a atenção, excepto um quadro em cartão, colocado numa das paredes, que diz:

Lembra-te de santificar o dia de descanso. Trabalharás seis dias, e farás neles tudo o que tens para fazer; o setimo dia, porém, é o dia de descanso consagrado ao Senhor, teu Deus; não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o peregrino que vive das tuas portas para dentro; porque o Senhor fez em seis dias o céu

e a terra e o mar e tudo o que neles ha, e descansou ao setimo dia; por isso o Senhor abençoou o dia setimo e o santificou.

Vamos agora travar conhecimento com um dos vizinhos de Julião, —o dono da oficina de carpinteiro.

Chama-se João, homem de 65 a 68 anos. Apesar desta idade, ainda está vigoroso, e, se não fôra por algumas dôres que sofre, em consequencia de ter dormido muitas noites ao relento, no tempo da guerra dos sete anos, estaria forte como um rapaz. O seu caracter é bom, liberal desde a medula dos ossos, e é sargento da Guarda Nacional.

A sua familia compõe-se de Brigida, sua esposa, e uma joven de 18 a 20 anos, chamada Antonia, fresca e louçã como as flores de maio e na qual ele faz consistir toda a sua felicidade.

João está despedindo os officiaes e aprendizes, dizendo-lhes:

—Vinde ás dez horas; já sabeis que ámanhã é dia de Santo Antonio, e que não se trabalha.

—Porém, mestre—observou um—a obra que ha oito dias encomendaram tem de se entregar na segunda feira.

—Nesse caso, trabalharemos no domingo até ás tres horas da tarde. No dia de Santo Antonio não se préga um prego em minha casa; é o dia do santo do nome de minha filha, e tanto basta. Ás dez horas aqui vos espero para o baile: não esqueçaes as guitarras; até eu hei-de bailar... É Santo Antonio quem vae presidir á festa. Minha filha poz-lhe no altar o docel de veludo, que me custou cerca de dez libras, e se lhe acenderão pelo menos quarenta luzes. Ide ver o altar.

Todos ficaram admirados do bom gosto que presidiu ao adorno do altar, e, pensando já no divertimento que iam ter, saíram alegres, esfregando as mãos de contentes.

Quando o mestre ficou só, avistou Julião, que brincava com o filhinho, e, dirigindo-se a ele, disse-lhe:

—Boas noites, vizinho.

—Boas noites, sr. João—respondeu Julião.



CAPITULO II

Devoção e... vinho

O pequenito parece que se vae saindo.

—É verdade, sr. João—respondeu Julião. Depois de guardarem alguns momentos de silencio, disse Julião:

—Porque não se senta, sr. João?

—Com muito gosto—respondeu este, sentando-se num banco ao lado de Julião, e acrescentando: Como vamos com respeito a trabalho?

—Tenho mais do que o que se pode fazer. Acabo de tomar uma encomenda de caldeirões para um regimento de artilheria, e trabalhamos sem cessar, graças a Deus.

—Pois eu tambem tenho muito que fazer. Alem do trabalho da casa, ainda tenho oito obras de fóra.

—Eu—continuou Julião—vou começar a fazer serão de ámanhã em deante.

—Como assim?—perguntou o carpinteiro—vae trabalhar ámanhã, que é dia de Santo Antonio?

—E porque não? Ámanhã, no meu entender, é um dia como os outros.

—Certamente—replicou o sr. João.—Olhe, eu não sou lá muito amigo dos santos; mas no dia de Santo Antonio não consinto que em minha casa se prégue um prego. É santo a quem quero muito, porque é o advogado da minha filha. É verdade que eu devia trabalhar ámanhã, porque na segunda feira tenho de entregar umas travessas! Mas, dia por dia, prefiro trabalhar no domingo.

—Trabalhar ao domingo é coisa que eu não farei, porque Deus assim o manda e é preciso obedecer-Lhe.

Neste momento, Dôres, Brigida e Antonia assomaram á porta das suas respectivas habitações, cumprimentando-se ao mesmo tempo.

Dôres pegou no menino, que estava ao colo do marido, e dirigiu-se para a carpinteria, a cuja porta estava a sr.^a Brigida acenando-lhe para que fosse ter com ela.

Deixemos os dois homens continuar na sua conversação e escutemos o que dizem as duas mulheres.

—Que me quer, sr.^a Brigida?—disse Dôres ao chegar.

—Que nos deixes ver o teu filho.

—Pois está bem gorducho—disse com orgulho Dôres, apresentando-lhe o menino.

—Oh! está lindo como os amores!—insistiu Brigida, tomando o menino nos braços, e acrescentando:—Ah! que se o seu avô o visse!...

—Por fim—interrompeu a mãe de Antonia—tu foste feliz, porque perdeste um pae muito bom mas encontraste um marido tão bom como ele.

—Isso é verdade; não tenho motivos senão para dizer bem do meu Julião.

—Deve querer muito ao filhinho, não é verdade?—perguntou Antonia.

—É cego por ele—respondeu Dôres.

—É natural—acrescentou a sr.^a Brigida—Como é o primeiro e está tão lindo... Santo Antonio o abençõe.

—Senhora Brigida—respondeu Dôres, pegando no menino,—abençoando-o Deus, é quanto basta.

—Filha, e os santos também, e porque não?

—É que—disse a filha do carpinteiro—Dôres tem presente o rifão que diz: *O que Deus não quer, santos não podem*; não é verdade?

—Pois olhe—disse Brigida,—eu tenho muita fé em Santo Antonio, porque é um santo de muita virtude, ou ele não fosse chamado *Advogado dos impossíveis*. Sem ir mais longe, outro dia perdi uma nota do banco de 100 pesetas; imediatamente acendi uma véla a Santo Antonio que tinha na sala, rezei-lhe um Padre Nosso, e em seguida, remexendo bem na comoda, no terceiro gavetão, onde eu não costumo guardar dinheiro, encontrei a nota; desde então não ha de faltar ao santo, todos os dias, uma lamparina acesa. Já vêes, pois, que...

—Pois eu não vejo nisso outra coisa senão que com o andar do tempo perderá realmente as 100 pesetas, gastando-as em azeite com o santo. Demais, se, em lugar de haver mal gasto o tempo em rezar e acender luzes ao santo, tivesse remexido bem a comoda, teria achado o seu dinheiro, pois que não estava perdido; se em vez de o ter metido na comoda, o tivesse deixado cair na rua, veria como Santo Antonio não lho traria a casa.

—Filha, és muito incredula!

—De modo nenhum, senhora Brigida, eu creio...

—Em quem crês? Porém não é isso; o que eu pergunto é: Qual é o Cristo da tua devoção? É o Cristo do Prado, da Fé, o Cristo do Perdão, ou, enfim, qualquer dos muitos outros Cristos?

—A nenhum desses, porque não conheço mais do que o Cristo, Filho de Deus, que está nos céus.

Neste momento foi interrompida a conversa, porque lhes chamou a atenção um tropel de gente que vinha rua acima. No meio da multidão, vinham dez ou doze rapazes com guitarras e bandurras, e na frente deles um rancho de mulheres, jovens também, e vestidas ao uso do povo, *de saias redondas*, como eles dizem, porém com luxo. Ao chegar á oficina do carpinteiro, deixaram de tocar, pararam, e o que fazia de director disse:

Vá; siga a *seguidilla*.

As guitarras deram a entrada, e uma mulher cantou:

Ó Antonio glorioso

Livrae-nos de todo o mal,
Alcançando-nos a vitória
De toda a força infernal.

—Senhores, lá para dentro toda a gente—disse o sr. João;—
porém onde estão essas mulheres?... Brigida... Antonia...

—Ah! mãe!—exclamou Antonia,—vão entrar, e eu não queria que
me vissem enquanto não estivesse com o vestido novo.

—Sim?—respondeu a mãe,—pois verás como tudo se arranja!

Brigida dirigiu-se para a porta, e chegou ainda a tempo para dizer
ao marido, que vinha á frente dos convidados:

—Alto lá! não é permitida a entrada até que o santo, o presidente
da festa, esteja devidamente preparado.

—Muito bem, exclamaram a uma voz todas as pessoas
presentes.

A mãe de Antonia entrou, fechando a porta sobre si, e momentos
depois, quando a filha já estava com o seu vestido novo, veio de
novo á porta, dizendo:

—Podem entrar.

Homens e mulheres penetraram na sala, e, depois de trocados os
primeiros cumprimentos, cada um procurou lugar, ficando algumas
mulheres ajoelhadas deante do altar, rezando ao santo.

—Senhores—exclamou João,—emquanto se prepara a ceia,
entretenham-se como puderem. Cantem e bailem umas *seguidillas*.

Oh' Santo Antonio,
Meu amante coração,
Quer na vida, quer na morte,
Sêde a nossa salvação.

—Bravo! bravo!... venha de lá outra, disseram alguns.

As guitarras continuaram tocando, e outro rapaz cantou:

Ó Antonio glorioso,
A ti chego confiado,
Que nas minhas aflições
Hei de ser remediado.

—Agora, para poder continuar—disse o que tinha cantado—é preciso que venha vinho para molhar as guelas.

—É isso mesmo—exclamou entusiasmado o mestre carpinteiro—tem razão o rapaz. *Vinho tinto*, sim, porque sem ele não se pode tocar, nem cantar, nem bailar. O vinho é preciso para tudo, e tanto que sem ele os padres não podem dizer a missa. Bem se expressou aquele que disse: «Onde não ha vinho não ha talento». Brigida,—acrescentou ele, dirigindo-se a sua mulher—enche um cangirão com vinho e tral-o cá.

Deixemos agora que se divirtam e festejem o santo portuguez a seu modo. Entretanto vamos visitar o nosso amigo Julião e sua familia.

O nosso amigo, acompanhado de sua mãe, está sentado á mesa, á espera que lhe sirvam a ceia. O pequenito Paulo dorme no seu berço, e Dôres vem da cosinha com a comida, que coloca em cima da mesa.

Á sala, onde estão, chega o ruido que vae na casa de seu visinho João.

—Demos graças ao Senhor—disse Julião, depois que Dôres se sentou á mesa.

Todos inclinaram a cabeça, e Julião dirigiu a Deus a seguinte oração:

—Oh! nosso Deus! Damos-Te graças pelos bens que nos dispensas, dando-nos saude, trabalho e sustento; abençôa a minha familia, e o meu filhinho, abençôa a oficina, e perdôa a esses pobres cegos ali do lado que Te estão ofendendo; lembra-te dos pobres e dos enfermos; o que tudo Te pedimos pelos merecimentos de Jesus Cristo, Nosso Salvador. Amen.

—Conte-nos agora—disse Julião, dirigindo-se a sua mãe,—o que vocemecê leu hoje na sua Biblia.

—Cheguei ao versiculo 25 do cap. 11 do Evangelho segundo S. Mateus, onde Jesus diz: «Graças Te dou a Ti, Pae, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sabios e entendidos e as revelaste aos pequeninos». Meditei sobre isto, e que grande verdade é que Deus nos revelou coisas tão importantes que as podemos sentir mas que nunca poderemos expressar!

—Oh! sim—exclamou Julião.—Deus ensina-nos diariamente coisas muito boas, não é verdade, Dôres?

—Oh! sim—respondeu ela,—a mim tem-me ensinado, por Sua misericordia, muitas coisas; a principal tem sido mostrar-me que sem Jesus Cristo eu era uma pecadora perdida, e que, graças a Ele, agora sou salva; antigamente eu andava fazendo obras que julgava meritorias, taes como dar dinheiro para sufragios, jejuar, ouvir missa, etc.

—E eu—disse a mãe de Julião—que me fiava nos conselhos dos confessores, e mandava dizer missas, acender velas aos santos; que comprava a *Bula da Santa Cruzada*, para poder comer carne, e a *Bula dos Defuntos*! E a respeito das *indulgencias*? Se algum valor elas tivessem, eu ganharia mais indulgencias do que cabelos tenho na cabeça! Quando penso no erro em que vivi, estremeço de medo!

—Pois eu—disse Dôres—ainda me lembro de que não havia dia nenhum, em que fosse ao mercado fazer as compras, que não lançasse dinheiro na caixinha das almas!

—Oh! terrivel conta—disse Julião,—teem que dar a Deus aqueles que se esforçam por manter no erro a gente simples e credula.

—E quanta gente vive por esse mundo enganada!—exclamou a mãe de Julião.

—Eu—interrompeu Dôres—sinto-o por todas as pessoas com quem trato, porém sinto-o de preferencia por Antonia, á qual desejava tornar conhecida a verdade. Tanto ela como sua familia são muito boas pessoas; desde creança quero-lhe como a irmã.

—Sim—disse Josefa;—no entanto repara como passam a noite, cantando e bailando deante dum altar. O erro dos romanos vae tão longe que lhes faz colocar sob o mesmo teto Deus e o diabo ao mesmo tempo. Bailando adoram, e adorando bailam.

—E o peor é—acrescentou Julião—que não levam geitos de se emendarem. A inobservancia do domingo é coisa muito má, e eu vejo com grande sentimento que o nosso visinho prefere trabalhar no dia de domingo, comtanto que guarde o dia de Santo Antonio; quer dizer: profana o dia do Senhor para guardar o dia dum santo imaginario. A regeneração das classes trabalhadoras deve principiar pela observancia do domingo; para elas o dia do repouso é uma necessidade para se refazerem as forças fisicas que se gastam nos outros seis dias. Eu por mim mesmo tenho observado que aqueles que trabalham os seis dias e não descansam ao setimo gastam-se mais depressa, e gozam menos saude, do que aqueles que guardam o dia do Senhor: e isto sem falar do concernente á saude da alma.

Neste momento, tendo acabado já de cear, chamaram á porta que dava para o pateo. Julião levantou-se, indo abril-a, e Antonia, acompanhada de outra joven, apresentou-se na sala, onde ainda estavam sentadas á mesa Dôres e Josefa.

—Deus lhes dê boas noites—disseram ambas ao entrar, e a filha do carpinteiro acrescentou:

—Venho da parte de meu pae dizer-lhes que teria muito prazer se viessem cear connosco.

Julião e sua mulher acompanharam a filha do carpinteiro e a sua amiga a casa.

—Mestre, mestre—exclamou o carpinteiro ao ver entrar Julião,—venha cá para o meu lado e sirva-se dalguma coisa.

—Muito obrigado, sr. João—respondeu Julião,—porém permita-me que não me sirva de nada; sua filha é testemunha de que nos viu sentados á mesa.

—Bem, não me importa—disse o carpinteiro,—hoje ha em minha casa carta branca para que cada qual faça o que quizer em honra

de Santo Antonio; que todos se divirtam e que ninguém esteja triste.

A ceia continuou sem nenhum incidente, até que a sobremesa o sr. João disse:

—Agora os brindes; que cada qual brinde por quem quizer.

Julião estava sentado na cadeira, pensando no triste estado daquela gente. Dôres falava com Antonia e outras raparigas da sua idade.

—Brindo—exclamou o sr. João—por Santo Antonio, que é o santo de minha filha, pela liberdade, e para que fiquem confundidos os inimigos da ordem.

Ao brinde do dono da casa corresponderam os convidados, bebendo cada qual o seu copo. A este brinde sucederam-se outros.

Um dos assistentes, joven ainda, oficial de confeitiro, observou que Julião não tomava parte nos brindes, e, fazendo convergir sobre ele as atenções de todos, disse-lhe:

—Então vocemecê porque não bebe? Não gosta de vinho?

—Não bebo—respondeu Julião—porque acabo de cear em minha casa, e eu não costumo beber senão às comidas.

—Ora—disse o confeitiro com modos impertinentes—isso será muito bom para a saude, porém eu creio que o vinho é sempre bom.

—Cada um tem as suas idéas, e eu tenho as minhas.

—Pois olhe: o que a mim me parece é que vocemecê tem cara de padre, e que se não brinda é porque não é homem.

—Ai!—exclamou Julião com toda a calma,—por aquilo que eu brindaria seria para que Deus lhe desse mais juizo e menos palavriado.

Uma gargalhada geral ressoou em toda a sala ao ouvirem as palavras de Julião. Este, conhecendo, pelo estado dos convidados, que aquilo não era lugar proprio nem para ele nem para sua esposa, deixou a sala, despedindo-se cortezmente de todos.

O baile prolongou-se até á uma hora da madrugada; não havia cabeça que estivesse em si. O sr. João, numa linguagem ininteligível, disse:

—Senhores... ámanhã... disse... ámanhã... será dia. Proponho que vamos á horta, ao campo... como ha que madrugar... é preciso dormir... com que cada mocho a seu souto... tenho dito.

—Bem, bem!—exclamaram todos com alegria.

—Ordem, companheiros!—gritou com voz um pouco rouca o confeitoiro;—antes de nos separarmos venha mais um gole e dancemos o *galope* infernal.

—Sim, sim, disseram alguns, vamos ao galope infernal.

Encheram-se os copos e esvasiaram-se, e as guitarras tocaram desafinadamente. Alguns pares começaram a bailar... Bailar? Melhor diríamos que aquilo não era baile, mas sim dança de furias; aquela massa de gente empurrava-se e pisava-se, indo dum lado para o outro. Por fim sucedeu o que era de esperar. O confeitoiro e a sua companheira caíram no chão e aos outros aconteceu o mesmo, por estarem com a cabeça toldada pelo vinho.

Que scena! homens e mulheres, em revolta confusão, rolando pelo chão; o calor sufocava! as vozes, no meio das quaes se ouviam alguns ais, ensurdeciam, e tudo isto diante do santo da sua devoção! Por fim foram levantando-se conforme puderam, os *devotos* do santo, á excepção duma joven que ficou estendida no chão, por efeito duma pancada violentissima que havia recebido. Então é que foram os lamentos e os ais; uns resavam ao santo, outros abriam roda, e abanavam com os lenços, e finalmente Antonia correu ao seu quarto por um frasquinho de essencia que, aplicado ao nariz da pobre menina, fêl-a voltar a si.

Finalmente, depois do susto que tiveram, o que é muito natural, os convidados saíram para a rua, ficando só a familia da casa. Antonia entrou no seu quarto chorando, porque na ocasião do baile tinha caído, e na queda tinha partido um dos brincos, perdendo tres diamantes que tinha mandado engastar nele.

Que dirão seus paes? Encontrará Santo Antonio os diamantes?

CAPITULO III

No dia de Santo Antonio

Amanheceu o dia 13 de Junho do ano de 18.. puro e sereno. Dois estabelecimentos dos muitos que ha na Rua dos Embaixadores estavam ainda fechados ás cinco e meia da manhã, e dois grupos bem distintos um do outro estavam batendo a cada uma das respectivas portas.

Estes dois estabelecimentos eram: a oficina do sr. João e a oficina do nosso amigo Julião. Á porta deste estão quatro homens e dois rapazes vestidos com a roupa do trabalho, com um pequeno saco na mão, que continha, certamente, o almoço, preparados para se entregarem ao trabalho, apesar de ser o dia de Santo Antonio.

A porta de Julião abriu-se, e aqueles que estavam á espera entraram.

O grupo que aguardava que o sr. João ou alguém da sua casa dêsse sinaes de vida compunha-se de jovens dum e doutro sexo, com guitarras e bandurras, vestidos com a sua roupa domingueira.

Depois duns minutos de espera, tambem foi aberta a porta, aparecendo o sr. João, que disse:

—Bons dias, senhores.

—Bons dias, sr. João.

—Já veiu o carro?

—Sim, já está á porta.

—Nesse caso, que vá um rapaz buscar a canastra.

O sr. João transmitiu a ordem, e um dos moços do carro entrou, voltando depois com uma canastra á cabeça em que iam as viandas e no cimo uma bateria de garrafas de vinho, o que foi saudado pelo

grupo quando o viram, com gritos de entusiasmo, entre os quaes se distinguia a voz dum deles, que disse:

—Viva Santo Antonio, e as Antonias e todos os que estamos aqui reunidos! Sobretudo viva a festa e o prazer!

A conversa interrompeu-se porque o sr. João appareceu na loja, e logo em seguida sua mulher e filha. Ao verem esta, um—*viva a filha do mestre!*—ressoou na officina.

Quando estavam subindo para a carruagem, chegou um pedreiro á porta da loja do mestre carpinteiro, dizendo-lhe:

—O senhor vae passar o dia ao campo?

—Sim; que queres?

—Venho do mando do mestre de obras para ver quantos caixilhos posso levar.

—Dize-lhe que hoje não levas nenhum; é dia de Santo Antonio e não trabalho.

—Porém, veja bem, mestre, que um partido de operarios não pode trabalhar se se não levar isso para a obra.

—Pois que vão para o campo assim como eu.

O rapaz retirou-se. Entretanto Brigida e Antonia falavam com Julião e Dôres, á porta da sua officina. Instavam com eles para que os acompanhassem, porém em vão.

—Nesse caso, se teimam em ficar—disse Brigida,—não deixem de olhar cá pela casa.

—Esteja descansada—disse Julião,—que nós olharemos pela sua casa.

Brigida despediu-se, e a sua filha, aproximando-se de Dôres, disse-lhe ao ouvido:

—Ai, Dôres! mau dia de Santo Antonio vamos ter. A vespera foi má e o dia não será melhor! Depois te contarei tudo.

Como passaram o dia as personagens da nossa historia?

Vamos dizer-vol-o em poucas palavras, tanto quanto nos seja possível.

Julião passou o dia trabalhando, e tanto ele como sua familia e officiaes gozaram perfeita tranquillidade.

Quanto ao mestre carpinteiro, vamos encontral-o com sua familia e amigos no campo pelas cinco horas da tarde.

Todos se acham alegres, como é natural, quando se vae passar o dia ao campo, e especialmente á hora de comer.

—Vamos—disse neste momento mestre João,—trinchemos estas aves, como dizem os ricos.

—Quem fala agora aqui de ricos?—Vivam os pobres!

—Viva a liberdade!—gritou João.

—Viva!!!

—Olha—perguntou o confeiteiro—para que queres tu a liberdade?

—Homem... eu... para... que sim... porque meu avô foi muito liberal... e odiava os padres, a religião e os ricos.

—Que não se fale aqui de politica—disse uma mulher.

—Sim, sim, para fóra daqui a politica; falemos antes de religião, o que está na ordem do dia desde que chegaram aqui os protestantes. Falemos, pois, de religião, como falou hontem á noite o mestre Julião, que tem cara de padre.

—Pois falemos de religião—disse uma das pessoas presentes; e, dirigindo-se ao confeiteiro, disse-lhe: Tu que és? catolico apostolico romano, ou judeu?

—Homem—respondeu ele—eu sou hespanhol.

Uma gargalhada geral acolheu esta resposta.

—De que se riem vocês?—perguntou ele—Eu nasci em Madrid, portanto sou hespanhol.

—Isso nada tem que ver. És cristão?

—Sim.

—Catolico apostolico romano?

—Sim.

—Nesse caso crês no Papa.

—Eu não creio no Papa.

—E nos padres?

—Tão pouco.

—E na Virgem?

—Sim.

—Pois então não és católico apostolico romano, porque não crês no Papa.

—Lembra-te de que ele é infalível.

—Sim, e exactamente agora, porque é infalível, perdeu ele o poder temporal, e contra ele se levantam os proprios catolicos. Ha pouco li num jornal, de que sou assinante, que o padre Jacinto, esse padre ou frade francez que tanto tem dado que falar, vae casar-se, e o mesmo vae fazer um sabio alemão que se chama... não me posso recordar agora do seu nome; o certo é que eles dizem que os padres devem ser casados.

—Isso é que é uma grande verdade—disse outra pessoa presente,—os padres devem ser casados; assim não se presenciariam certos escandalos...

—Mas é que o Papa—disse outro—é muito provavel que saia de Roma, apezar de toda a sua infa...li...bi...lidade.

—Em vista de tanta trapalhada que ha na egreja e tanta palhaçada—exclamou o sr. João—eu não sou nada; o que me ensinaram meus paes isso ensino eu a minha filha; porém eu... creio que ha um Ser supremo, mas que não intervem em coisa alguma deste mundo; faço o bem que posso, respeito os santos, e não me meto com ninguem; e com isto tenho a certeza de ganhar o céu, se é que o ha.

—Isso sim—exclamaram alguns—isso é que é ser cristão.

Assim continuou a conversação, expondo cada qual as suas idéas religiosas.

Segundo eles, fazer o bem que se pode fazer, crer num *Ser* que é antes um *não ser*, visto que em nada intervem, e respeitar os santos, eis o que é preciso para uma pessoa ser cristã e salvar-se.

Que cegueira! E quem tem a culpa de tanto erro? Não hesitemos em o declarar; a culpa tem-na em sua maior parte um clero tão ignorante como fanático, porém sobretudo tão egoísta, que não ergue a voz senão quando se vê ofendido nos seus interesses materiais.

Ha milhares e milhares de pessoas como o mestre João, excelentes paes de familia, homens honrados segundo o mundo, porém em questões religiosas, já por vezes o temos observado, com o facto de fazerem o bem que podem dão-se por satisfeitos. Erro! lamentavel erro! Aqueles que em tal coisa crêem que escutem o que disse Jesus ao doutor da lei.

«Mestre—disse um doutor da lei a Jesus—o que é preciso que eu faça para alcançar a vida eterna? E Jesus lhe disse: O que está escrito na lei? Como lêes tu? E, respondendo o doutor, disse: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, com todas as forças do teu entendimento, e o teu proximo como a ti mesmo.—Bem falaste (respondeu Jesus); *faze isso e viverás*».

Faze isso e viverás; não basta fazer uma parte, é preciso fazer tudo para a gente se salvar. Porém agora surge esta pergunta: Pode o homem fazer tudo? Não. Para ele cumprir a lei, ganhar a salvação da sua alma, é impossível; porém temos um Substituto que fez tudo; foi-nos dado *um* que não deixou nada por fazer. Esse *um* é Jesus Cristo, e só por Ele temos redenção, justificação e santificação. Sim, pela fé em Jesus temos assegurada a salvação da nossa alma. Sem a fé em Jesus *nada* temos.

Porém voltemos á reunião.

É já quasi noite, e os amigos do mestre João, este e sua familia, preparam-se para irem para suas casas. Ao subirem para o carro, o

boleiro ria como um perdido na almofada, e por mais que fizessem para o dissuadirem disso não puderam.

O carro partiu, e todos iam alegres e contentes.

O confeitoiro começou a sentir-se incomodado com o movimento do carro, e principiou a gritar:

—Parem! parem! he! he! sinto-me incomodado: quero...

Inclinou-se para um lado, e, sem que ninguém podesse evital-o, caiu do carro abaixo. O cocheiro fez um supremo esforço para parar os cavalos, porém em vão; não o pôde fazer senão depois de terem dado alguns passos.

Toda a gente, soltando gritos de horror, desceu do carro, e foi logo para junto do confeitoiro, que jazia estendido no chão, banhado em sangue, sendo necessario transportal-o para a casa mais proxima.

Houve uma pessoa que, apesar da muita devoção que tinha a Santo Antonio, não pôde deixar de exclamar:

—Se Santo Antonio não tivesse vindo ao mundo, nem tivesse amanhecido o seu dia, não se teria perdido com isso coisa nenhuma. Ao passo que outro acrescentou: «Melhor nos teria sido passar o dia com Julião, trabalhando na oficina, e ganhando para nós e nossas familias».

CAPITULO IV

Consequencias

São decorridos quinze dias desde o dia de Santo Antonio até hoje. Em casa do mestre João deve ter havido alguma coisa de extraordinario. Reina lá uma agitação fóra do costume; as mulheres andam apressadas dum para outro lado e o rosto de mais duma delas está humedecido pelo pranto. Que terá sucedido?

Consequencias duma vespera e dum dia de Santo Antonio.

Quer pela perda dos diamantes, quer pelo susto que recebeu com a queda do moço confeitoiro, Antonia veiu para casa doente.

No dia seguinte manifestou-se-lhe uma febre tão intensa que o medico declarou que não havia tempo a perder, pois via-a ameaçada duma congestão cerebral. Acrescentou que o caso não podia ser mais grave, e que, portanto, seria conveniente que se preparasse espiritualmente.

A pessoa que recebeu esta noticia foi a Dôres.

A mãe de Antonia estava como fóra de si; o pae chorava como uma creança, e para dizer tudo numa palavra—todo e qualquer teria pena daquela familia, tão triste agora como alegre ainda não havia muitos dias.

Dôres transmitiu a noticia a uma tia de Antonia, a qual disse que não a comunicava aos paes dela. Por fim, depois de muita hesitação, resolveram dizel-o a um sacerdote que vivia na mesma casa. Chamava-se Francisco, era ainda novo, um tanto instruido e, apesar de fanatico nas suas idéas religiosas, gozava de bastantes simpatias entre os seus freguezes.

As mulheres despediram-se do padre Francisco, e dez minutos depois um aprendiz de Julião entrou na oficina do carpinteiro, dizendo:

—Sr. João, o meu mestre pede-lhe que vá á loja dele, pois que precisa muito de falar-lhe.

O carpinteiro seguiu o rapaz, e, logo que avistou Julião, este disse-lhe:

—Boas tardes, sr. João. Como vae Antonia?

—Mal, muito mal. Filha da minha alma!

—Senhor João—disse Julião muito comovido—não se aflija. Emquanto um doente tem vida, ainda ha esperança. Venha comigo cá para dentro, que temos que falar.

Quando chegaram á sala e se sentaram, Julião deixou que o seu amigo se tranquilisasse um pouco, e chamou por sua mãe para que trouxesse um copo de agua.

—Então, sr. João!—disse a senhora Josefa, apresentando-lhe o copo com a agua—não se entregue á dôr dessa maneira, tenha confiança em Deus.

—Deus, Deus—exclamou o carpinteiro,—Deus não ouve, Deus está...

A senhora Josefa ia a responder, porém um gesto de Julião indicou-lhe que saísse, e assim o fez, dizendo:

—Jesus está em toda a parte.

—Senhor João—disse Julião quando sua mãe saiu,—ha sucessos na vida mediante os quaes é posta á prova a alma do homem. Quando um pae sofre o que vocemecê está sofrendo, e crê e confia em Deus, não se desespera assim.

—Não sei, Julião, o que teem as suas palavras, que tanto me consolam; porém, não, não, minha filha não deve morrer tão joven... eu proprio a disputarei a Deus.

—Quer disputal-a a Deus?

—Sim, como?

—Pela oração.

—Eu não sei rezar, nem quero; o que quero é minha filha.

—Tão pouco eu quero que reze; o que eu quero é que se volte para o Senhor com humildade, dizendo: «Senhor, não te deixarei se não me abençoares; ofereço-Te minha filha, faz dela o que fôr da Tua vontade; sómente Te rogo que ma deixes, ou que me dês forças para sofre este golpe no caso de ma levares; tem piedade de mim, em nome de Jesus».

—Eu não sei dizer isso; eu não sei orar.

—Não? Pois então diga ao Senhor: «Senhor, ensina-me a orar...» Jesus disse: «Tudo o que pedirdes em oração, tendo fé, recebereis».

Estavam nisto quando bateram de mansinho á porta da sala.

Julião abriu, e o P.^e Francisco entrou, saudando João e Julião, que por sua vez corresponderam á saudação.

—Pois, senhores, deixo-os sósinhos—disse Julião.

—Não, não, de modo nenhum; deve até ficar—respondeu o sacerdote, acrescentando:—Vejamos, sabe já o sucedido, sr. Julião?

—Não—respondeu Julião—eu tratava de o consolar, exortando-o a que povesse a sua confiança em Deus, infinitamente bom.

Todos tomaram assento, e o P.^e Francisco disse:

—Sim, é certo que Deus é bom, porém quer que da nossa parte façamos alguma coisa.

—E que devemos fazer nós?—perguntou Julião.

—Oh!—exclamou o sacerdote—a penitencia! Esse precioso dom que nos concedeu a misericórdia dum Deus Salvador! Dom que, acompanhado da poderosa intercessão da Bemdita Virgem e de toda a côrte celestial de anjos, querubins e santos, nos abre infalivelmente as portas do céu, já se vê, uma vez que haja a absolvição do sacerdote, apoz a confissão! Sim, meu amigo, se receia alguma coisa por sua filha, deve, revestindo-se de valor, dizer-lhe... que se confesse.

João ia a falar, quando o P.^e Francisco o interrompeu, dizendo:

—Já sei o que me vae dizer. Dirá o que todos dizem, isto é, que a confissão feita por um enfermo no leito da morte é um golpe terrível para ele. Mas porquê? Quando o sacerdote, vestido com os seus habitos talares, e com a autoridade que Deus e a santa egreja lhe dão, se aproxima da cabeceira do doente para o advertir de que se acha ás portas da eternidade, e de que o espera talvez a condenação eterna, a sua presença e palavras actuam de tal maneira no espirito do doente que lhe dão novas forças; e, no momento de se confessar para poder receber a Jesus sacramentado, opera-se nele uma tal mudança que se pode attribuir á certeza, que é dada ao enfermo, da absolvição dos seus pecados dada aqui na terra pelo sacerdote romano e ratificada no céu. Então pode o moribundo entregar-se com inteira confiança á protecção da mãe dos pecadores, e morrer em estado de graça e em perfeita e completa paz.

—Eu pergunto uma coisa—disse Julião.—O sacerdote não diz nada de Jesus aos enfermos?

—Sim, diz; porém o nome de Maria Santissima é mais doce, induz mais facilmente ao arrependimento.

—Não estou de modo nenhum conforme com isso, porque, afinal, quem operou a salvação dos pecadores, Maria ou Jesus?

—A salvação é obra dos dois, porque, se Jesus morreu, foi concebido no ventre da Virgem e amamentado aos seus peitos; e, ainda que não fosse por isso, pelo facto de ela ser mãe de Jesus, Este ha de declinar nela todo o poder. Sem Maria não podia existir Jesus.

—Porém essas doutrinas são hereticas; onde encontra o senhor uma só palavra na Biblia que autorize taes opiniões?

—Mas se a Biblia o não diz dil-o a egreja e os padres.

—A palavra de Deus tem mais autoridade do que padre algum, pois que o melhor deles é falivel.

—Porém de que se trata?—perguntou mestre João.

—Simplesmente—respondeu o sacerdote—dizer-lhe que sua filha está perigosamente doente, e que é preciso que se confesse.

—Filha do meu coração!—exclamou o carpinteiro, louco pela dôr.
—Minha pobre filha! Com que então morre?..

Houve um momento de silencio, durante o qual o sacerdote e mestre Julião encararam com profunda simpatia o aflito pae.

CAPITULO V

Tlim... tlim... tlim... tlim...

No dia seguinte ao dos acontecimentos narrados no capítulo antecedente, estava tudo preparado para se levar o *Viatico* a Antonia.

A opinião do padre Francisco prevaleceu, e ele mesmo confessou a filha do carpinteiro. Ao anoitecer já estavam todos os amigos de mestre João e grande numero de visinhos esperando que soasse a hora marcada para irem á egreja.

Entre os visinhos faltava um, era mestre Julião.

Deixemol-os no caminho da egreja, e ouçamos o seguinte dialogo entre duas visinhas:

—É estranho que a mulher de mestre Julião não esteja neste momento em casa de Antonia, visitando-a tanto a miudo como a visitava.

—Olhe, sr.^a Tomazia, segundo o que tenho ouvido dizer, ela e o marido são protestantes, e por isso... como vão á...

—Protestantes! Vocemecê está louca, sr.^a Joana! Pois então não conheço eu Dôres desde pequenina, e não foi baptizada em S. Caetano?

—Pois filha, o que lhe digo e repito é que mestre Julião é protestante.

—Pois está muito enganada. Os protestantes não são hespanhoes nem estão baptizados.

—Então que são eles?

—São uns estrangeiros que vieram de longe, da mourama, mandados de lá para conquistarem a Hespanha.

—Pois a mim disseram-me em segredo que Julião era protestante.

—Não, esse está baptizado e é hespanhol; e ha pouco entrou em sua casa o padre Francisco; já vê que, se ele fosse protestante, não entraria ali aquele sacerdote.

—Pois é exactamente por isso que eu o sei. O padre Francisco soube que mestre Julião estava aconselhando o pae de Antonia a que não deixasse confessar a filha, e foi lá a casa para o trazer comsigo.

—É verdade! Isso é um misterio.

—Misterio não; ha quem diga...

Neste momento ouviu-se o *tlim... tlim... tlim... tlim...* da campainha annunciando a chegada do *Viatico*.

Imediatamente em casa da enferma e nas casas visinhas se estabeleceu uma grande confusão. Os moradores dos andares superiores desceram á porta da rua, uns trazendo luzes e outros com brazas nas pás, em que queimavam alfazema e incenso. O som da campainha ouvia-se cada vez mais distintamente, e os que vinham na frente com tochas acesas entraram no portal. Toda a gente se poz de joelhos. O sacerdote passou pelo meio, murmurando palavras que não se entendiam, e entrou pela porta que dava para as trazeiras da carpinteria. A porta de Julião, de que já falámos, e que ficava em frente da de mestre João, permaneceu fechada, causando este facto grande surpresa.

Emquanto o sacerdote estava lá dentro, alguns dos que tinham vindo acompanhar processionalmente o *Viatico* ficaram no portal, porque não cabiam no quarto da enferma, e, para não perderem o tempo, começaram a fumar e a conversar muito tranquilamente.

—Ouça lá, visinha—disse um individuo a uma mulher que estava com um candieiro na mão.—Quem mora nessa casa cuja porta está fechada e que não teve uma triste vela para alumiar o Senhor quando passou?

—Ali—respondeu a mulher, apontando para a porta que estava fechada—é a oficina de mestre Julião. Não são muito amigos destas coisas, nem ele nem sua família; são...

—Protestantes?

—Exactamente.

—Oh! com mil bombas! Ouve tu—dirigindo-se a outro—; naquela casa mora um protestante: deveríamos chamal-o e obrigar-o á força a abrir a porta e trazer uma luz.

—Não, deixae-vos de loucuras, cada um é livre de pensar como quizer—respondeu ele.

—Bom, bom—disse um homem já de idade,—por essa tolerancia da mocidade em admitir estrangeiros é que a Hespanha está assim.

—Não—respondeu uma vizinha,—ámanhã mesmo o comunicaremos ao sr. padre Francisco, pedindo-lhe que diga ao senhorio que despeça aquelas aves de mau agouro.

Neste ponto terminou a conversa, pois que tinha tambem terminado a cerimonia da administração do *Viatico* á enferma. Pôz-se tudo na mesma ordem; tornou a soar a campainha, e o *Deus inventado pela Egreja romana* saiu de casa, e lá foi novamente nas mãos dum simples mortal.

Vejamos entretanto o que estava fazendo aquela familia que conservou a porta sempre fechada, e que nem uma *triste vela* acendeu á passagem do viático.

Dôres, Josefa e Julião estavam sentados na sala, tendo este ultimo deante de si um livro aberto.

—Que tristeza—disse Julião—me causa tudo o que se está passando na casa de João! Que diferente é o que estão fazendo com Antonia daquilo que o Senhor ordena na Sua Palavra! Leiamol-a e vejamos o que se deve fazer com os enfermos. Na Epistola de S. Tiago, cap. V, vv. 14 e 15, lê-se o seguinte: «Está entre vós algum enfermo? chame os presbiteros da egreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o em nome do Senhor; e a ORAÇÃO DA FÉ salvará o enfermo, e o Senhor o aliviará; e, se *estiver em alguns*

pecados, ser-lhe-hão perdoados.» Taes são as instruções que temos na Palavra de Deus, e portanto não devemos afastar-nos delas, desprezando-as.

Façamos «*a oração da fé* que salvará o enfermo», pedindo a Deus por nossa vizinha a quem tanto estimamos; não que a nossa oração a salve, mas sim porque é uma recomendação de Deus, e por meio da qual liberalisa a Sua graça e concede os Seus dons. Porém é preciso fazer essa oração com fé. Minha mãe e tu, Dôres, sentem-se com verdadeira fé, para pedir ao Senhor por Antonia, crendo firmemente que o Senhor a aliviará?

—Sim, responderam elas resolutamente.

—Pois então oremos ao Senhor.—Pozeram-se todos de joelhos, e, depois duns momentos de meditação profunda, ergueu-se a voz de Julião, pausada e solene, dizendo:

—Oh! Senhor e nosso Pae! Ajoelhamo-nos diante de Ti, em nome de Jesus Cristo, para Te suplicarmos que nos concedas uma benção especial. Senhor, lemos na Tua Palavra que nos mandas que oremos pelos enfermos, prometendo que «*a oração da fé* salvará o enfermo, e que Tu, Senhor, o aliviarás». Dá-nos a fé necessaria para Te pedirmos por Antonia, nossa vizinha. Tu, oh! Deus, sabes todas as coisas, e conheces todos os corações. Sabes, pois, a situação em que se encontra a nossa amiga e o estado do seu coração. Ah! Senhor! Não permitas que, enganada por praticas vãs, que lhe ensinaram, sua consciencia continue a estar adormecida, pois que nesse caso qual será o seu despertar? Oh! bom Deus; aqui Te apresentamos a promessa; agora, Senhor, atende ao que Te pedimos: Que levantes Antonia do seu leito, e que a convertas a Ti, sarando-lhe deste modo o seu corpo e a sua alma. Senhor, concede-nos isto, faze-nos ver o Teu poder, dá consolação a seus paes, e restitue-lhes sua filha; mas, se fôr do Teu agrado leval-a para Ti, salva a sua alma. Ouve-nos, Senhor; assim To pedimos em nome, por amor e pelos merecimentos de Jesus Cristo, Teu Filho. *Amen*.

—*Amen*, repetiram as duas mulheres.

Quando se levantaram, Julião disse:

—Agora aguardemos a resposta do Senhor.

—Olha, Julião—disse Dôres,—vou ver como está Antonia, e volto já.

—Se te deixarem entrar..., observou Josefa.

—E porque não me hão de deixar entrar?

—Porque como nenhum de nós foi á porta quando passou o *Viatico*...

—Nesse caso—interrompeu Julião,—se te disserem alguma coisa que não te agrade, volta imediatamente para casa.

Dôres saiu, e dentro em breves instantes eil-a em casa de mestre João. Estranho contraste se apresentou então aos seus olhos! O altar de Santo Antonio estava iluminado como na vespera do seu dia, e adornado de flores; porém ás gargalhadas e ao ruido das guitarras havia sucedido o pranto; ao forte sapatear da dança, o andar de mansinho nas pontas dos pés; á atmosfera viciada pelo fumo dos cigarros a não menos viciada atmosfera do fumo do incenso e da alfazema. Na presença do Santo tinha sido a orgia, na presença do Santo as lagrimas e os soluços. E este, impassivel deante das palavras grosseiras de então, continuava impassivel agora á dôr e ao pranto de toda uma familia. Então ofereceram-lhe canções, agora oferecem-lhe orações, e, se áquelas foi completamente surdo e cego, a mesma surdez e cegueira manifesta em presença destas. O mal principiou no dia do Santo, ou antes na vespera, e quando e como acabará?

Estas ideias perpassam pelo espirito de Dôres, que pôde observar tambem como, á sua entrada, algumas mulheres que estavam na sala cessaram de falar e a encaravam com certa reserva.

—Boas noites—disse ela.

—Boas noites—responderam as pessoas que estavam.

—Posso ir ver Antonia?

As mulheres hesitaram; por fim uma disse:

—Pode ir.

Dôres entrou na alcova, e aproximou-se silenciosamente da cabeceira da enferma, inclinando-se para a ver. Antonia abriu os olhos, e logo que reconheceu que era Dôres disse-lhe com voz debil:

—És tu, Dôres?

—Sim, sou eu—respondeu ela,—como estás?

—Mal, muito mal; não sinto a cabeça.

—Pois nesse caso não fales.

—Não, não falarei; o cheiro da cera e do incenso entonteceram-me... Porque não vieste antes?

—Deves saber, Antonia, que, ainda que não esteja a teu lado, lembro-me de ti e oro a Deus por ti. Vou deixar-te. Pensa em Deus, minha amiga, e lembra-te de que só Jesus Cristo é que pode salvar-nos.

—Eu já recebi a comunhão.

—Muito bem; porém não fies a tua salvação de mais ninguém senão de Jesus Cristo. Por Ele serás salva.

—Assim o farei... porém não vás ainda, senta-te aqui junto de mim.

Dôres calou-se e sentou-se, orando em silencio por sua amiga. Passados alguns momentos, saiu para a sala, e, dirigindo-se ás mulheres que ali estavam, disse-lhes:

—Onde estão os paes de Antonia?

—Não sabemos—respondeu uma, muito secamente.

Dôres, apesar de notar que a sua pergunta não tinha sido bem recebida, continuou:

—Parece-me que as senhoras deviam apagar algumas luzes do altar. Antonia queixa-se do calor e do cheiro da cera.

—Bem sabemos—respondeu a tia de Antonia—aquilo que temos de fazer. E a proposito; a senhora far-nos-hia um grande favor não tornando aqui até que Antonia esteja livre de perigo. O confessor prohibiu que fale com certa classe de gente... e...

—Sim—interrompeu Dôres—e entre essa classe de gente estão Julião, sua mãe e sua mulher, não é verdade? Pois bem, retiro-me, porém graças a Deus que em minha casa orarei pela minha amiga, e sei que Deus me ouvirá.

—Já lhe dissemos que pode retirar-se—exclamaram todas.

—Sim, retiro-me—disse Dôres com as lagrimas nos olhos—retiro-me, e que Deus vos perdôe o mal que me fazeis.

As mulheres continuaram por alguns momentos falando, e Dôres saiu, chorando, em direcção de sua casa. Ao verem-na entrar assim, sufocada pelas lagrimas, Julião e Josefa levantaram-se apressados, interrogando-a:

—Morreu?

—Não—respondeu Dôres.

—Então que foi?

—Ai!... por ordem do confessor não podemos entrar mais naquela casa.

—E então isso é motivo para que te aflijas assim dessa maneira? —exclamou Julião.

—Sim, porque quero muito a Antonia, e desprezam-nos sem saber porquê!

—Sem saber porquê?—disse Josefa—Não digas isso; eles de mais o sabem; é porque nós somos cristãos e eles não; eis ahi o motivo.

—Porém podíamos ter feito tanto bem a Antonia... que...

—O mesmo lhe podemos fazer agora—disse Julião.—Oremos sem cessar por Antonia, e Deus nos ouvirá. Quanto ao mais, preparemo-nos para sofrer toda a classe de desprezos e insultos,

porém pensemos no que disse Jesus Cristo: «Lançar-vos-hão fóra das sinagogas; e virá tempo em que, quando qualquer vos matar, julgará que com isso faz um serviço a Deus». Confiança, pois, e oremos ao Senhor pelos nossos inimigos.

CAPITULO VI

Manda-o minha filha, e é quanto basta

Ao declinar da tarde do dia seguinte em que Antonia recebeu o *Viatico*, a sua cabeça estava um pouco mais leve, manifestando alguns sinais de melhoras. Perguntou então por Dôres.

—Não está aqui—respondeu a mulher que cuidava dela.

—Nesse caso chamem-na—disse ela.

A mulher saiu da alcova para dar conhecimento aos pais de Antonia do desejo que ela acabara de manifestar. A mãe enxugou as lágrimas, procurou tranquilizar-se para entrar no quarto de sua filha, á qual perguntou carinhosamente:

—Que queres, minha filha?

—Quero ver Dôres.

—Para quê? O confessor disse que não falasses com ela.

—Não quero saber do que disse o confessor; o que eu quero é falar com ela, e tanto basta. O confessor encheu-me de muito medo, impoz-me uma penitencia que... finalmente, quero ver Dôres.

—Minha filha, socega, não penses em nada, nem te recordes de nada.

—Minha mãe—disse Antonia, já bastante agitada—já disse que quero ver Dôres, e hei-de vê-la. Ela entende-me e diz-me umas coisas que ninguém as sabe dizer... quero ver Dôres, já disse... e se fosse possível...

Mestre João, desejoso de ouvir o que dizia sua filha, tinha-se aproximado pé ante pé da alcova, escutou a petição de sua filha, e em seguida entrou e disse resolutamente.

—Para que queres ver Dôres?

—Para falar com ela—respondeu Antonia.

—Pois espera, que eu mesmo vou chamal-a.

—Muito obrigada, meu pae, muito obrigada...

João saiu da alcova, e sua mulher apoz ele, dizendo-lhe:

—Porém espera, homem; vê o que fazes!

—O que faço?—perguntou ele muito secamente.

—Então sempre vaes chamar essa mulher?

—Sim; e não só a ela como tambem o seu marido.

—Homem, tu estás...

—Estou como queiras que esteja, porém agora vou chamal-os.
Pede-o minha filha, e é quanto basta.

—Porém o padre Francisco disse que não e... não.

—E minha filha diz que sim, e... e sim.

E João, sem fazer caso do que dizia sua mulher, acompanhada no mesmo tom pela tia de Antonia, saiu em direcção da oficina de Julião, pedindo a este a sua mulher e sua mãe que fossem a sua casa, logo que fechassem a porta.

Dôres, acompanhada de seu marido, entrou na casa de sua amiga.

—Antonia—disse Dôres muito baixinho.

—Ah! és tu?—respondeu a filha do carpinteiro, reanimando-se.

—Como estás?

—Mal, Dôres, muito mal; porém não sei que voz secreta me diz que desta vez ainda não morro.

—Tem confiança em Deus e está socegada, filha, esperando que a Sua vontade seja feita... porém não fales mais...

—Mas eu quero falar-te.

—E a cabeça?

—A cabeça já não me doe tanto. Oh! se tivessem continuado as mesmas dôres de hontem, certamente que já não seria deste mundo... Não podiam deixar-nos sósinhas?—disse para duas mulheres, suas visinhas.

—Sua mãe—respondeu uma delas—disse que a não deixassemos nem um instante só.

—Pois saiam agora e vão para a sala.

—Olha—disse Antonia quando se viu sósinha com Dôres—tu és a pessoa em quem tenho mais confiança, e por isso, se eu morrer, desejo encarregar-te de certas coisas...

—Antonia, querida Antonia—interrompeu Dôres—não te alteres, socega. Não disseste ainda ha pouco que não morrerias desta vez?

—Não me altero, Dôres, e tão pouco penso em morrer.

Depois de descansar um momento, disse:

—Recordas-te de que, no dia de Santo Antonio, em que fui para o campo, ao despedir-me de ti te disse: *Mau dia vou ter?*

—Sim.

—Vê então como acertei sem ser profetiza. Por mais que pedisse de todo o meu coração ao Santo, não fui ouvida dele.

—Olha, Antonia, e crê o que te vou dizer: Em lugar de pedires a Santo Antonio, pede em nome de Jesus. Foi Ele que te remiu com o Seu sangue; Ele te chama; para que deixar a Deus pelo homem, o certo pelo duvidoso?

—Sim, sim, tens razão... Olha, hontem quando me deram o *Santissimo* pareceu-me que estava tranquila, porém hoje, que a minha cabeça está um pouco mais leve, as duvidas assaltam o meu espirito; pois que a verdade é que, quando me confessei, com a cabeça já quasi perdida, o P.^e Francisco me falou da morte, do inferno, e não sei de quantas coisas mais. No estado em que tinha a cabeça, a minha confissão...

—Antonia, só Deus pode perdoar os pecados; portanto, só a Ele é que deves confessar-te; dize-Lhe, pois: «Pae, pequei contra Ti, mas

por amor de Jesus Cristo perdôa todos os meus pecados».

—E dize-me Dôres, Deus perdoa assim tão facilmente? Não haverá nada que purgar?

—Não, não ha nada, porque Cristo purgou tudo.

—Ai, Dôres, se eu pudesse crêr nisso, que bem sentiria!

—Se queres, esta noite virá Julião, e ele te falará a esse respeito.

—Sim, quero, que venha. Tenho um encargo a fazer-te. Abre a gaveta daquele toucador e vê se ali ha uma caixinha; dentro dela ha uns brincos, a um falta-lhe fazer o aro; sabe quanto custa e dize-mo.

Dôres obedeceu, fazendo o que Antonia lhe havia recomendado.

As duas amigas pouco depois despediram-se, e Dôres saiu em direcção a sua casa.

Vejamos entretanto o que fazem mestre João, sua mulher e a tia de Antonia, irmã de João, que estão na oficina.

—Tenho dito—dizia a sr.^a Brigida—que não quero que essa mulher esteja ahi, e não estará.

—E Antonia—respondeu o carpinteiro—disse que quer que esteja, e estará.

—Porém tu queres perder a alma da pequena? perguntou sua irmã.

—O que vós ambas quereis é que eu perca a paciencia, e então...

—Essa mulher cheira-me a enxofre, João.

—E dize-me, querida Brigida, não te cheirava a enxofre quando lhe recomendavas que tivesse cuidado da nossa casa?

—Então não sabia o que eles eram.

—Sim, que o sabias, porque na noite em que baptizaram o seu filho foste á capela dos protestantes vê-lo baptizar.

—Eu não sabia que eram tão maus como são.

—Porém eles que te fizeram?

—A mim nada, porém o P.^e Francisco sabe-o muito bem, e por isso ele diz o que diz. Estou certa de que agora Dôres está dizendo a nossa filha que não acredite em Deus nem nos santos, para que morra em pecado e seja condenada.

—Isso—observou a tia—se não a matar.

—Quando digo que...

—Esta noite—interrompeu Brigida—vou chamar o P.^e Francisco para que confesse outra vez Antonia.

—E eu, se torno a ver o padre dentro de minha casa, vós e ele saireis correndo pela porta. Repara, Brigida, que estou meio louco, que jámais te faltei ao respeito; porém eu sei que Dôres não diz a nossa filha nenhuma coisa má, e que não quero o padre em minha casa. Se até aqui tenho sido fraco, agora não o sou.

—Digo-te que virá o P.^e Francisco... e ha-de vir.

A disputa terminou, saindo mestre João a tratar dos seus negocios, e Brigida saiu apoz ele para ir falar com o padre, a quem disse:

—Ah! meu padre! minha filha quiz ver a mulher de Julião, e meu marido foi chamal-a.

—Pois é necessario impedir que ela lhe fale.

—Oh! senhor! Já estão falando ha bastante tempo!

—Porém, qual é a opinião de seu marido a tal respeito?

—Meu marido diz que Dôres não diz coisa alguma que seja má a Antonia!

—Então como se entende isso? Não diz nada que seja mau? Julgue a senhora por si mesma. A primeira coisa que sem duvida lhe terá dito é que não faça caso daquilo que eu lhe disse; que será bom que se entregue a Deus e que tenha confiança n'Ele (e isto para a enganar, pois que este é o sistema dos protestantes), porém que não satisfaça a penitencia, porque é uma loucura que dá muito incomodo; tambem lhe terá dito que pode muito bem salvar-se sem

recorrer a nenhum santo; e que não creia de maneira nenhuma no poder e intercessão de Maria Santissima.

«Oh! contra a bemaventurada Virgem certamente que terá dito coisas que não estão na cartilha; como, por exemplo, que nunca existiu, que não foi pura e...

—Oh! que horror! que horror!—exclamou Brigida com os olhos fóra das orbitas, como tomada dum grande espanto, e acrescentou:

—E não poderá vir agora comigo, que não está em casa meu marido?

—Sim, sr.^a Brigida.

—Então corramos a salvar minha filha.

O sacerdote saiu em companhia da sr.^a Brigida, para visitar Antonia. Na oficina já estava mestre João, que, oferecendo uma cadeira ao padre, lhe disse:

—Poderá dizer-me a que devo a honra da sua visita?

—Sim, senhor—respondeu o P.^e Francisco;—sua mulher disse-me coisas muito graves e serias.

—Minha mulher fala mais do que aquilo que deve...

—Não se altere, sr. João—disse o sacerdote, acrescentando:—Não trate assim sua pobre mulher.

—Nunca—respondeu mestre João—tratei mal a minha mulher nem a ninguém, porém agora empenharam-se em se oporem áquilo que eu ordeno, e isto não posso consentir-o.

—Mas em que se opõem á sua vontade?

—Em que não quero que contrariem minha filha no estado em que ela está.

—Aquele que mais quer mal a Antonia é vocemecê.

—Eu?

—Sim, senhor; vocemecê, que lavra a eterna condenação dela, lançando-a no inferno, onde será para sempre atormentada, porque,

estando prestes a sua ultima hora, vocemecê, seu pae, ácerca de pessoas que...

—Essas pessoas são tão dignas como V. S. e como eu— exclamou o carpinteiro com certa energia, e acrescentou:—Que mal lhe fizeram Dôres e seu marido para que fale dessa maneira?

—São uns herejes—respondeu o sacerdote—que renegam a fé cristã.

—P.^e Francisco, se não tivesse em atenção o seu character sacerdotal, dir-lhe-hia claramente que aquilo que diz não é verdade.

—Como! eu minto!—exclamou o padre, levantando a voz.

—Ouça, sr. padre: na minha casa ninguem levanta mais a voz do que eu.

—Eu sou um ministro de Deus e tenho poder para erguer a minha voz sagrada, sempre e onde seja necessario.

—João, sê prudente—disse a sr.^a Brigida em voz suplicante.

—Cala-te—respondeu o marido; e em seguida, dirigindo-se ao padre, disse-lhe:—Para que veja como eu respeito esses direitos, peço-lhe que me diga franca e claramente o que quer, ou então que saia de minha casa.

—Bem—respondeu o padre,—venho confessar sua filha, pois de contrario morre em pecado e será condenada, por ter falado com essa mulher que está excomungada.

—E eu digo-lhe que não confessará minha filha, e que, pelo contrario, o Sr. Julião e sua mulher estarão constantemente em minha casa e á cabeceira de minha filha.

—Pois eu não respondo pela sua alma, nem nenhum santo estará á sua cabeceira quando exale o ultimo suspiro, e, o que é mais ainda, ninguem lhe dirá uma missa por sua alma, pois que será inutil.

—Tão inutil será então como o é agora. Não fui senão uma vez á capela dos protestantes, e nessa ocasião tirei mais proveito do que em todas as vezes que fui á missa. Ali se lê e prega o Evangelho. Ali

o ministro roga a Deus pela nação, pelo governo, pelos enfermos, pelos pobres e pelos aflitos. Ali os assistentes tomam parte no culto cantando hinos. Ali falam em hespanhol, de modo que o senhor e todos podem entender o que se diz. O senhor que lingua fala quando diz missa? Tanto pode ser mouro, como grego, como latim; o que eu sei é que não entendo palavra.

—Nem faz falta que entenda; o que lhe faz falta é crêr.

—Mas crêr em quê?

—No valor da missa.

—Porém, que valor tem a missa?

—Muito.

—Pois eu dou-lhe uma libra para que diga uma missa afim de que minha filha fique boa.

—A missa não cura senão as enfermidades da alma.

—Pois então enganaram minha mulher, pois que eu sei que lhe aconselharam a que mandasse dizer missa pela saude de minha filha.

—Parece mentira que um homem que tem em sua casa um altar dedicado a Santo Antonio fale dessa maneira.

—O que vou fazer do Santo Antonio, mais tarde o verá. Como me ha-de ouvir ele, se não é mais do que um pedaço de madeira? Fique sabendo que eu vi esse Santo quando tinha cortiça. Do mesmo tronco de madeira fizeram o Santo e um cavalo.

—Oh! não posso ouvil-o por mais tempo.

—Pois o que lhe digo é verdade; o escultor é muito meu amigo.

—Por ultimo, permite-me que confesse sua filha?

—Não, senhor.

—E que lhe fale?

—Tambem não.

—Julião falará com ela?

—Sim, senhor. E a mim me ensinará a viver; a sua casa é mais abençoada do que a minha.

—Não durará muito essa benção, eu lho prometo, nem habitará por muito tempo na casa onde mora.

—Pode fazer tudo o que quizer.

CAPITULO VII

A visita

Retrocedamos e voltemos a encontrar Dôres no momento de entrar em sua casa, depois da visita que fez á sua amiga.

Julião e sua mãe, apenas a viram, perguntaram-lhe como estava Antonia, e, ao saberem que ia melhor, Julião exclamou:

—«A oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o aliviará.»

—Deus é fiel—acrescentou a sr.^a Josefa.

Dôres contou a seu marido a conversa que tivera com Antonia, e o encargo que ela lhe fez dos brincos.

Á hora do costume Julião fechou a porta da loja, e, munindo-se da sua Biblia, saiu, acompanhado de sua mãe e Dôres, em direcção da casa de mestre João. Bateram de mansinho á porta, que João veio abrir.

—Entrem para a oficina. Antonia está dormindo, e o medico, bastante surpreendido, disse que isto era um bom sinal.

Na carpinteria estavam a senhora Brigida, a tia de Antonia e mais tres mulheres.

—Boas noites—disseram ao entrar.

—Boas noites—responderam com certa reserva as pessoas que ali estavam.

—Então Antonia está dormindo? Oh! isso é um bom sinal.

—E diga-me, sr.^a Brigida, se sua filha chegar a ter saude, a quem atribue essa graça?

—Eu atribuo-a ao bemaventurado Santo Antonio, que jámais me negou o que eu lhe tenho pedido.

—Permite-me, querida Brigida—interrompeu mestre João—que te diga que o tal Santo Antonio não te ouviu na ocasião presente. Eu já dantes estava certo, porém agora estou certissimo, de que Santo Antonio não te ouviu, nem te ouve, nem jámais te ouvirá, ainda que o chames com uma buzina.

—Certamente que, tendo um marido tão pouco devoto como tu, ainda que chame por todos os santos da côrte celestial, nenhum me ouvirá.

—Com que então eu sou um impio! E como o sabes tu? O que me pésa no coração não é o ter-me oposto a que Antonia se confessasse, mas sim ter sido tão fraco que permitisse que o padre Francisco a tenha confessado. Tendel-o entendido? Demais, agora creio-me menos impio do que antes, porque, em lugar de não pensar nada em Deus, agora penso alguma coisa.

—Senhores—interrompeu Julião,—se me permitem, direi algumas palavras, as quaes, com o auxilio de Deus, nos serão muito uteis para esclarecer esta questão.

—Senhor Julião—disse Brigida,—todos sabemos as doutrinas que professa; eu sei o que creio, e nada me desviará dessa crença.

—Muito bem, senhora Brigida—respondeu Julião,—porém permita-me uma pergunta? Em que crê?

—Eu creio no que diz a Igreja.

—E que diz a Igreja?

—A Igreja diz... diz... diz o que diz; eu bem sei o que diz.

—Mulher—interrompeu o carpinteiro,—com essas razões ficamos inteirados.

—Diga-me, sr.^a Brigida—esclamou Julião,—que conseguiu Antonia com a confissão que fez ao P.^e Francisco?

—Muito—respondeu a mulher do carpinteiro,—pois se daquela ocasião tivesse morrido certamente que se salvava.

—Isso não é certo, pois que a confissão não salva ninguem, porém, apesar de tudo, diga-me: quantas coisas são necessarias

para fazer uma boa confissão?

—Sim, senhor, são cinco; Catecismo do Padre Ripalda *sobre a penitencia*, (pag. 54) exame de consciencia, dôr do coração...

—Ouve—interrompeu o marido,—eis ahi o que não tinha nossa filha; o que ela tinha era uma forte dôr de cabeça.

—Cala-te e não digas loucuras... dôr de coração, proposito de emenda, dizer os pecados ao confessor e cumprir a penitencia.

—Muito bem, e crê que sua filha, hontem de tarde, atormentada pelas dôres da doença, estava nas disposições de ter esses requisitos, sem os quaes, segundo a Igreja romana, não se pode fazer uma confissão capaz de obter o perdão dos pecados? Vejamos: Antonia, em consequencia do ataque cerebral, sofrendo da cabeça horivelmente, vae confessar-se; preparam-na de antemão para isso! dizem-lhe que o confessor irá dali a uma hora, e que é preciso fazer exame de consciencia; nada menos do que passar em revista tudo o que disse e fez desde a ultima vez que se confessou. Dali a uma hora vem o confessor, e a joven, que não pode sequer abrir os olhos, e a quem o menor ruido incomoda, tem que ouvir e responder ás perguntas que ele lhe faz; isto se ela pode falar, pois que do contrario o confessor pega-lhe na mão e começa a confessal-a pelos dedos. Depois disto, que não é pouco, vem a penitencia, que geralmente consiste em rezar tantos Padre Nossos, tantas Avé Marias, tantas Salvé-Rainhas, tantos Cremos, etc. Suponhamos agora que o penitente tem dôr do coração e muito proposito de emenda; porém terá forças para cumprir a penitencia e fazer exame de consciencia? Mas isto ainda não é tudo; dali a uma hora vem o *Santissimo*, que muitas vezes é administrado ao enfermo no periodo agudo da doença, e estão tão convencidos de que é difficil ao doente o tomar a *particula* que a todo o doente que a recebe pergunta o sacerdote: *Já passou?* Por consequencia, sr.^a Brigida, são estas as boas disposições para a gente se salvar?

A mãe de Antonia calou-se, e algumas mulheres, e com elas o sr. João, disseram maquinalmente:

—Tem razão.

Julião conheceu que estava senhor da situação, e, levado dum grande zelo em anunciar o Evangelho, continuou desta maneira:

—A um enfermo não se deve falar senão de Jesus; na Palavra de Deus encontram-se frases tão consoladoras como estas: «O sangue de Jesus-Cristo nos purifica de todo o pecado». «Ainda que ande nos vales da sombra da morte, não temerei mal algum». «Na verdade, na verdade, vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna». «Eu, diz Jesus, sou a ressurreição e a vida; aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá». Estas palavras necessariamente comoverão o enfermo e o farão exclamar:—E quem és tu?—E então o Filho de Deus responde ao enfermo: «Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a vida pelas Suas ovelhas». «Eu sou Jesus». E «todo aquele que vem a mim, não o lançarei fóra»...

Quando Julião acabou de falar, fez-se um silencio profundo. Por fim, uma das mulheres disse:

—Sabe que gostei muito do que acaba de dizer, e que nunca ouvi falar assim?

—Parece que o que dizes tem visos de verdade—acrescentou a irmã de mestre João.

—Senhora—disse Julião,—as palavras do Evangelho são verdadeiras; porém, tornando á nossa questão, repito: Crêem que a confissão, feita da maneira por que a Igreja a preceitúa, salva?

—Se não salva—respondeu Brigida,—temos feito tudo o que podemos para que assim seja.

—Porém, amiga, é um deploravel erro crêr que a confissão feita ao ouvido dum sacerdote pode abrir as portas do céu. Na Biblia Sagrada não ha uma só palavra ácerca da confissão secreta; nem tão pouco os apóstolos a praticaram. Mas, apesar de tudo, a sua filha ficou mais tranquila, depois que se confessou?

—Não, senhor—apressou-se a dizer mestre João.

—Desejou ver outra vez o seu confessor?

—Não, senhor; opõe-se tenazmente a isso—respondeu ainda o carpinteiro.

—Opõe-se a isso—disse Brigida—porque não falta quem lhe meta na cabeça idéas corrompidas.

—Senhora Brigida—exclamou Julião—se diz isso referindo-se a minha esposa, eu lhe asseguro que Dôres não disse a Antonia palavra alguma má. Estou certo de que não lhe falou senão de Jesus, seu Salvador.

—Pois eu não sei outra coisa mais senão que minha filha não quer ver o P.^e Francisco, e ela terá as suas razões.

Neste momento a mulher que velava por Antonia entrou na oficina para dizer que Antonia tinha acordado e que chamava. Suspendeu-se, pois, a conversação, e todos se dirigiram para a sala, entrando Brigida tão sómente na alcova.

Brigida aproximou-se do leito de sua filha e perguntou-lhe:

—Como estás, minha filha?

—Bastante melhor—respondeu a enferma, que acrescentou:—Dôres não veio?

—Sim, está ali.

—Pois então que venha.

A mulher do carpinteiro saiu da alcova, e pouco depois todos entraram nela. Trocadas algumas palavras referentes ao estado de Antonia, Julião disse-lhe:

—Antonia, disseram-me que desejava ver-me. Diga-me: em que lhe posso ser útil?

—Ah! Julião, desejava vê-lo anciosamente, e agora essa anciedade aumentou.

A enferma calou-se por alguns instantes. Depois, fitando os olhos em Julião, com uma expressão indescritível, perguntou-lhe:

—Qual é o caminho que conduz ao céu?

Julião vacilou por alguns momentos, comovido pela anciedade daquela pergunta, e por fim disse:

—Vou dizer-lho, querida amiga. Jesus é quem lhe responde: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.» Jesus, pois, é o caminho que conduz ao céu?

—Bem... porém que tenho a fazer para seguir esse caminho e entrar no céu?

—O mesmo Jesus o diz: «Não temas; crê sómente, e serás salva».

—Porém crêr, em quê ou em quem?

—«Se confessares com a tua boca ao Senhor Jesus e crêres do teu coração que Deus O ressuscitou dos mortos serás salva.» «Crê no Senhor Jesus e serás salvo». Isto é o que diz a Santa Palavra.

Julião ficou silencioso, observando o efeito que aqueles textos faziam na enferma. Por fim, Antonia disse:

—Porém não tenho que fazer nada para salvar-me?

—A Palavra do Senhor diz-lhe: «Crê sómente e serás salva», e acrescenta: «Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo.»

—Porém, Julião, isso parece-me uma coisa impossível, porque sou muito pecadora...

—Sim? Pois precisamente por isso póde apropriar a si as palavras de Jesus, que diz: «Não vim a chamar os justos, mas sim os pecadores». Pode por isso considerar que Deus perdoa gratuitamente, mas, se ainda lhe resta alguma duvida, atenda que é o proprio Jesus que vae falar: «O Filho do Homem veio buscar e salvar o que havia perecido; e todo aquele que vem a mim, não o lançarei fóra».

—Ah! Julião, que doce consolação para a minha alma! Porém parece-me impossível que Deus me ame dessa maneira.

—Ouça o que diz a Sua Palavra: «De tal maneira Deus amou ao mundo, que lhe deu Seu Filho unigenito, para que todo o que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna.»

—Oh! como Deus é bom! Porém, como nenhum dos meus confessores me disse nada dessas coisas, senão que, ao contrario, o P.^e Francisco, apesar da fraqueza em que eu estava, me sobrecarregou com uma penitencia que...

—Os confessores sabem a razão por que calam essas coisas, e a menina tambem algum dia o saberá. Agora o importante é que creia no bom Jesus, e que o aceite como seu Salvador.

Houve outro momento de silencio; ninguém se atreveu a interrompel-o. Por fim, mestre João disse:

—Parece incrível que os padres não nos ensinem coisas tão boas como as que Julião acaba de dizer-nos.

—Meu pae—disse Antonia,—desejo possuir um livro como o de Julião.

—Sim, minha filha, ámanhã mesmo o terás, se Julião me disser onde se vendem.

—E que lhe parece tudo isto?—perguntou a sr.^a Josefa a Brigida.

—Oh! parece-me que é muito bom—respondeu esta,—porém a mim não ha nada que me arranque ás minhas opiniões.

—Senhores—interrompeu Julião,—creio que incomodamos a enferma, e que devemos retirar-nos.

—Não—replicou vivamente Antonia,—a mim não me incomoda; pelo contrario, não sabe o bem que as suas palavras causaram á minha alma, e a paz que sinto; porém de que modo pedirei perdão ao Senhor para o obter? Sou uma pobre pecadora, que se encontra ás portas da morte.

—Visto que deseja falar, falemos. «Um homem teve dois filhos, e disse o mais moço deles a seu pae: Dá-me a parte da herança que me toca. *E passados não muitos dias*, depois de ter recebido a herança, partiu para uma terra muito distante, num paiz estranho.» Um pecado nunca vae só; sempre arrasta outro consigo.

«O joven, ao ver-se em perfeita liberdade, e possuidor de grandes bens, gastou tudo o que seu pae havia ganho. Porém gastou-o em

coisas santas? Em esmolas? Não; «dissipou toda a sua fazenda, vivendo dissolutamente.» Bem depressa o joven se viu reduzido á pobreza. Que fazer? Deus enviou áquele paiz uma grande fome, e o joven, só e pobre, teve que sofrer aquela praga até ao ponto de desejar as landes que comiam os porcos que ele guardava. Neste estado, entrando em si, veio-lhe á imaginação *a sua casa e o seu pae*. «Quantos jornaleiros—disse ele—ha em casa de meu pae que teem pão em abundancia, e eu aqui pereço á fome!» Desta reflexão nasceu outra em sua alma. Quanto tenho pecado! Que fazer? «Levantar-me-hei, e irei buscar a meu pae, e dir-lhe-hei: Pae, pequei contra o céu e deante de ti: já não sou digno de que me chames teu filho; *faze de mim como dum dos teus jornaleiros*». Concedeu-lhe o pae o que ele pediu? *Não, mil vezes não*. O pae vê vir lá ao longe um homem, esfarrapado, coberto de pó. Alguns homens do povo passam junto dele, olham-no de alto a baixo, porém não o conhecem. Ah! os olhos dum pae vêem a uma grande distancia. O ancião reconhece naquele, que parecia um mendigo, seu filho, e corre ao seu encontro, abraça-o, e, quando lhe ouve a confissão que ele faz, reconhece o seu arrependimento, e não diz! «Trazei-lhe uma enxada ou uma pá», mas sim: «Tirae depressa o seu primeiro vestido e vesti-lho, metei-lhe um anel no dedo e uns sapatos nos seus pés; trazei tambem um vitelo bem gordo, e matae-o para comermos e para nos regalarmos.»

—Agora, meus amigos—continuou Julião—apliquemos esta parábola a nós mesmos. Todos temos pecado. Cada um de nós é um filho prodigo, nosso pae é Deus, e perdoar-nos-ha Ele? Sim, certamente, porque «se o estipendio do pecado é a morte, a graça de Deus é a vida perduravel em Cristo Jesus» (*Rom. 6: 23*). Deste modo se explicam as palavras de Jesus: «Assim vos digo que haverá maior jubilo no céu sobre um pecador que se arrepender do que sobre noventa e nove justos que não hão mister de arrependimento» (*Luc. 15: 7*). Não crê, querida Antonia, que Deus quer e pode perdoar-lhe desta maneira?

—Oh! difficil é explicar o que sinto; sómente posso dizer que creio de todo o coração que Jesus é meu Salvador e que estou salva.

—Que o Senhor abençoe a sua fé.

Todos se levantaram para se despedirem; Julião e sua família dirigiram-se para casa.

João e as mulheres ficaram falando, com louvor, de Julião. Brigida sómente repetia:

—Não, não, a mim não ha nada que me arranque das minhas opiniões. Parece verdade, parece...

Pouco tempo depois toda a gente, menos a tia de Antonia, que ficava aquela noite a cuidar dela, se retirou para descansar.

CAPITULO VIII

A calunia

Passaram quinze ou vinte dias desde que Julião anunciou o Evangelho em casa de mestre João. Antonia, obtendo sensíveis melhoras, havia entrado em convalescença, e, se bem que ainda fraca, costumava vir para o pateo, onde passava algum tempo acompanhada por Dôres, ambas sentadas, lendo ou conversando.

—Numa dessas tardes, depois de terem lido e meditado sobre uma passagem do Evangelho, Dôres disse á sua amiga:

—Antonia, amanhã é o dia em que devo ir buscar os brincos.

—Ámanhã!... Eis aqui a primeira parte de Santo Antonio!... Não sei como o direi a meu pae.

—Ouve, Antonia; Julião não teria inconveniente algum em dar-nos os 600 reales que custa o concerto; graças a Deus, hoje temos essa quantia; porém alguém poderá reparar em que tratamos de enganar teus paes.

—Sim, Dôres, sim; o melhor é que nós mesmas digamos tudo a meu pae.

—E porque não dizêl-o a tua mãe? Não julgas que seria melhor?

—Não, Dôres; infelizmente, minha pobre mãe, imbuida pelos conselhos de algumas pessoas, está muito reservada para comigo; o outro dia vi-a ajoelhar-se deante de Santo Antonio, e ouvi-lhe pedir a minha morte, chorando copiosamente.

—A tua morte!

—Sim. Minha mãe julga que eu estou condenada, e, segundo pude compreender, essa crença dimana daquilo que algum padre lhe tem dito, pois que ela dizia ao Santo entre outras coisas: «Santo Antonio, peço-te que faças entrar no bom caminho a minha filha;

prometo que mandarei dizer uma missa todos os primeiros sabados de cada mez, e isto enquanto eu viva, se fizeres com que minha filha volte ao seio da Egreja Catolica Romana. Porém se isto não pode ser, dá-lhe um momento de arrependimento, e depois manda sobre ela um raio da tua divina graça e leva-a para ti.»

As duas amigas guardaram silencio, profundamente impressionadas ao considerarem a oração dirigida por Brigida ao Santo. Depois de alguns momentos, Antonia disse:

—Agora chama meu pae, para lhe falarmos dos brincos.

Dôres ia chamar João, quando este apareceu no limiar da porta.

O carpinteiro tinha mudado completamente. Desde que sua filha se poz boa, recobrou o seu genio alegre; e, relativamente ás suas idéas, devemos dizer que tambem haviam experimentado alguma mudança, como já tivemos ocasião de ver.

—Passava—disse ele, sorrindo-se—da sala para a oficina, vi-as juntinhas e disse: Vamos ver de que se ocupam as duas amigas.

Antonia fez sinal á sua amiga para que principias-se a conversa, Dôres compreendeu-a, e disse ao sr. João, rindo-se:—Realmente quer saber do que estavamos falando?

—Sim, senhora.

—Mas se lhe custar cara a sua curiosidade?

—Ah! então vocês vão pôr a preço o seu segredo?

—Sim, senhor. Não o vendemos por menos de seis libras.

—Nesse caso, eu vol-as darei sem regatear.

—E nós—disse Antonia—confiamos na sua palavra.

Dôres, deixando o seu ar alegre e tomando outro mais serio, disse:

—Sr. João, deve estar muito agradecido a Deus, que lhe restituiu a sua filha. Tambem deve estar crente de que, terminando a doença de Antonia, terminaram as consequencias da vespera e do dia de Santo Antonio; porém realmente não terminaram.

—Mas a que vem esse discurso—perguntou o sr. João, acrescentando:—De vagar, de vagarinho.

—Então já que assim o quer, lá vae. Na vespera de Santo Antonio, na ocasião da dança, caíram ao chão alguns pares. Antonia tambem caiu, como sabe, e na queda perdeu um brinco de diamante, cuja compostura valia precisamente as seis libras que valia o nosso segredo.

Dôres em seguida calou-se. Mestre João ficou pensativo, e depois perguntou:

—Onde está o brinco?

—Em casa do ourives—respondeu Dôres.

—Porém tua mãe sabe-o?

—Não, meu pae; eu dei a guardar o brinco a Dôres para que o entregasse a vocemecê, se eu morresse, e, se me restabelecesse, pensava mandal-o concertar, sem dizer-lhe nada, e por meio do meu trabalho arranjar a quantia precisa para a compostura, porém Dôres aconselhou-me a que dissesse isto mesmo a meu pae.

—Bom conselho; vou dar-te o dinheiro, e eu direi a tua mãe o que se me oferecer sobre o caso; ou ela pega no santo e o põe onde eu o não veja, ou queimo-o para aquecer a cola. Não quero cá em minha casa mais santos de tal natureza. Tua mãe que vá com o santo e quantos desgostos nos tem causado. Nada, nada, para fóra de minha casa idolos de madeira. Não quero que haja aqui outra coisa senão a Biblia; isso me basta.

O carpinteiro e sua filha meteram-se em casa, e poucos momentos depois apareceu Antonia ao limiar da porta para dar o dinheiro a Dôres.

As duas amigas separaram-se sem reparar numa pessoa que as escutava, e que exclamou quando elas desapareceram:

—Que descoberta! Corro a ver se encontro o P.^e Francisco para dizer-lhe o que vi e ouvi. Suas palavras eram muito misteriosas. Não, não as esqueço, e logo... lhe deu muito dinheiro, muito, muito.

Aquela que assim falava subiu as escadas com a agilidade que lhe permitiam os seus muitos anos.

Como havemos de encontrar esta personagem, vamos descrevela a largos traços.

Era a comadre Claudina, uma mulher que andava pelos seus setenta anos de idade. O nome com que vulgarmente era conhecida no bairro era o da *tia dos enredos*, e realmente que assim era. O seu prazer era falar duns e outros, e não poucas dissensões tinha causado em muitas casas. Sustentava-se esta mulher de esmolas que lhe davam.

Não implorava a caridade publica, porém sabia perfeitamente levar a vida para arranjar donativos da Sociedade de S. Vicente e outras; além disso, nunca faltava às festas de igreja, e ali se colocava junto da pia da agua benta, que oferecia às senhoras da fidalguia, recebendo em troca, como esmolas, algumas moedas. Além disso, fazia quantos recados lhe mandavam, levando sempre o rosario na mão. Eterna bisbilhoteira, nada se sabia da sua vida, senão o que ela dizia: que era de muito boa familia, e que nunca quiz casar-se, apesar de se lhe oferecerem vantajosas ocasiões. Deste ser tão repugnante serviu-se o P.^e Francisco para se pôr ao facto da vida intima das duas familias, a de mestre Julião e a de mestre João.

A velha ouviu a conversa, e, sem saber do que se tratava, correu a casa do P.^e Francisco para dizer-lhe o que muito bem lhe pareceu, porém mentindo, e por tal modo que bem se pode dizer que a ela estava reservada a condenação descrita no Apocalipse, cap. 21: 8: «e... a todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte.»

Assim que chegou a casa do P.^e Francisco, disse-lhe:

—Senhor, descobri uma coisa espantosa. Esta tarde, quando vinha da igreja, de assistir á festividade das *Quarenta horas*, vi á porta a filha do carpinteiro com a mulher do vidraceiro. Estavam tão absortas na conversa que não repararam em mim. Eu aproximei-me, quanto pude, delas, e ouvi que Antonia dizia á sua amiga: «Ahi

tens o dinheiro, e arranja tudo isso depressa. Tenho dó de meus paes! Oh! se minha mãe soubesse!...» E passou-lhe para a mão uma certa soma de dinheiro.

O sacerdote ficou pensativo por alguns instantes, dizendo por fim:

—E quanto dinheiro julga que Antonia deu a Dôres?

—Pelos modos vinte libras—respondeu a velha.

—Tanto!

—Sim, senhor, deu-lhe até oiro, que eu bem vi.

O padre despediu a velha, recomendando-lhe o maior segredo, e dando-lhe uma peseta.

Claudina esperava maior recompensa do que esta, pelo que, quando chegou á porta da rua, começou a murmurar do padre, e fez comsigo o firme proposito de contar tudo ao mestre carpinteiro.

Logo que a velha saiu, o P.^e Francisco mandou chamar Brigida, e dentro de poucos momentos estava esta sentada ao lado do sacerdote, que lhe dizia:

—Acabaram de dizer-me que viram sua filha dar dinheiro á mulher do vidraceiro, uma soma bem boa.

—Minha filha! Ah! senhor! isso é uma calunia.

—Muito folgarei que assim seja.

—Sim, senhor, assim é, pois que minha filha não é uma ladra.

—Eu não disse tanto. Porém donde tirou Antonia o dinheiro que deu a Dôres?

—Tel-o-hia dado á minha filha a mulher de Julião para que o guardasse.

Esta razão de Brigida pareceu transtornar o padre. Aquilo podia ser verdade. Comtudo, disse á mulher do carpinteiro:

—Creio que não me enganaram quando me disseram isto; porém, pelo sim pelo não, será bom que vocemecê conte o dinheiro que tem em casa, para ver se lhe falta algum. Eu—acrescentou—não

digo que sua filha de proposito e caso pensado a roubasse, mas podia dar-se o caso de que o fizesse aconselhada pela mulher de Julião, que é um agente dos protestantes.

Brigida despediu-se do sacerdote, e saiu em direcção de casa. Quando lá chegou, seu marido tinha saído e sua filha estava em casa de Dôres.

Sobressaltada com o que o P.^e Francisco lhe havia dito, dirigiu-se á comoda, abriu uma das gavetas e tirou uma saquinha em que marido e mulher guardavam o fruto das suas economias. Despejou depois todo o dinheiro sobre a comoda e começou a contá-lo.

Quando acabou, uma palidez mortal cobria o seu rosto.

—Ter-me-hia enganado!—disse ela consigo; e tornou a contar.

Por fim, depois de contar duas, tres e quatro vezes o dinheiro, guardou-o na mesma saquinha, pôl-o no mesmo sitio, e deixando-se cair, quasi desfalecida, numa cadeira, exclamou:

—Parece-me um sonho!... Seiscentos reales! Não; Antonia não foi... ela tão boa, tão... porém D. Francisco sabe mais do que eu... sim, sim, enganaram-na. Ah! tratantes! Logo que venha João, dar-se-ha parte á autoridade, e cadeia com eles... Ah!—exclamou meio sobressaltada—e as joias que ela trazia na noite de Santo Antonio?... Onde as terá? Sim, já sei que ela me disse que as tinha na gavetinha do toucador.

A pobre mulher, meio louca, entrou na alcova de sua filha, abriu a gavetinha do toucador, e procurou com a maior anciedade. Encontrou o colar, porém faltavam os brincos.

—Mais esta ainda—exclamou.—Oh! Santo Antonio bemdito! Virgem do Amparo! Que fazer agora?... Vou já a casa do sr. padre Francisco pedir-lhe o seu conselho.

Brigida saiu, sem dizer nada em casa, em direcção da morada do padre Francisco.

Emquanto Brigida subia as escadas da casa do padre Francisco, chegava Antonia á sua, com os brincos que já Dôres havia trazido do ourives.

Seu pae já vinha perto de casa. Chegava á porta no mesmo momento em que a comadre Claudina sahia da sua.

—Guarde-o Deus, senhor João—disse a velha.

—Que Ele a acompanhe—respondeu o carpinteiro, dirigindo-se para dentro de casa.

—Senhor João—gritou a velha,—ouça uma coisa.

—Que é que tem para me dizer?

—Nada, senão que sinto muito a desgraça que acaba de o ferir.

—A mim?

—Sim, senhor... porém... já sei, vocemecê, como é tão bom, não quererá fazer-lhe mal algum... De resto, eles bem o mereciam.

—Senhora Claudina—exclamou o carpinteiro com impaciencia,—peço-lhe o favor de falar claro, que tenho pressa.

—Porém não sabe o que succedeu em sua casa?

—Não, senhora; como vê, chego agora de fóra e...

—Pois já tenho pena de ter principiado; mas emfim... Ouvi dizer na vizinhança que Dôres aconselhou sua filha a que lhe dêsse dinheiro, e esta tarde viram Antonia dar dinheiro a Dôres. Eu, no seu caso, metia na cadeia Julião, sua mãe e sua mulher.

O carpinteiro encarou com desprezo a velha, e dirigiu-se a casa, deixando-a á porta.

Entrando, deu as boas tardes aos seus officiaes, e subiu logo á sala, onde achou sua filha lendo.

—Boas noites, filha—disse ele.

—Boas noites, meu pae—respondeu Antonia.—Aqui estão os brincos, que Dôres já me trouxe.

—A proposito—interrompeu-a seu pae, pegando nos brincos,—sabes que te viram dar o dinheiro a Dôres, e diz-se pela vizinhança, sem duvida com má intenção, que Dôres te aconselhou a que lhe dês dinheiro.

—Santo Deus!—exclamou Antonia;—pode ser isso verdade?

—Sim, agora mesmo acaba de mo dizer a velha Claudina.

—O pae já sabe quem é essa mulher.

—Sim, já o sei; porém, quer seja ou não verdade o que ela diz, é bom estar prevenido. E tua mãe?

—Não sei; quando cheguei a casa, não estava cá.

—Parece-me que em todo este negocio anda a mão do padre Francisco. Tua mãe não está em casa, porém a roupa com que costuma sair está ali pendurada.

—Talvez que esteja aqui perto falando com alguma vizinha.

—Ou então em casa do padre Francisco... Espera, vou subir lá acima ao ultimo andar, onde mora o padre Francisco, para ver se tua mãe lá está... Oh! se ela lá estiver...

—Meu pae, peço-lhe que não se deixe levar do seu genio; tenha mão em si.

—Descança, que não farei mais do que dizer a tua mãe que desça cá para baixo.

Antonia ficou orando em silencio para que Deus tivesse compaixão de sua mãe, enquanto o carpinteiro subia as escadas que conduziam ao ultimo andar, que era a morada do padre Francisco, para ver se sua mulher estava lá ou não.

Efectivamente, estava ali chorando a pobre Brigida, e escutando os conselhos do padre Francisco.

Assim que este viu o marido de Brigida, levantou-se para o receber, e, apesar da resistencia que ele opoz, obrigou-o a entrar.

O padre, quando ele entrou, fechou a porta por dentro, e, quando mestre João se sentou, disse-lhe:

—Deus certamente que lhe inspirou a idéa de vir aqui. Provavelmente ignora o que succedeu em sua casa.

O carpinteiro num instante formou o seu plano, e disse num tom fingido:

—Vim aqui em procura de minha mulher; e estranho que ela esteja aqui, quando o seu lugar era em sua casa.

Brigida não se atrevia a olhar para o marido; o sacerdote disse:

—Sua esposa veio aqui procurar, no seio da verdadeira religião, remedio para os seus males.

—E porque, se tem algum pezar, mo não comunica a mim primeiro? Com que direito vem confiar os seus desgostos a um homem que não é o seu marido?

—Parece-me, sr. João, que duvida de sua esposa e de mim.

—De minha esposa não duvido, porém de si duvido.

—Talvez preferisse antes que sua mulher fosse aconselhar-se com o vidraceiro, não é verdade?

—Certamente; ele é um homem casado, e como pae de familia conhece o que são os pezares que muitas vezes nos torturam.

—Bom hipocrita é o tal Juliãosinho! Forte maroto.

João não pôde conter-se por mais tempo, e, erguendo-se, bastante excitado, disse:

—P. Francisco, se não estivesse em sua casa, tel-o-hia ensinado a ter cuidado com a lingua. Diga-me, o senhor que se chama ministro de Jesus Cristo: Em que pagina do Evangelho aprendeu a insultar assim uma pessoa que não está presente? Onde estão essa caridade e amor que devem revestir um ministro do Senhor? P. Francisco, muito pouco sei ainda do Evangelho, porém digo-lhe que o senhor será um ministro do papa ou do arcebispo, mas não é um ministro de Jesus.

—Repito o que ha pouco disse. Sofrerei com paciencia tudo o que disser. Com que então, porque não sou casado, não sirvo para dar conselhos a uma mulher casada? Então não pode haver religião, porque nenhum ministro é casado nem nunca o foi.

—Perdão... O senhor sabe perfeitamente que na primitiva egreja os sacerdotes eram casados, e a noite passada ouvi ler uns

versículos da Bíblia a Julião, os quaes dizem que os bispos e diaconos devem ser todos casados.

O carpinteiro voltou-se para sua mulher e disse-lhe:

—Vá, vamos daqui para fóra.

—Espere um pouco, mestre; ouça lá uma historia. Ha em Madrid uns aldeãos que teem uma filha. Esta filha cae doente, muito doente. Uns visinhos, muito amigos do pae, entram-lhe em casa e aproveitam-se da confiança que depositam neles para abrir as gavetas e roubar o que encontram. Sucede, porém, que a pobre enferma... passemos por alto alguns pormenores... a enferma tem na gaveta do seu toucador umas joias que lhe são roubadas por uma sua amiga; e, como se isto não fosse bastante, apenas se restabelece, a sua amiguinha a seduz para que roube seus paes, e hoje os visinhos da casa em que vivem viram a joven, ainda mal convalescente, entregar á sua amiga uma boa soma. Conhece as personagens desta historia?

—Sim, senhor.

—Continuará a crêr na sinceridade religiosa de Julião e sua familia?

—Mais do que nunca—exclamou com exaltação o carpinteiro.

Brigida e o P.^e Francisco entreolharam-se, possuidos de grande surpresa.

—Mais do que nunca—prosseguiu mestre João,—porque conheço o infame caluniador que sómente trata de perder um honrado pae de familia.

—Senhor João!...

—Senhor P.^e Francisco, prudencia, e escute-me como eu o tenho escutado. Na vespera da festa que tantas desgraças acarretou a minha familia, minha esposa adornou minha filha com as joias que eu lhe dei no dia do nosso casamento. Quando minha filha dançava perdeu uns diamantes dos seus brincos, e, prescindindo eu tambem dalguns pormenores, direi que minha pobre filha entregou esses brincos a Dôres para que os mandasse concertar se ela se

restabelecesse, e para que mos entregasse, se morresse. Minha filha julgava que Dôres adeantava o dinheiro, pagando-lhe ela a pouco e pouco. Dôres, porém, por ser sua amiga, aconselhou-a a que me contasse tudo.

«Assim o fizeram, e esta mesma tarde lhes entreguei o dinheiro que custou a compostura. Veja como tão cruelmente caluniaram uma família honrada, tão sómente porque o senhor ou outra qualquer pessoa viu minha filha dar o dinheiro á sua amiga. Sabe agora qual é o seu dever? Quer cumprir com o dever que o seu ministerio lhe impõe?

—Eu o que creio é que vocemecê está contando uma historia para salvar o vidraceiro. Aposto que não aparecem os brincos.

Mestre João, já meio fóra de si, levantou-se de novo, e, tirando do bolso um pequeno embrulho, disse:

—E chama-se ministro do Senhor! Não, e mil vezes não. Não o é.

Abriu o embrulho, tirou de dentro uma caixinha, abriu-a, e mostrou os brincos, cujas pedras, sob a acção da luz do candieiro, brilharam intensamente, ferindo a vista dos circunstantes. Então o carpinteiro, voltando-se para sua mulher, disse-lhe:

—São estes os teus brincos?

—São—respondeu Brigida, depois de os ter examinado.

—Então, P.^e Francisco, sabe agora qual é o seu dever?

—Qual?

—Como cristão, como sacerdote, deve descer e pedir perdão a Julião, a Dôres e a minha filha, que tão cruelmente caluniou.

—Pedir perdão! Vocemecê está louco! Quem são eles para me perdoarem?

—Não quer pedir perdão ás pessoas ofendidas?

—Não.

—Pois ámanhã terá de ser chamado á presença do juiz.

João guardou as joias, e, voltando-se para sua mulher, disse-lhe:

—Já vês que classe de gente é esta. Eles exigem aos outros o que eles não querem fazer. Espero que terás emenda.

Dito isto, saiu atrás de sua mulher.

P.^e Francisco ficou sem saber o que dizer.

CAPITULO IX

Novos acontecimentos

Logo que chegaram a casa, João, dirigindo-se a sua filha, disse-lhe.

—Vês como não me enganei? Vês como a mão do padre andava metida neste negocio?

—O que se passou?—perguntou Antonia a seu pae, deixando o livro que estava lendo.

O carpinteiro contou a sua filha tudo o que tinha sucedido, e ao terminar disse:

—Se tua mãe não tomar emenda com isto, digo-te que não tem juizo. Com relação ao padre, vamos chamal-o á presença da autoridade.

—Meu pae—disse Antonia,—grande é o poder de Deus, e, como Ele disse, a mentira não pode permanecer. A respeito de fazer mal ao padre Francisco, creio que Julião não permitirá isso, pois Jesus perdoou na cruz e orou mesmo pelos Seus proprios algozes, e Ele mesmo disse: «Abençoe aqueles que vos amaldiçoam; e orae por aqueles que vos caluniam».

Dito isto, saiu mestre João.

Brigida permaneceu calada, e Antonia deu razão ao que seu pae acabára de dizer, exprimindo-se assim:

—Sim, minha mãe não seja insensata, procurando a salvação por um outro caminho, que certamente a conduzirá á perdição. Como pôde escutar, sem se exaltar, a voz que lhe disse: «Sua filha é uma ladra»?

—Ai! minha filha! Eu nunca cri nisso, porém já vês que me faltava o dinheiro, faltavam-me os brincos, e já podes calcular que

desconfiava de que alguém nos tivesse roubado. Porém tu me perdoarás, não é verdade?

—Como!—exclamou Antonia—eu perdoar-lhe! Demos graças a Deus e peçamos-Lhe que, do que acaba de suceder, resulte um grande benefício para a sua alma.

Entremos agora em casa de Julião.

Deve ter ali sucedido alguma coisa de extraordinario, e, para nos inteirarmos do que se está passando, escutemos o que mestre João diz ao seu visinho:

—Mas o que ha?—perguntava João ao seu visinho.

—Que minha mãe tem uma pneumonia.

—Porém que diz o medico?

—Diz que por enquanto não pode emitir opinião segura: porém disse-me que estivesse preparado para tudo.

—Não faça caso; os medicos dizem sempre isso.

—Cumpra-se a vontade de Deus.

Depois dalguns momentos de silencio, o carpinteiro disse:

—Não sabe o que sucedeu?

—O que foi?

João contou a Julião tudo o que havia sucedido, e tudo o que dele se havia dito.

Quando Julião ouviu que o visinho tratava de levar o assunto aos tribunaes, respondeu:

—De modo nenhum, sr. João. Jesus, meu Mestre, jámais fez tal coisa; ao contrario, em vez disso, manda que eu peça por aqueles que me caluniam e dizem mal de mim. O P. Francisco poderá lançar mão de tudo para fazer-me mal, mas se Deus está comigo quem será contra mim?

—Foi isso mesmo o que disse Antonia; porém isso não é para o meu character; pela minha parte, o meu desejo e a minha vontade

eram castigar o P. Francisco.

—Diga-me, sr. João: sabe o Padre Nosso?

—Sim, senhor.

—E costuma rezal-o?

—Pelo menos todos os domingos na igreja.

—Pois no proximo domingo não o reze; pois que, quando chegar áquelas palavras, «Perdôa-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores», pedirá a Deus, a quem vocemecê é devedor, que lhe perdoe como está disposto a fazer ao P. Francisco. Jesus disse: «Mas, se não perdoardes aos homens as suas ofensas, tão pouco o vosso Pae vos perdoará as vossas».

—O visinho tem sempre maneira de me convencer.

—Não, meu amigo, a palavra de Deus é que o convence.

—Agora vou pedir-lhe um favor, e é que me permita que eu ponha á sua disposição tudo o que houver em minha casa e de que sua mãe precise.

—Muito obrigado, em breve nós o incomodaremos. Todavia ainda não chegou a ocasião de incomodar ninguem, a não ser o ministro da nossa igreja, a quem já mandámos chamar.

—Como! Tão perigosa está sua mãe!

—Não, senhor; porém não devo aguardar que ela esteja nos paroxismos da morte para que lhe falem de Jesus, seu Salvador.

João saiu, e Julião fechou a loja.

Assim que o carpinteiro contou em sua casa o que se estava passando em casa do visinho, Antonia, que se ia deitar, mostrou desejos de ir a casa de Dôres, e, como não houvesse ninguem que podesse dissuadi-la de tal, pois que ainda não era de todo bom o seu estado de saude, ela e seus paes, depois de fechada a loja, foram visitar Josefa.

Quando iam a entrar, chegava tambem um sujeito que batia á porta.

Julião foi abrir, e, ao ver esse sujeito, tirou o *bonet*, que costumava trazer em casa, e saudou-o respeitosamente, dizendo-lhe:

—Boas noites, sr. ministro.—E em seguida aos seus vizinhos:—Boas noites, senhores.

Entraram todos, e chegados á sala, depois de trocados os primeiros cumprimentos, o ministro, dirigindo-se a Julião, disse-lhe:

—Então que ha, amigo Julião?

—Minha mãe tem uma pneumonia, e desde que caiu doente não cessa de chamar pelo senhor.

—E posso vê-la?

—Sim, senhor; tenha a bondade de entrar na alcova.

Entraram todos.

O ministro, chegando-se junto do leito e inclinando-se um pouco para a doente, disse em voz baixa:

—«A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo seja comsigo, irmã.»

—Ah! é o sr. ministro?—exclamou a enferma, procurando erguer a cabeça.

—Sim, sou eu, porém esteja quietinha. Como está?

—Muito mal e muito bem.

—Vejamos; queira explicar-se.

—Senhor ministro; sinto-me bem, porque creio que muito em breve irei ver o meu Jesus, e sinto-me mal, porque soffro muitissimo no corpo.

Seguiram-se alguns momentos de silencio, findos os quaes disse o ministro:

—Diga-me, querida irmã, se o Senhor a chamasse á Sua presença neste momento, estaria preparada para se apresentar diante d'Ele?

—Oh! sim, senhor. Eu sou uma grande pecadora, porém sei que o sangue de Jesus purifica de todo o pecado. Uma coisa me aflige, sr. ministro, e é o saber que tenho sido ingrata desprezando o amor e a graça de Deus.

—Senhora, o perdão de Deus não tem limites, e Jesus morreu no Calvário, dando a Sua vida pelos próprios ingratos. Agora o que é preciso é que confie no que Ele disse: «Não temas; crê sómente, e serás salva».

—Assim o faço, senhor.

—Pois então esteja certa de que aquilo que agora sofre não é mais do que a preparação para uma coisa melhor.

—Assim o creio; morrer é viver, porque é passar para uma outra vida em que não haverá mais morte.

—Se é do seu agrado, vou ler-lhe alguns versículos da Palavra de Deus.

—Sim, sim.

O ministro tirou do bolso uma Bíblia, e, folheando-a, disse.

—Leiamos o cap. 11 do Evangelho segundo S. João, desde o versículo 1 até ao 45.

Todos estavam suspensos dos lábios do bom servo de Deus.

As cinco pessoas que estavam presentes pareciam nem sequer respirar. A enferma, essa parecia não sentir as dores que a torturavam; seguia até o movimento dos lábios do ministro.

Era evidente que o Espírito Santo estava naquela alma.

O ministro, quando acabou de ler, disse:

—Meus amigos, e minha irmã enferma, pouco posso acrescentar àquilo que acabei de ler; sómente desejo que fixem a sua atenção, e especialmente a querida irmã Josefa, nos versículos 4 e 25; em que Jesus diz: «Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela.» «Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que crê em Mim,

ainda que esteja morto, viverá.» A estas palavras, o Senhor ressuscitou a Lazaro, precisamente porque Jesus é a ressurreição e a vida. Nós estávamos mortos em nossos delitos e pecados, porém veio Jesus, que é a vida, e cada um que crê n'Ele é um Lazaro levantado do sepulcro. Por essa mesma razão S. Paulo exclama: «Onde está, ó morte, o teu aguilhão?... Graças sejam dadas a Deus, que nos deu a vitória por Nosso Senhor Jesus Cristo.»

—Ah!—exclamou a senhora Josefa—quanto bem derramou o senhor, com essas palavras, na minha alma!

—Então demos graças a Deus.

Todos tomaram uma atitude reverente, e, ao cabo dalguns segundos, ouviu-se a voz do ministro, que dizia:

«Oh! Senhor, nosso Deus! Tu dás a saúde, e Tu dás a enfermidade. Tu dás a morte, porém também depois da morte uma vida que nunca acabará. Senhor, acabamos de escutar as palavras consoladoras de Teu Filho Jesus; concede, Senhor, que elas dêem consolação á tua serva que está doente. Sara-a, Senhor, abençoa-a, aumenta a sua fé em Jesus, e o amor para contigo, e, se fôr do Teu agrado chama-a a Ti, prepara-a para isso. Ouve-nos, Senhor, pelo amor de Jesus Cristo, *Amen*.

Amen—repetiram todos.

A enferma começou a delirar, em virtude da intensidade da febre.

Neste momento, Julião, inclinando-se para sua mãe, perguntou-lhe:

—Como está, minha mãe?

—Dentro em pouco não haverá para mim nem dôr, nem aflição, nem morte... Tudo estará acabado... e eu com Jesus no céu, e Jesus comigo...

—Não falem com ela—disse o ministro;—está sob o dominio da febre.

Fez-se um profundo silencio, e depois ouviu-se a enferma, que com voz debil dizia:

—Vejo um logar magnifico... ali ha um Cordeiro... vêdel-o? vêdel-o? É o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo.

A enferma, depois duma breve pausa, exclamou:

—Tenho sêde.

Dôres embebeu uma pequena esponja num liquido que tinha num copo, e chegou-lha aos labios, chupando ela com avidez.

Seguiu-se outra pausa; o delirio aumentava, e tornou a ouvir-se a voz da enferma:

—«A Jehovah chamei, estando em angustia, e Ele me respondeu...» «Jehovah, ouve a minha oração e chegue o meu clamor á Tua presença...» «No dia da minha angustia Te chamarei, porque Tu me respondes...» «Porque a minha alma está cheia de males... e a minha existencia... proxima do sepulcro...» «Agora, pois... nenhuma condenação ha... para os que estão em Cristo Jesus.»

—Feliz delirio—exclamou Julião em voz baixa;—ele te faz gozar antecipadamente da presença de Jesus, teu bemdito Salvador!

Dôres e Antonia choravam em silencio.

—Senhor!—disse com voz debil a enferma, dirigindo-se ao ministro:—Sinto que morro.

—Bemaventurados—disse o ministro—os que morrem no Senhor.

—Eu sou uma grande pecadora.

—Pois precisamente porque todos somos grandes pecadores é que morremos... O estipendio do pecado é a morte... Porém o bom Deus, que não quer a morte do pecador, mas sim que ele se arrependa e viva, eis que á raiz do pecado promete um perdão, dizendo: «Se o Meu povo se humilhar, e orar e procurar o Meu rosto, e se converter dos seus maus caminhos, então Eu o ouvirei desde os céus e perdoarei os seus pecados.» «Se os vossos pecados fôrem da côr da escarlata, ficarão brancos como a neve; se fôrem roxos como o carmezim, ficarão como a branca lã.»

—Eu tenho sido muito pecadora—disse Josefa, profundamente comovida.

—Jesus Cristo—continuou o ministro—veiu salvar os pecadores. Ele mesmo disse: «Não vim chamar os justos, mas sim os pecadores.»

Vou ler o capítulo 5 da Epistola de S. Paulo aos Romanos.

O ministro leu-o, e tal impressão produziu, tanto nos circunstantes como na enferma, que era profundissimo o silencio que reinava ali.

Evidentemente o Espirito do Senhor estava ali. Os textos que mais chamaram a atenção de Josefa foram: «Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus por meio de Jesus Cristo, porque, sendo ainda pecadores, morreu Cristo por nós; logo muito mais agora, que somos justificados pelo Seu sangue, seremos salvos por Ele da ira; porque, se, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando reconciliados, seremos salvos por Sua vida.»

—Oh!—exclamou a enferma—confio em Ti, bom Jesus, confio em Ti. Tu me salvas, Tu me redimiste para Deus com o Teu sangue.

—Deseja que oremos?—perguntou o ministro.

—Sim, sim, senhor, oremos.

O ministro levantou-se da cadeira, no que foi imitado pelas pessoas presentes, ficando os vizinhos bastante surpreendidos, por ser a primeira vez que presenciavam semelhante coisa.

—Oh Senhor!—exclamou o ministro com voz solene.—Perante um espirito prestes a abandonar a materia, perante um corpo que vae descançar, porém cuja alma vae viver, não podemos deixar de louvar e bendizer o Teu nome. Senhor, ainda que Tu não tenhas necessidade disso, nós vamos recordar-Te as Tuas promessas, pois que nisso encontramos grande consolação. Tu enviaste Jesus Cristo ao mundo, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça mas tenha a vida eterna. Oh bom Deus, cumpre esta promessa na pessoa enferma por quem Te suplicamos. Teu Filho Jesus disse: «Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que crê em Mim, ainda que

esteja morto, viverá». Senhor, infunde a fé de Jesus Cristo na enferma por quem Te rogamos. Tu prometeste arremessar para as profundidades do mar os pecados daqueles que confiam em Jesus; que isto seja assim para conosco, e em especial para com a nossa irmã enferma. Dá-lhe fé, para que ela tenha animo para o tranze por que está passando; saude, se lhe convem, e sobretudo uma abundante efusão do Teu Santo Espirito. Oh! Deus, pelos merecimentos de Jesus, concede-nos isto... *Amen*.

—*Amen*—repetiram todas as pessoas ali presentes, verdadeiramente impressionadas.

—Senhor—exclamou Josefa, em voz fraca,—tenho a certeza de que Jesus está á cabeceira do meu leito, com os braços abertos, aguardando a minha alma.

—Sim, minha irmã—disse o ministro.—Jesus está aguardando-a para a conduzir á presença de Seu Pae, para receber a corôa de justiça que Ele adquiriu para si por meio do Seu sangue. Não esqueça que Jesus disse: «Não vos hei de deixar orfãos; virei ter comvosco. Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá.»

E, tendo dito isto, fez sinal de se retirar.

—Vá com Deus, senhor ministro—disse Josefa, procurando erguer a cabeça:—que o Senhor o abençõe, assim como a sua congregação; se quando voltar já tudo tiver acabado para mim..., recomendo-lhe meus filhos...

Josefa não poudo continuar. Um ataque de tosse não lhe permitiu falar, e, quando socegou, o ministro, depois de dirigir algumas palavras de consolação á familia, saiu.

Depois dalguns momentos de silencio, Josefa chamou.

—Que deseja, minha mãe?—perguntou Julião.

—Traz-me cá o menino—respondeu ela com voz quasi ininteligivel;—quero dar-lhe o ultimo beijo.

—Minha mãe, socegue. Para que afligir-se se todavia...

—Não, meu filho, esta lampada vae apagar-se; não trateis de infundir-me esperanças. Para que quero viver, se Jesus me espera?... Trazei-me o meu neto.

Dôres entrou na alcova, levando nos braços o menino adormecido.

Ajudaram a levantar a enferma, que ficou por alguns momentos encostada a umas travesseiras, e tomou o menino nos braços.

Extraordinario contraste! A vida nos braços da morte!

—Está a dormir—disse Dôres.

—Não importa—respondeu Josefa;—traze-me... traze-me cá uma luz, quero vê-lo bem á vontade... a lamparina não dá bastante luz.

Uma das pessoas presentes foi buscar um candieiro.

A enferma ficou durante alguns momentos contemplando o menino.

—Oh!—exclamou—assim devia dormir Jesus quando era menino... Desejaria vê-lo acordado, e que se risse para mim. É tão doce o sorriso duma creança!

Naquele instante o menino abriu os olhinhos, cujas finissimas palpebras haviam sido feridas pela forte luz do candieiro.

O pequeno Paulo olhou para um lado e para outro e começou a sorrir-se.

—Oh!—exclamou Josefa.—Que bom é Deus, que me concede até as consolações dos pequeninos!

Em seguida beijou Paulo, dizendo:

—Senhor, abençôa este menino e prepara-o para o Teu serviço por meio de Jesus.

Tornou a beijal-o e entregou-o a Dôres.

Às quatro horas da manhã a febre havia desaparecido.

A enferma, mais aliviada, chamou seus filhos, que entraram na alcôva.

—Chamo-vos—disse ela—porque vou para a minha morada.

Julião e Dôres choravam em silencio.

—Porque choraes?—perguntou ela.—Vou viver com Jesus, e ali vos espero. Podereis desejar-me coisa melhor do que esta?

—Minha mãe—disse Julião,—minha querida mãe, nós amamol-a tanto que não podemos deixar de sentir a sua falta.

—Não tendes nada que sentir... Escutae os meus ultimos conselhos.

A enferma tinha entre as suas mãos as mãos de seus dois filhos.

Depois duma curta pausa, Josefa falou assim:

—Meus queridos filhos, lembrae-vos de mim... Sêde fieis á fé do bom Jesus, para que vejaes vir a morte com a mais completa tranquillidade. Educae o vosso filho no amor de Deus... Ah!... todo o carinho que me tendes a mim transferi-o para ele... Amae-vos muito, muito, muito. Orae ao Senhor, e agora recebei a minha benção.

Julião e sua mulher ajoelharam-se, e a velha, voltando-se, ainda que com custo, para o lado em que eles estavam, estendeu a mão sobre a cabeça deles e disse:

—Senhor, por amor de Jesus, rogo-Te que abenções meus filhos. Que o amor de Deus, a graça de Jesus Cristo e a comunicação do Espirito Santo seja comvosco. *Amen*. A morte começa a vir... já a sinto. Sim, sim, minha amiga, vem, vem, aproxima-me de Jesus... Dizem que a morte é horrivel... Oh! não! Quão bela me parece!

Todos choravam.

A moribunda prosseguiu:

—Não choreis, mas alegrae-vos... Julião, meu filho, não te aflijas... Hoje é domingo: no domingo vou para o céu; oh! que domingo mais ditoso vou passar ao lado de Jesus!... Quando tinha saude, reunia-me com os irmãos na igreja... Hoje me reunirei com os anjos e santos no céu... Ouvi o meu ultimo desejo... Quando pela manhã vier o ministro, rodeae o meu corpo e fazei aqui um pequeno culto. Agora dae-me um beijo.

Julião e sua mulher beijaram a enferma.

Depois, com as mãos de seus filhos entre as suas, disse:

—Já está aqui; vejo a Jesus, que estende para mim os Seus braços... Vou para Ti, doce esposo da minha alma. Adeus, amigos... Adeus, Dôres... Adeus, meu filho... Jesus... rece...be... meu espi...ri...to...

A enferma, que havia erguido a cabeça, pousou-a de repente sobre a travesseira.

Um grito unanime ressoou na habitação.

—Adeus, minha mãe—exclamou Julião com o coração partido de dôr.—Adeus, minha querida mãe. Goza em paz o descanso eterno... O Senhor o deu, o Senhor o tirou... bemdito seja o nome do Senhor.

CAPITULO X

De corpo presente

Passados os primeiros momentos de confusão, que sempre sucedem num caso como o que acabamos de presenciar, Julião, com uma tranquilidade de espirito admiravel, principiou a dispôr tudo o que era preciso para as ultimas homenagens que devia tributar áquela que fôra sua mãe.

Às oito horas da manhã, um grupo de mulheres estava conversando num dos corredores, e, antes de entrarmos no quarto mortuario, escutemos o que dizem.

—Sabem vocês o que sucedeu?—dizia uma das mulheres.

—Sim—respondeu uma delas;—morreu a mãe de mestre Julião.

—Sim, morreu! exclamaram todas, menos uma que disse:

—Pois não senti vir o *Viatico*.

—É claro—disse outra—que não veio o *Viatico*; pois que a defunta não se confessou nem sequer recebeu a *extrema unção*.

—Jesus, Maria, José!—exclamaram todas em côro.

—Pois não sabem vocês que ela era protestante?—disse a primeira que falou.

—Ah!!...

—Os protestantes não comungam nem se confessam.

—Então morrem como cães?

—Sim, senhora.

—Sabe a vizinha o que fazem?—disse uma;—eu presenciei-o quando Antonia esteve doente. Lêem um livro a que chamam a...

a... Bíblia. E na verdade que esse livro tem coisas muito bonitas: fala de Deus, de Jesus Cristo e...

—Por muito bom que isso seja—interrompeu outra,—não se confessar a gente e não comungar é mau. Pelo menos deviam fazel-o á hora da morte. Eu, pela minha parte, não sou daquelas que comem com os santos; desde que me casei, e já lá vão vinte anos, que não tornei a confessar-me; porém á hora da morte não passarei sem o fazer. Deve forçosamente ficar com cara de excomungada, essa gente, depois de morta!

—Sim, sim, ficam negros como o carvão.

—Porém ainda não sabe o melhor—acrescentou outra.

—O que é?—perguntaram as outras com interesse de o saberem.

—É que, se não comungam, não querem, em compensação, que os seus mortos morram á fome.

Uma ruidosa gargalhada soou no corredor.

—Porém, se estão mortos—disse uma,—como hão de morrer de fome?

—Pois ouça—disse um tanto irritada a outra;—eles crêem que depois de mortos comem, e por isso põem-lhes no caixão um pouco de presunto, uma garrafa de vinho e dois pães.^[1]

—Ah!—exclamou uma—isso não é verdade. Quando o padre protestante veio ajudar a sr.^a Josefa a bem morrer, eu estava em sua casa, e ouvi-lhe dizer umas coisas muito bonitas... e... por tal modo o disse que nos fez chorar.

—Isso não é motivo para que eles não creiam que os mortos comem; olhe a vizinha: no outro dia leu meu marido um livro intitulado *O monstro das sete cabeças*, que dizia que ha uma nação, lá muito longe, em que se crê que os mortos veem do outro mundo a este chupar o sangue dos vivos; chamam-lhe lam... lam... vampiros.

—Sim, sim, eu não os vi, porém sei que os protestantes metem no caixão do morto o que já disse.

—Porém—disse uma—para que mais questões sobre este assunto? Vamos ver a morta e dissiparemos estas duvidas.

—Sim, sim—exclamaram todas.

No mesmo instante dirigiram-se a casa de Julião.

Vamos nós também com elas.

Quando alguém se aproxima do lugar onde ha um cadaver, parece que se respira uma certa atmosfera glacial. Ao mais indiferente e ao mais frivolo oprime-se-lhe o coração.

Quando as mulheres entraram na sala, havia nela varias pessoas, entre as quaes estavam Antonia, sua familia, Julião e Dôres.

Um profundo silencio reinava ali.

No meio da sala, e sobre uma mesa coberta com um pano de baeta negra, estava um caixão, e dentro dele o cadaver de Josefa vestido de preto, o que fazia ressaltar a brancura dum lençol que havia de servir de sudario, e que estava agora estendido ao lado do caixão.

O cadaver tinha na cabeça uma touca engomada e adornada com uma linda renda, o que lhe dava ao rosto um aspeto agradável.

Nenhum sinal havia imprimido a morte naquele rosto, que estava branco como o arminho, sulcado de veneraveis rugas, com os olhos naturalmente fechados, os labios ligeiramente entreabertos, como se ainda respirasse, e, a não ser pela falta de movimento no peito, qualquer pessoa teria dito que Josefa estava dormindo um sono tranquilo.

Em suas mãos, estendidas naturalmente, tinha uma *sempre-viva*, e em seu peito seus filhos haviam colocado um *amor-perfeito*, como a ultima e eterna recordação que os acompanharia durante toda a sua vida.

Entretanto as mulheres que tinham ido ali com o proposito de ver o presunto, o pão e o vinho esforçavam-se inutilmente por descobrir aqueles objetos. Porém tudo foi em vão.

Mas, se não viam a comida nem a bebida, descobriram em troca outra coisa não menos importante. A sr.^a Josefa não tinha luzes!!!

Uma nova personagem entrou na sala, acompanhada duma mulher, um homem e uma criança—uma família das relações íntimas de Julião e sua mulher.

Quando apareceu na sala, passou-se uma scena de lagrimas que não tentaremos descrever.

Depois de darem desafoço ás lagrimas, aproximou-se do caixão essa pessoa que havia entrado, e que era o ministro. Depois de contemplar por alguns instantes o cadaver, disse:

—Ditosa tu, que estás agora gozando as delicias eternas na presença do Senhor.

—Não é verdade, sr. ministro—disse Julião—que o rosto de minha mãe não ficou desfigurado?

—Não; parece melhor do que quando estava doente. A que horas morreu?

—Ás cinco.

—Quaes foram as suas ultimas palavras?

—Jámais as esquecerei!... «Senhor Jesus, recebe o meu espirito.»

Houve uma pequena pausa. Por fim, o ministro disse:

—Vamos agora celebrar um pequeno culto, deixando os que já dormem no Senhor para nos ocuparmos de nós, que ainda peregrinamos pelo mundo. Meus amigos—acrescentou, dirigindo-se aos circunstantes—vamos celebrar o dia do Senhor.

Depois, tirando do bolso um livro de hinos, com não pouca surpresa da maior parte das pessoas presentes, cantaram tres estrofes do seguinte hino:

Olha a linda violeta!

Dá na sombra seu odor;

Não se queixa, não deseja

Ser notavel, nem maior.

Para a violeta humilde,
Para a mais soberba flôr,
Sopra a mesma brisa amena,
Vem do sol igual calor.

Deus a toda a creatura
Marca o proprio logar;
Dá riqueza, dá pobreza,
Tudo como apraza dar.

Jesus ama e convida
Todos para os mesmos céus:
Ricos, pobres, jovens, velhos,
Poderão reinar com Deus.

As vozes do cantico atraíram para a casa de Julião as atenções da vizinhança, e por tal modo que se encheu a sala, e era grande o numero de pessoas que escutavam á porta e no passeio aquilo que para eles era uma grande novidade.

Como temos de falar do culto que se celebrou quando tiraram o cadaver de casa, passamos por alto este que ali se realizou, contentando-nos apenas com dizer que todos os que ouviram ficaram extremamente comovidos, e realmente aquela morte serviu para a vida de muitos que até então nada sabiam do nome de Jesus.

Terminado o culto, o ministro saiu, os vizinhos foram-se retirando, fazendo comentarios, porém tão grande é a ignorancia que, todavia, não faltavam mulheres que dissessem:

—Não lhe pozeram no caixão nem o presunto, nem o vinho, nem os pães, mas certamente que o farão quando o cadaver sair de casa.

CAPITULO XI

Um culto funebre

Ao cair da tarde do domingo de que nos ocupámos no capitulo anterior, um grande numero de pessoas sahia da casa do nosso amigo Julião.

A maior parte das pessoas que foram ver o cadaver, depois que sahiam, ficavam á porta ou na rua, formando pequenos grupos.

Quasi todos os que ali estavam reunidos eram membros da egreja a que Julião e sua familia pertenciam.

O ministro, ao terminar o culto daquelle dia na sua egreja, annunciou do pulpito que tinha falecido uma irmã em Cristo; disse onde morava, a hora a que devia realizar-se o enterro, e por isso se achavam ali tantas pessoas reunidas.

A aglomeração de gente chamava a atenção e atrahia um grande numero de pessoas.

Como era muito natural, entre a multidão não havia conformidade de idéas ou de crenças, e por isso não era raro ouvirem-se dialogos mais ou menos burlescos ou sérios, mas que denotavam a mais completa ignorancia ácerca das Escrituras, e o fanatismo por parte duns e o conhecimento mais ou menos profundo delas por parte doutros.

Ouçamos alguns desses dialogos.

—Que enorme quantidade de gente que vem ao enterro da *protestante*!—dizia uma mulher a outra.

—Sim—respondeu ela.—Vem muita gente. Serão todos amigos de Julião?

—Não; veem para fazer numero e para que se diga depois que ha muitos protestantes em Madrid.

—Ouçam lá—interrompeu outra mulher das que estavam no portal, e que ouvira a conversa,—nós que estamos aqui não viemos para fazer numero, mas sim porque nos amamos uns aos outros, como Cristo nos amou.

As duas vizinhas ficaram por um momento silenciosas, fitando de alto a baixo a mulher que havia interrompido a conversa. Por fim uma delas disse:

—E diga-me, minha senhora: neste enterro dão velas?

—Não, senhora, porque não precisamos de velas.

—Como se meteu na nossa conversa julguei...

—Quê?

—Que davam velas.

—Pois já fica sabendo que não.

—Parece-me que a senhora é uma dessas agentes do protestantismo que andam a arranjar pessoas para a seita; porém advirto-lhe que aqui perde o seu tempo, porque, pelo que respeita a nós, nem a senhora nem ninguém nos engana. Vá, amigassinha, vá divertir-se no enterro, e passe muito bem.

Entretanto, um homem, já de idade avançada, discutia na rua com varios jovens que o rodeavam.

—Sim, senhores: entre nós, quando um irmão morre, somos nós mesmos que o conduzimos e o enterramos com as nossas proprias mãos, sempre na terra, porque nos cemiterios evangelicos não ha *nichos*, nem *galerias*, para os cadaveres, e que custam dinheiro; de modo que quem entra num cemiterio catolico pode muito bem figurar-se que está lendo os preços dos logares dum teatro, onde o rico se assenta num camarote, e o pobre vae para a *geral*.

—Isso é muito natural—disse um.

—Não o julgo assim; pois, ensinando-nos os padres que uma das obras de misericordia é enterrar os mortos, são eles proprios que levam dinheiro.

—Ouça lá—interrompeu outro,—tambem muitas vezes enterram de graça.

—Sim!—exclamou o velho—bonito enterro, não tem duvida! Comparemos. Morre qualquer pessoa que deixa, por exemplo, uns dois mil duros. Então a egreja, que é de todos, se converte no patrimonio dum. Ao longo das naves colocam bancos cobertos de pano preto; acendem-se todos os altares; as luzes, em volta da eça, não teem numero; no côro cantam-se os hinos proprios, acompanhados por uma orquestra, que á noite terá de servir no teatro; os sacerdotes trajam as suas mais ricas vestes e... que sei eu quantas coisas mais; os padres cantam com toda a força dos pulmões, os meninos do côro correm alegres dum lado para o outro: o sacristão anda numa roda viva: o defunto é *gordo* e... tanto basta... Porém morre um pobre. Pois então a coisa muda completamente de figura. Uma mulher miseravelmente vestida dirige-se a casa do pároco, e diz-lhe, entre lagrimas e soluços, que lhe morreu seu marido, seu pae ou seu irmão; o padre toma nota das indicações que a mulher lhe dá, porém quando vem a saber que é pobre e que tem de fazer o enterro por *caridade*, diz-lhe que se retire, e que á hora aprasada lá irão buscar o cadaver. Ora, porque o padre tem que fazer, não vae a casa do defunto; os doridos pedem aos visinhos que o acompanhem ao cemiterio; estes assim o fazem, e, quando lá chegam, aproxima-se o padre, que diz um tal latinorio qualquer, deita-lhe uma *hissopada* de agua, a que chamam benta, e retira-se. Ora diga-me: É isto uma obra de misericordia? Onde está aqui a caridade?

—Que divertido é o velho!—disse um daqueles jovens.

—Que divertido! que divertido!—gritavam outros *bons catolicos*.

Neste momento ouve-se dizer: «Ahi vem o ministro.»

Efectivamente no meio do grupo que discutia apresentou-se um cavalheiro vestido de preto, que disse.

—«Recebei o fraco na fé, e não para contendias de disputas.»

Em meio do silencio repentino que produziram as palavras desta personagem os jovens criticos desapareceram.

Entretanto o ministro disse-lhes como o haviam informado do sucedido e aconselhou prudencia, entrando depois na casa mortuaria, seguido dum grande numero de pessoas.

Um silencio profundo, sómente interrompido pelos soluços entrecortados dalgumas pessoas, reinava na sala onde estava depositado o cadaver de Josefa.

Junto á janela do pateo estava apinhado um grande numero de pessoas, tanto visinhas como estranhas, e diz-se que o proprio Padre Francisco, que morava no andar superior, estava entre o povo, vestido á secular, com o fim de perturbar a ordem. O corredor e o portal estavam atulhados de pessoas.

Depois que o ministro proferiu algumas palavras, disse:—Agora vamos celebrar um culto ao Senhor, e para isso vamos pedir-Lhe o Seu auxilio.

Todos os circunstantes se descobriram, e a voz do ministro se elevou em tom solene, dizendo:

«—Em nome do Pae, do Filho e do Espirito Santo. *Amen.*

—Cantemos o hino seguinte:

Tu és a minha esperança,
Achou minha alma em Ti
A paz e segurança
Que carecia aqui.

Desde que a Ti conheço,
Desde que Te abracei,
Receios mais não sinto
Nem tremeo mais da lei.

A espada da justiça
Suspensa sobre mim,
Foi já descarregada,
Meu Salvador, em Ti.

O golpe que levaste

Foi só em meu logar,
Porquanto, assim quizeste
Por fiador ficar.

Ah! quanto amor sentias,
Meu Salvador, Jesus!
Quando por mim morreste
Na ensanguentada cruz.

E quanto não me cumpre
A vida consagrar
A Ti, que Te ofereceste
Minha alma resgatar.

Terminado o hino, que produziu opiniões desencontradas nas pessoas presentes, o ministro, abrindo a sua Bíblia, disse:

Escutae, meus irmãos e amigos, o que está escrito na Palavra de Deus, na primeira Epistola de S. Paulo aos Corintios, cap. 15.

Quando o ministro terminou a leitura, disse:

Meditemos agora sobre o versículo 22 do capítulo que acabamos de ler.

Amados irmãos e amigos: Deus, por um ato da Sua infinita misericórdia, reuniu-nos hoje aqui em redor dum cadáver para obrigar-nos a pensar no que somos e quando e como morreremos. Com relação ao primeiro ponto, o que é a vida do homem, as Escrituras nos dizem que é vaidade, e que os seus dias passam como a sombra. No livro do Eclesiastes lemos: «Quem sabe qual é o bem do homem na vida? Todos os seus dias são vaidade, os quaes passam como sombra.» Agora na presença deste cadáver, que é um dos muitos testemunhos sagrados que existem, o homem perguntará: «Nasci eu tão sómente para sofrer e morrer?» Não, certamente. O homem não foi creado para sofrer e morrer, o homem

foi creado para gozar e ser feliz; porém o homem, por um ato do seu livre arbitrio, atraiu a morte sobre si e sobre toda a terra.

Pouco a pouco foram-se todos retirando, e muitos daqueles que ali tinham ido por curiosidade ou por espirito de critica saíram, dizendo o que disse a mulher que foi ver se descobria no caixão o presunto, o vinho e os pães:

—Não se pode dizer nada em presença disto. O que é certo é que isto é mais serio e ha nisto mais verdade do que em tudo o que vêmos na nossa igreja. Desde hoje, ainda que eu o não seja, defenderei os protestantes, e ámanhã... ámanhã, quem sabe?...

O enterro de Josefa, ou, antes, a sua morte, foi um acontecimento para os visinhos da casa que já conhecemos.

«Então como vae o trabalho?»

Pag. 100.

Faziam-se os mais singulares comentarios; e na vizinhança falava-se animadamente disto. Para podermos apreciar a sensação que aquele ato causou, ouçamos alguma coisa do que se diz.

Estamos no corredor do terceiro andar da mesma casa em que morava Julião.

—Diga-me cá, senhora Francisca. Esteve hontem no enterro *protestante*?

—Sim, senhora Amalia, estive, e creia que o que diziam do pão e do vinho é mentira.

—Como?

—É o que lhe digo, e, se não se fia em mim, pergunte-o á senhora Vitoria, que foi comigo.

—Filha—disse Vitoria,—o que lhe sei dizer é que aquilo é mais serio do que o que imaginei, e que nada se parece com os nossos enterros. No enterro dos protestantes ha mais caridade do que nos nossos.

—Pode muito bem ser—replicou Amalia—que os padres falem mal dessa religião porque não lhes convenha que ela se estabeleça entre nós.

—Senhoras—disse Vitoria,—proponho que vamos á egreja protestante para vermos o que aquilo é.

—Sim, sim, iremos.

—Porém, amigas—disse Francisca,—não teem observado que character tão bom é o da familia de Julião?

—Sim, sim—respondeu Vitoria,—não negam um favor a ninguem. Olhe, quando meu marido caiu enfermo, Dôres foi a primeira que veio perguntar se era preciso alguma coisa, e ao sair deixou-me um duro, que eu lhe quiz restituir, e que ela nunca quiz receber. São muito caritativos.

Assim continuam falando; porém deixemol-as para irmos ouvir dois amigos nossos.

—Creio, querida Brigida, que já estarás convencida, e que se antes julgava mal era porque me haviam dito o contrario do que tenho visto.

—Minha mãe, não resista ás verdades do Evangelho. Viu como morreu a mãe de Dôres. Que fé não manifestou até ao seu ultimo suspiro! E, como vê, ela não se confessou nem comungou, e no emtanto recebeu a morte com a alegria que todos presenciámos.

—É verdade, é verdade!

—Creia-me, minha mãe, no que lhe digo. Venha comnosco á capela, e verá como ali se fala de Jesus. Tenha fé para ter vida em sua alma. Jesus é tudo, e sem Jesus não ha nada. Jesus é amor, como Seu Pae é amor; e se o amor do Pae se demonstra duma maneira tão manifesta, em dar Seu Filho para morrer por nós, não foi menor o amor de Jesus em dar-Se a Si por nós.

—Bom, bom; irei á capela, e verei. A verdade é que tenho visto coisas que me teem agradado.

Taes eram as disposições em que esta familia se achava. Em casa de Julião reinava a mais completa tranquillidade. A loja foi aberta no outro dia á hora do costume, e tudo voltou a seguir o seu curso ordinario. A fé daqueles dois esposos havia resistido áquella durissima prova.

CAPITULO XII

Intrigas do confessionario

Passado um mez depois da morte de Josefa, estava Julião uma manhã trabalhando á sua banca, quando uma joven se apresentou na loja, dizendo:

—Senhor mestre, meu amo manda dizer que venha comigo para pôr uns vidros que se quebraram.

Julião olhou com bastante surpresa para a rapariga, e por fim respondeu-lhe:

—Diga a seu amo que dentro dalguns minutos lá irei.

A rapariga saiu, e Julião dirigiu-se imediatamente á sala onde estava sua mulher, para lhe dizer:

—Não sabes, Dôres, quem me chamou para me dar trabalho?

—Se tu ainda mo não disseste...

—Pois acaba de estar na loja a creada do P.^e Francisco, que me mandou chamar para lhe ir pôr uns vidros. Que julgas disto?

Dôres ficou um tanto pensativa, e depois disse:

—Penso que esse homem te chama para fazer-te mal.

—A mim?

—Sim, a ti, ou, antes, a nós.

—Confio em Deus, e isso me basta.

Julião saiu, e dentro de poucos momentos estava no gabinete do sacerdote.

Depois de se saudarem mutuamente, o P.^e Francisco disse:

—Certamente que ha de estranhar que eu o mandasse chamar, não é verdade?

—Com franqueza—respondeu Julião,—nem estranho, nem deixo de estranhar.

—É que eu estou convencido de que o senhor é um homem de bem, mas um pouco exaltado em assuntos de religião; um dia virá, porém, em que caia em si e se arrependa; finalmente, eu rogarei á Virgem para que assim suceda. Agora cumpra a missão para que o mandei cá chamar.

—Sim, senhor, tomarei a medida e irei em seguida colocar os vidros.

Julião saiu; e o padre, passeando pela casa, dizia, falando consigo mesmo:

—Já está lançada a rêde, e o peixe cairá nas suas malhas.

Julião entrou em seguida, e, enquanto punha os vidros, disse-lhe o P.^e Francisco:

—Tome lá um cigarro, sr. Julião.

Julião aceitou o cigarro que o padre lhe ofereceu, e em seguida foi ocupar-se do seu serviço.

Passados alguns momentos, o P.^e Francisco disse:

—Então, como vae o trabalho?

—Bem, graças a Deus.

O sacerdote não sabia como principiar a conversa que tinha por fim averiguar quem eram os que com Julião frequentavam a capela evangelica. Assim é que, com uma refinada sagacidade, disse:

—Eu não vejo um grande movimento de obras em Madrid. Não ha construções; quem tem dinheiro guarda-o, e isso não é bom sinal.

—Pois agora vae ter logar um grande numero de edificações, e eu espero tomar de arrematação tudo o que diz respeito á minha arte, num novo bairro que se vae abrir.

Os olhos do padre faiscaram raios de alegria, porém dissimulou quanto pôde, e, com ares de indiferença, disse ao vidraceiro:

—E quem é o capitalista que vae empreender essas construções?

—O conde de X...—respondeu Julião, enquanto colocava um vidro no caixilho da janela.

O padre saltou de alegria. Se Julião o tivesse visto, desde logo teria suspeitado de alguma coisa; porém, felizmente para o sacerdote, e infelizmente para ele, estava de costas, ocupado no seu trabalho, e não pôde notar coisa nenhuma.

—Isso é bom, mestre, isso é bom—disse o P.^e Francisco—ter bons freguezes; agora o que é preciso é não os deixar fugir.

—É casa que paga muito bem aos operarios e artistas a quem dá trabalho.

—Diga-me agora: no caso de que seu filho viva, que modo de vida pretende dar-lhe?

—Ele é ainda muito pequenino para falarmos disso; porém, sem embargo, o que eu lhe afirmo é que não violentarei a vocação de meu filho; ofereci-o ao Senhor, e teria muito gosto em poder vê-lo um ministro d'Ele.

—Porém, homem, se me permite, dir-lhe-hei que não pode haver um fiel ministro do Senhor fóra da igreja romana.

—Perdõe, sr. P.^e Francisco; porém, se um individuo prega o Evangelho com fidelidade, esse tal é um fiel ministro do Senhor.

—Bem, não nos metamos em discussão; porém creia-me, e é só isso o que lhe digo, que se não muda de idéas a mão de Deus retirar-se-ha de si.

—Pois eu creio exactamente o contrario, porque Deus me ama.

Nisto Julião terminou o trabalho da colocação dos vidros, e em seguida despediu-se do P.^e Francisco, que lhe disse que lhe mandaria, dahi a momentos, a importancia da obra.

Quando Julião saiu, o P.^e Francisco exclamou:

—Anda, imbecil; vendeste-te a ti mesmo. Então queres que essa creança cresça, para que amanhã seja uma vibora para os catolicos?! Antes disso morrerás tu de fome! A guerra está declarada... Ou eu te reduzo á miseria, ou tu renegas o protestantismo. A senhora do conde de X... é confessada dum amigo meu, e já podes, miseravel vidraceiro, contar com a freguezia perdida. Agora mais do que nunca, vou ser seu amigo, e veremos.

Entretanto, Julião chegou ao portal onde se encontrou com mestre João, o qual disse ao vê-lo:

—Olá, sr. João, como vamos?

—Eu—respondeu o carpinteiro—vou bem, graças a Deus. Porém donde vem o visinho?

—Aposto que não atina.

—Eu não.

—Pois venho do andar de cima, de pôr uns vidros.

—De casa do P.^e Francisco?—perguntou mestre João, surpreendido.

—Sim, senhor, de casa do P.^e Francisco mesmo. Mandou-me chamar, subi e portou-se comigo muito bem.

—Pois sabe você o que vejo em tudo isso? É que o padre trama alguma coisa contra si.

—Isso mesmo me disse Dôres; porém não deixa de ser um mau pensamento, tanto da sua parte como da parte dela. Não abrigue em si maus pensamentos, sr. João, pois já sabe que Jesus disse: «Não julgueis para não serdes julgados, pois que com a medida com que medirdes vos medirão a vós também».

—É verdade isso, amigo; porém também deve saber que no mesmo capitulo Jesus disse: «Pelos frutos os conhecereis». Já vou aprendendo alguma coisa da Biblia.

—Alegro-me muito com isso, sr. João, alegre-me muito. Até logo.

Ambos os visinhos se separaram, indo cada qual para sua casa.

Estamos no interior da igreja de ..., em Madrid.

À direita da porta da entrada ha um canto escuro, e nele uma especie de guarita, mais ou menos artistica, que é aquilo a que a igreja romana chama um *confessionario*.

Ali dentro senta-se uma personagem mais sombria ainda; junto á grade do confessionario está uma senhora elegantemente vestida. Não podemos saber se é nova ou velha, porque tem o rosto coberto com um véu negro.

Aproximemo-nos silenciosamente, e, ainda que nos alcunhem de indiscretos, escutemos a confissão desta senhora, a qual pode interessar-nos alguma coisa. Neste momento fala o padre.

—Quanto tempo tem V. Ex.^a deixado passar desde que se confessou pela ultima vez?

—Quinze dias, meu padre—respondeu a penitente;—mas não me dê esse tratamento, peço-lhe.

—Quinze dias! Porque estive todo esse tempo sem vir ao tribunal da penitencia?

—Meu padre, não tenho podido, porque... nos foi necessario, umas vezes, receber em nossa casa, outras ir ao Paço, e ainda outras ocuparmo-nos de coisas semelhantes.

—Isso não é desculpa, mas, emfim, sente-se arrependida de ter deixado decorrer todo esse tempo sem vir lavar a sua alma?

—Sinto-me, sim, senhor.

—Passemos a outro assunto. Cumpriu a ultima penitencia?

—Sim, padre, e acrescentei tres missas no altar de S. Sebastião.

—A Virgem lhe recompensará essa acção.

—Ah, meu padre, tenho tanto de que acusar-me! Sou uma tão grande pecadora!

—Animo, filha, animo! Entregue todos os seus cuidados ao confessor, que acha sempre disposto a perdoar, pois que lhe foi conferido esse poder por Jesus Cristo, quando Este disse: *Et quodcumque ligaveris super terram erit ligatum est in coelis, et quodcumque solveris super terram, erit solutum est in coelis*. Começemos agora a confissão pelos mandamentos.

—Acuso-me de não amar a Deus, pois que, se O amasse, não O teria ofendido.

—Adeante.

—Posto que não tenha muito o costume de jurar, creio que o fiz.

—Quantas vezes por mez?

—Não me lembro, meu padre.

—Quantas vezes por dia?

—Não posso também dizer.

—Quantas vezes por hora, ao menos?

—Não sei, já disse.

—Em resumo, não sabe coisa alguma... É natural. Tanto tempo sem se confessar! E com respeito ao terceiro mandamento, o de guardar os dias santificados?^[2]

—Acuso-me de, na quarta-feira da semana passada, que era dia de festa, não ter ido á missa.

O padre fez um movimento brusco, e exclamou numa voz a custo reprimida:

—Isso é demais, senhora condessa. Não posso tolerar que caia em semelhantes faltas, e se V. Ex.^a...

—Meu padre—murmurou, aterrada, a dama,—não me dê esse tratamento. Quando me trata por condessa, fico a tremer, porque é para mim um sinal de que está zangado.

—E estou-o, com efeito, minha senhora; não assistir á missa em dia de preceito é uma coisa horrível. Não posso perdoar-lhe. Chore,

chore, mas lembre-se de que o que é necessario são atos e não lagrimas.

—Imponha-me a penitencia que quizer; estou disposta a cumpril-a; por minha parte mandarei hoje dizer duas missas no altar das almas.

—Bem, bem, é preciso emendar-se, porque o diabo, oh! o diabo é muito sagaz, e, como sabe que a senhora condessa é tão boa, quer distrair-a do cumprimento dos seus deveres, e isso é obra de Satanaz. Vá, continue.

—O quarto, honrar pae e mãe; mando dizer muitas e muitas missas por alma de meus paes, e assim os honro; amo e respeito os *ministros do altar*.

—Tem rezado pelo nosso pae espiritual, o Sumo Pontifice?

—Sim, padre; tenho rogado a Deus para que aumente os seus dias e a sua *infallibilidade*, para bem da igreja.

—Isso é muito louvavel, minha filha, e a Virgem vê com agrado tudo o que fazemos.

Passemos ao quinto mandamento.

—Disso não tenho que acusar-me.

Não é estranho que a condessa de X... não sentisse remorsos na sua consciencia em face deste mandamento; pois ela, como a maior parte dos catolicos, ignorava que não mata o seu semelhante só aquele que dá um tiro ou uma punhalada, cometendo peor acção aquele que mata a honra do individuo; pois que a calunia é peor do que um punhal.

Porém continuemos escutando a confissão, pois que, absorvidos nas nossas reflexões, deixámos de ouvir um mandamento. O padre diz:

—Tem alguma coisa de que acusar-se com respeito ao setimo mandamento?

—Não, padre; pelo menos que eu me lembre.

—E com respeito ao oitavo?

—Padre, algumas vezes tenho mentido.

—Quantas?

—Não me lembro, padre.

—Porém, mentiras graves ou leves?

—Não, senhor; não são graves.

—Nada diremos do nono; porém o que me diz ácerca do decimo mandamento?

—Digo, padre, que desejo servir a Deus e amal-O sobre todas as coisas.

—Deseja servir e amar a Deus?

—Sim, padre.

—Pois essa é a tarefa mais difficil e, portanto, a mais meritoria nestes tempos. A heresia tem invadido tudo; hoje diz-se mal de tudo; põe-se em duvida o poder da Virgem, e fazem-se esforços inauditos para destruir a religião que recebemos dos nossos paes.

A condessa deu um suspiro.

—Sim—continuou o padre,—é preciso desagrar a tão fortemente agravada Virgem Maria, e os maiores inimigos que tem a religião são os protestantes.

—E quem são essas pessoas?

—É uma canalha, senhora condessa, uma canalha; inimiga do clero e da nobreza... Porém são de uma sagacidade pasmosa, metem-se em toda a parte e, como pertencem ás mais infimas camadas da sociedade, necessitam de trabalhar para comer, e não se lhes importa comer o pão daqueles proprios a quem odeiam... Oh! aquelas pessoas que teem operarios devem ser muito cautelosas em saberem a gente que empregam no seu serviço!

—Hoje mesmo falarei ao administrador da minha casa, e, se houver lá algum operario nessas condições, será imediatamente despedido.

—Pois era ahi que eu queria chegar, sr.^a condessa. V. ex.^a tem muito perto de sua casa um protestante.

—Jesus! Maria Santissima!

—Sim, senhora, é o mestre vidraceiro a quem o sr. conde vae dar trabalho no novo bairro que projeta mandar edificar. Certamente que todo o dinheiro que ganha o empregará contra os padres, e em favor dos da sua seita.

—O vidraceiro é protestante!

—Sim, senhora; tão protestante como o foi sua mãe, a qual morreu sem se confessar, exatamente como se fosse um cão.

—Pois nas poucas vezes que o vi pareceu-me bom homem. O outro dia vi-o falar com os creados, e chamou-me a atenção o interesse com que o escutavam.

—Provavelmente estaria prégando as suas perversas doutrinas.

—E que devo fazer?

O confessor figurou uma grande surpresa e exclamou:

—Pergunta v. ex.^a o que deve fazer? E v. ex. diz que serve a Deus?

—Padre, padre—interrompeu a condessa, chorando copiosamente,—não me atormente; perdão, senhor, perdão... Aconselhe-me o que devo fazer...

—É de todo o ponto preciso que v. ex.^a e o sr. conde chamem esse homem, e, se ele não abandonar o seu erro, devem despedil-o e retirarem-lhe toda a protecção.

—Porém, padre, ele pode dizer que não é protestante ou que deixa de o ser; e nesse caso que fazer?

O padre ficou pensativo, e depois respondeu:

—Em qualquer dos casos, v. ex.^a não o despede até que eu a avise; porém, se teima em confessar as suas idéas e é pertinaz, então rua com ele no mesmo instante.

—Assim o farei, meu padre; porém permite-me uma pergunta?

—Sim, senhora.

—Como soube isso do vidraceiro?

—Senhora, nós, os ministros da religião, velamos pelas almas que nos estão confiadas. Vamos, porém, adeante. Tem mais alguns pecados de que acusar-se?

—Sim, mas não me lembro deles.

—Bom; eu perdôo-lhe todos os pecados, tanto os confessados como os esquecidos, *sub conditione*.

—Como?

—Com a condição de que ha de fazer o que lhe tenho dito.

—Sim, padre, sim.

—Pois agora vou dar-lhe a seguinte penitencia: jejuar durante sete dias, rezando em cada dia, á hora a que devia almoçar, um rosario, tres salvé-rainhas e tres créditos; além disto, deve ouvir sete missas, sendo quatro pagas por v. ex.^a, em desagravo de Maria Santissima e pelas bemditas almas do purgatorio; isto como justa expiação de ter ficado sem missa no dia preceituado pela egreja como dia de guarda.

—Agora, pergunto-lhe: sabe de alguma esmola que eu possa fazer?

—As freiras de A. precisam dum sino maior do que aquele que teem.

—Pois bem, eu me encarregarei disso. Far-lhes-hei presente dum sino cujo som seja claro e se ouça distintamente ao longe.

—Bem, filha, muito bem; isso é muito meritorio, pois que o sino é a voz de Deus. (Pobres visinhos dos arredores do convento!).

—Agora—continuou o padre,—prepare-se para eu a absolver.

A condessa curvou-se, dizendo o acto de contrição, enquanto que o sacerdote pronunciava algumas palavras em latim. Depois deu a mão a beijar á condessa, e saiu do confessionario, enquanto que ela se levantava pensando na penitencia que tinha de cumprir.

Agora tres perguntas e tres respostas:

Quem perdeu nessa confissão?

O nosso amigo Julião e os visinhos do convento de A.

Quem ganhou?

As freiras do convento de A. e outros.

É esta a confissão que Nosso Senhor Jesus Cristo e os apostolos ordenaram, em Seu nome?

Os leitores que respondam.

CAPITULO XIII

Frutos do confessorio

Julião estava um dia com sua mulher, com a mulher do carpinteiro e com Antonia, celebrando um culto de família.

O texto que estudavam era aquele que se acha escrito nos Proverbios, que diz: A maldição de Jehovah está sobre a casa do impio, porém Ele abençoará a morada dos justos.

Julião dizia:

—Deus não pode faltar às Suas promessas; portanto, confiemos na Sua divina misericórdia, que Ele certamente não poderá deixar de nos socorrer. Se o Senhor nos causa hoje aflições, aceitemol-as como uma benção dele; se nos manda alegrias, recebamol-as igualmente, porque dele dimanam.

Depois que oraram, Julião veio para a loja e principiou o seu trabalho.

Cerca das nove horas da manhã, apresentou-se na loja um individuo que saudou afavelmente o mestre, dizendo-lhe em seguida:

—Mestre, o sr. conde mandou-o chamar.

Julião foi imediatamente.

No momento em que Julião foi introduzido na sala, o conde, recostado numa cadeira, fumava tranquilamente, enquanto que a condessa estava sentada numa outra, entretida a folhear um *album*.

—O mestre vidraceiro—disse o administrador, inclinando-se na presença dos seus amos.

Julião saudou-os com um movimento de cabeça. O conde falou assim:

—Vocemecê foi sempre quem fez o trabalho cá da casa; porém, agora... agora..., finalmente, agora a sr.^a condessa lhe dirá o que tem a dizer; eu não posso ocupar-me de nada; tenho muito em que pensar; fala tu, condessa.

—Vocemecê é que é o vidraceiro da casa?

—Sim, sr.^a condessa.

—Pois amigo, eu não posso, ainda que me pese, deixar de lhe dizer que não estamos satisfeitos comsigo.

—Então em que ofendi eu os senhores condes?—perguntou Julião, surpreendido.

—Quero que todos os nossos operarios tenham uma irrepreensivel conduta religiosa, que cumpram fielmente todos os preceitos da egreja; do contrario, serão despedidos, e não poderão contar comnosco para coisa alguma. Diga-me uma coisa: costuma ouvir missa?

—Contando com a benevolencia de V. Ex.^a, atrevo-me a dizer que isto tem toda a apparencia de uma confissão, e desde já declaro que só a Deus é que me confesso. V. Ex.^a pergunta-me se vou á missa; mas eu pergunto, por minha vez: «Para que hei de assistir á missa, se não compreendo o que o padre diz?»

—Não estou para discussões: disseram-me que vocemecê era protestante, e eu não quero negocios com essa gente.

—Sou cristão, minha senhora.

—Nesse caso, não tenho nada a dizer. Mas que vem a ser isso de não entender a missa?

—E V. Ex.^a entende-a, porventura?

—Entendo.

—Pois pela minha parte, como desconheço a lingua de que se faz uso na missa, nada daquilo tem significação alguma. Peço licença para lhe observar uma coisa. S. Paulo, escrevendo aos Corintios, diz: «Dou graças a Deus, que falo todas as linguas que vós falaes, mas eu antes quero falar na egreja cinco palavras da minha

inteligencia, para instruir tambem os outros, do que dez mil palavras em lingua estranha».

—Nós não temos nada com o que S. Paulo disse ou deixou de dizer; os bons catolicos devem guiar-se por aquilo que a egreja estabeleceu, e seguirem o conselho dos seus confessores. A missa é o sacrificio de Cristo na cruz, e os fieis podem, lá no seu intimo, aplical-a a este ou áquele fim.

—Senhora condessa, V. Ex.^a está num lamentavel erro. O sacrificio de Cristo não se pode repetir.

—Não trato agora dessas questões, e o que desejo é que me diga claramente: é catolico ou protestante? crê na Virgem? crê no Papa?

—Creio em Jesus Cristo, e só nele confio; se isto é ser protestante, então sou-o, de facto.

—Ouves, conde?

—Ouço—respondeu este, e acrescentou:—De hoje em diante não quero mais negocios comsigo, sr. Julião. Queira retirar-se, para não mais pôr os pés nesta casa.

—Senhor conde, estou persuadido de que cumpri sempre com a minha obrigação, e, se o ser cristão obsta a que eu entre em sua casa, não me convem de fórmula alguma estar aqui. Logo que terminar o trabalho que tenho entre mãos, deixará de os incomodar a minha presença.

—Não, não—exclamou a condessa;—retire-se quanto antes.

—Mas é que, minha senhora, dispendi em aviamentos para a restauração desta sala uma quantia para mim bastante elevada, e se não concluo a obra soffro um grande prejuizo.

—E que tenho eu com isso? Vá ter com os seus amigos protestantes que lhe paguem.

—Senhora—exclamou, indignado, Julião,—os protestantes, meus amigos, ou, para melhor dizer, meus amados irmãos, nada me devem; quem fez com que eu empregasse em materiaes o fruto dos

meus labores foram os condes de X, que teem obrigação de me pagar.

—Pois bem—disse o conde,—paga-se-lhe tudo, para que se vá embora.

—Não—gritou a condessa,—não se lhe paga coisa alguma; se comprou material, não o comprou. Ou renega a sua religião, ou põe-se já na rua.

—Renegar Cristo!—exclamou Julião;—não, senhora condessa, isso é que não. Cristo deu a Sua vida por mim, e não O vendo por um punhado de oiro. A Escritura fala dum Judas, não fala de dois. Fique com o dinheiro, e faça de conta que lho dei de presente.

—Não sei como me contenho—exclamou o conde;—se não fosse por sujar a mão, fazia calar essa boca. Ponham este homem lá fóra —ajuntou ele, chamando pelos creados.

—Não é necessario, que eu sei onde é a porta. Que Deus lhes perdôe o prejuizo que me causaram.

Julião retirou-se. O palacio dos condes era situado na Castelana, e o vidraceiro, assentando-se num banco que ficava á sombra duma arvore, tirou a sua Biblia da algibeira, e, enxugando algumas lagrimas rebeldes, leu estas consoladoras palavras: *«Nenhum te poderá resistir todo o tempo que viveres: como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei nem te desampararei»*. (Josué, 1:5).

Depois entrou em casa, e contou a sua mulher o que se havia passado.

—E que vaes tu fazer com esse material perdido?—perguntou lhe a esposa.

—Procurar—respondeu Julião—quem o compre, ainda que seja por menos preço.

—Ai, Julião! Não sei que estranho pressentimento me diz que o P.^e Francisco tem parte neste negocio.

Julião foi para a loja e poz-se a trabalhar. De tarde, o P.^e Francisco apareceu na loja, dizendo-lhe:

—Venho pagar-lhe uma divida.

O padre tirou um *porte-monnaie* e, dando-lhe o dinheiro, disse-lhe:

—Parece-me que não está bom. A sua cara, pelo menos, indica que vocemecê está mal de saude.

—Graças a Deus, não estou; porém tive hoje um grande desgosto.

—Vamos lá; questões domesticas, não é verdade?

—Não, senhor—respondeu Julião,—desgostos com os freguezes.

O padre compreendeu imediatamente tudo, pois o seu amigo, o confessor da condessa de X... já lhe havia dito que Julião ia ser despedido. O P.^e Francisco conheceu que não devia dizer palavra, e ia a retirar-se quando uma nova personagem entrou na loja de Julião.

—Boas tardes—disse ele ao entrar.

Todos responderam á saudação, acrescentando Julião:

—Como! O senhor por aqui?

—Homem—respondeu o recém-chegado em tom familiar,—venho ralhar comsigo.

—Ora essa!

—Encurtando razões. Quero abrir o café no dia primeiro. —Pois olhe, sr. Mariano, como vê, já comprei o zinco e estão trabalhando nele; porém para estar pronto para esse dia, é impossivel.

—Porém, faltando ainda quatro dias até lá, parece-me...

—Desculpe, mas são apenas tres dias!

—Como? Quinta, sexta, sabado, domingo, são quatro.

—Não, senhor, não deve contar o domingo.

—Já principiamos com exquisites, não é verdade? Não seja doido nem fanatico. Essas preocupações significam o retrocesso de oitenta anos.

—Será o que quizer, porém Deus é mais antigo do que o senhor; portanto, entre Ele, que me manda não trabalhar, e o senhor, que manda que eu trabalhe, devo obedecer antes a Ele do que ao senhor.

—Porém, não conhece que Deus não se intromete nessas coisas? Que lhe importa a Deus que vocemecê trabalhe ou não? Não faça mal a ninguém, que trabalhar não é pecado, não é verdade, sr. padre Francisco?

—Deus quer—respondeu o padre Francisco—que se santifiquem os dias de festa. No domingo e mais dias preceituados pela igreja deve-se ouvir missa... depois... se é preciso trabalhar, pode-se fazer mediante licença. Julião, porém, como é protestante...

—Quê! vocemecê é protestante?—exclamou o freguez.

—Sou cristão evangelico—respondeu Julião.

—Pois, mestre, assim não está bem. Não vê que todos os freguezes o vão deixar? Protestante é a coisa peor que pode haver! porque é não ser hespanhol.

—O que é ser protestante—exclamou Julião, já um pouco exaltado—é ser mais hespanhol do que muitos; protestante é ser bom filho, bom pae, bom esposo, bom amigo e um bom crente em Jesus. Os catolicos romanos desprezam os mandamentos de Deus e submetem-se ao capricho dos homens; chamam doidos e fanaticos áqueles que os guardam, taes quaes se encontram na Biblia, e crêem em milagres, em bulas, em reliquias, em infernos com caldeiras de pez, em diabos grandes e diabos pequenos, em serpentes que se enroscam, em um purgatorio de que Jesus não teve a menor noticia, em um *limbo*, em bulas a gosto do comprador... em tudo, menos em Jesus e no Evangelho.

—Julião, Julião—disse o sacerdote,—não fale de tal modo, porque não faz mais do que dizer blasfemias.

—Ao catolico romano pouco se lhe importa ir á missa e dali ao baile; isto no dia do Senhor. E que proveito tira da missa?

—Ouve o Evangelho, ou uma parte dalguma epistola.

—Sim? Pois peço-lhe ao senhor, que é catolico romano e que certamente ha de ter ouvido alguma missa, que nos diga o que sabe do Evangelho que tem ouvido na egreja?

—Senhores—respondeu ele,—a falar a verdade, costumo ir poucas vezes á missa, porém eu não sei o que o sacerdote diz... Está disposto a fazer a obra para o dia que indiquei?

—Estou, sim, senhor—respondeu Julião,—porém, pelo que diz respeito a trabalhar no domingo, não trabalho.

—Quer dizer que pelas suas exquisites vou ser prejudicado, não abrindo o estabelecimento no dia que quero. Vamos, Julião, seja razoavel, deixe-se de protestantismos e trabalhe, que é isso o que lhe dá de comer.

—Sr. Mariano, é completamente inutil que se empenhe em fazer-me trabalhar ao domingo, pois por todo o dinheiro do mundo não o farei.

—Nesse caso, ponto final na questão. Não o incumbirei de mais trabalhos.

—Bem, como quizer; obedeço a Deus, e é quanto basta.

O padre Francisco quiz aparentemente harmonizar a questão, porém foi tudo em vão. A voz de Deus, que ordenava ao nosso amigo o guardar o dia de descanso e santifical-o, teve mais força do que tudo.

Minutos depois, o freguez de Julião saiu, e juntamente com ele o padre Francisco.

Julião entrou no seu quarto para orar, dizendo:

—Jesus, Tu me dizes: «E todo aquele que não traz a sua cruz e não vem apoz mim não pode ser meu discipulo.»

CAPITULO XIV

Da loja á agua-furtada

A desgraça pairava sobre a casa de Julião.

Em pouco tempo aquela casa, antes tão feliz, veio a ser a casa da dôr e da aflição. Já se não ouvia na loja o bater do martelo nem as alegres canções dos operarios.

Por todas as partes se havia espalhado a noticia de que o vidraceiro era protestante, e, por consequencia, o descredito foi geral.

Em vão Julião sofria tudo com paciencia; em vão visitava os seus antigos freguezes; em vão, na apparencia, clamava ao Senhor: parecia que o céu e a terra o haviam abandonado.

Para maior desgraça, sua esposa, torturada pelos sofrimentos, tinha decaído da fé, e isto era o que mais o atormentava.

Até o seu proprio amigo, o mestre João, que era o unico que poderia ajudal-o, estava fóra de Madrid, occupado numas obras; tudo, pois, como já dissemos, se pronunciava contra ele.

Assim chegou o dia em que Julião teve de deixar a loja da casa que habitava, indo alugar a agua-furtada da mesma, para onde foi trabalhar como simples official.

Faltavam tres dias para fazer a mudança. Julião não estava em casa, e Dôres estava só, dando o peito a seu filho, quando sentiu abrir a porta da loja.

Levantou-se para ver quem entrava, e dirigindo-se á porta deu de rosto com o padre Francisco, que, depois de a cumprimentar, lhe disse:

—Julião está em casa?

Sabido é que Dôres olhava desde ha muito com certa desconfiança para o padre, pois que julgava que ele era o causador das suas desgraças, e assim é que com grande reserva e muito secamente lhe respondeu:

—Não, senhor; saiu.

O padre compreendeu o que se passava no espirito daquela mulher, e num momento concebeu o seu plano.

—Pois realmente sinto-o—disse o sacerdote,—pois que vinha falar com ele, afim de ver se queria encarregar-se duma obra.

—Pois não posso dizer-lho, porém parece-me que actualmente lhe será difficil, pois que não temos os meios necessarios para comprar os materiaes.

—Não importa isso; se seu marido quizer, os donos da obra lhe adeantarão tudo o que seja preciso. Porém, estranho vê-los nesse estado, sem terem nada que fazer, quando tinham tão boa freguezia!...

—Pois olhe—disse Dôres com intenção,—alguem tem a culpa disto.

—Não me parece que alguem possa ter culpa, ou se compraza com os males que sofrem. O unico culpado de tudo isso é o seu esposo, por causa dessas idéas que tem e que tão desprezadas são de todos. Se seu marido não tivesse a insensatez de se fazer protestante... Ora veja lá, protestante... uma coisa que não tem razão de ser... que acabará em breve e que... finalmente... consta lhes que muitos clerigos tenham passado para essa seita?

—Sim, senhor; sei dalguns.

—São aqueles que não quizeram sujeitar-se aos seus votos e para quem a religião era uma coisa pesada. Finalmente, Dôres, creia-me, o que lhe está succedendo não é mais do que um aviso de Deus, um preludio de acontecimentos mais graves; não me admiraria se ámanhã lhes morresse o seu filho.

—Cale-se, senhor!

—E era um grande favor que a Virgem lhes fazia, pois que seria melhor para ele morrer do que ficar eternamente condenado.

—E porque ha de o meu filho ser condenado?

—Porque a educação religiosa que lhe derem não pode ser boa.

—Nós o educaremos na fé do Salvador e nas maximas do Evangelho.

—Sim, porém dum Evangelho corrompido, e mostrando-lhe um Salvador que o não poderá salvar, porque lhe falta a autorização de Sua bemdita Mãe.

—Padre Francisco, Jesus não necessita de autorização de ninguém, pois que «salva quem quer».

—Que lhe pedirá seu filho que a senhora não lhe faça? Pois também Jesus não pode fazer senão o que Sua bemdita Mãe manda. Emfim, noutra ocasião falaremos mais detidamente sobre este assunto. Queira dizer a seu esposo que esta tarde virei falar-lhe, e que a obra, de que o venho encarregar, lhe fará ganhar uma boa quantia. Passe bem, sr.^a Dôres; medite em tudo o que temos falado, e creia-me: sem Maria, nem o céu seria céu. Tome esta estampasinha e reze deante dela umas Avé-Marias, pois de cada vez que o fizer ganhará cem dias de indulgencia.

O padre Francisco saiu, mas ainda Dôres estava com a tal estampasinha na mão quando Julião, abrindo a porta, e observando que sua esposa tinha um papel na mão, aproximou-se, perguntando-lhe o que era.

—Uma imagem da Virgem Maria que me deu o padre Francisco—respondeu ela.

—E como ou com que fim te deu o padre Francisco esse papel?

Dôres contou a seu marido o sucedido, e depois disse:

—Que pensas fazer?

—O que penso fazer?—respondeu Julião.—Dizer ao padre Francisco que não torne a falar-te de religião, e, pelo que respeita á

obra, far-lha-hei se poder, mas que não venha cá falar-me em condições, porque...

—Julião, chega-te á razão e pensa no nosso filho. Além disso, o padre Francisco apresentou-me umas razões de bastante peso, ácerca da Virgem.

—Para grandes provas me tem reservado o Senhor, e a mais dura é ver a tua falta de fé. Escuta-me, Dôres, e jámais duvides da palavra d'Aquele que disse: «Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão...»

—Julião, a minha fé vacilou alguma coisa, porém eu rogarei a Deus para que a aumente.

—Bem, oremos a Deus.

Ambos os esposos ajoelharam, e pouco depois ouviu-se a voz de Julião, que pronunciou esta singela oração:

«Senhor, aumenta a nossa fé; agora mais do que nunca, necessitamos de crêr para sermos fieis... Não sabemos até onde nos provarás, porém estamos seguros de que Tu nos ajudarás. Sim, Pae Eterno, se temos sido fieis no tempo da prosperidade, justo é que o sejamos no tempo da adversidade.

Agora dá-nos a Tua benção, pelo amor de Jesus. Amen.»

Chegou por fim o dia destinado para que o nosso amigo Julião desocupasse a loja.

A senhora Brigida e Antonia estão em casa de Dôres.

—O caso é—disse Brigida—que, se meu marido estivesse em Madrid, daria o dinheiro a teu esposo e não havia necessidade de fechar a loja.

—Julião—respondeu Dôres—certamente que não aceitaria dinheiro, não tendo probabilidade de o pagar.

—Que coisas tens, Dôres!—exclamou Antonia.—Se meu pae emprestasse dinheiro a Julião, não fecharias a loja, e pode ser que com o andar do tempo melhorasseis de situação. Eu sei que a Biblia proíbe ter dividas; porém é claro que, entre irmãos, e quando é por

uma precisão, não é proibido, pois que a palavra de Deus manda que os irmãos se socorram entre si.

—Dize-me, Dôres—perguntou a mulher do carpinteiro,—não poderia ser que Julião pedisse alguns dias de espera, e entretanto eu escrevia a meu marido? Oh! se nós chegassemos a saber isto a tempo, teríamos escrito a João sem vós o saberdes, e tudo se arranjaría...

—Direi isso mesmo a Julião—disse Dôres,—e logo lhes participarei a resolução dele.

Assim continuaram conversando, enquanto que Julião, que se achava na loja empacotando as ferramentas, falava com o padre Francisco.

—Porém que é isso?—dizia o padre.—Então muda de casa?

—Não, senhor—respondeu Julião,—deixo a loja.

—Deixa a loja?

—Que quer? Algumas pessoas não vêem outra coisa mais senão aquilo que os seus olhos alcançam, e querem que os outros façam o mesmo. Amigo, o sr. conde de X... e outros hão de algum dia experimentar o que está escrito: «Não oprimirás o teu proximo, nem o roubarás; não retenhas o trabalho do jornaleiro em tua casa—até ámanhã». Sim, aqueles que procedem como o conde de X..., que me fez comprar um material que depois para nada me serviu, não compreendem que o Senhor, um dia, lhes pedirá estreitas contas, pois que Ele disse: «Não negarás a paga a teu irmão indigente e pobre, ou ao peregrino, que mora contigo na terra, e está de tuas portas para dentro; mas pagar-lhe-has no mesmo dia o preço do seu trabalho antes do sol posto, porque é pobre, e disso sustenta a sua vida; não suceda que ele clame contra ti ao Senhor, e isto se te impute a pecado» (Deut. 24: 14 e 15).

—Julião—disse o padre Francisco,—não deve admirar-se de que todos lhe voltem as costas; as suas idéas religiosas não são de molde a atrair-lhe as afeições do mundo.

—Sim, a mim não me admira que o mundo me aborreça, quando Jesus, o meu Salvador, disse: «Se o mundo vos aborrece, sabeis que primeiro do que a vós me aborreceu Ele a mim. Se vós fosseis do mundo, amaria o mundo o que era seu; mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece» (S. João 15: 18, 10). Aquilo que realmente me admira é que pessoas que aparentam um tal escrupulo não sintam remorsos em sua consciencia em roubar a um pobre, como eu, o fruto do seu trabalho, e não hesitem em lançal-o na miseria.

—Julião, deixemos de parte essa questão. O senhor pode adquirir do conde X... mais do que aquilo que perdeu. Renuncie por um momento a essas preocupações, abra os olhos á luz, e creia em si. Eu venho encomendar-lhe uma obra, que pode dar-lhe alguns lucros; quer fazel-a?

—Sr. padre Francisco, não posso empreender obra alguma, por pequena que seja, pois não tenho dinheiro para material nem para as ferias dos officiaes.

—Não lhe importe isso—disse o padre;—eu ofereço-lhe aquilo de que necessite. A pessoa que encomenda a obra lhe adeantarás o dinheiro preciso para os materiaes e para as ferias.

—E que obra é essa?—perguntou Julião.

—Tudo o que pertence á sua arte, na egreja de S. N., notando que tem muito que fazer; é obra que durará muitos mezes.

—Muito bem; não tenho nisso o menor inconveniente. E não me imporá condição alguma que me torne impossivel o aceitar a obra?

—Não, nenhuma; pois que a condição imposta para todos aqueles que ali trabalham é tão simples que ninguem até hoje deixou de a aceitar.

—Qual é?

—O paroco diz missa ás nove horas da manhã, á qual deseja que assistam todos os artistas que ali trabalhem.

—E assistem todos?

—É natural. Quem se recusará a isso?

—Suponhamos, sr. padre Francisco, que o paroco me impõe essa condição, e que me nego a assistir á missa, o que me sucederá nesse caso?

—Nesse caso não poderá continuar a trabalhar na egreja.

—Pois então é inutil que tornemos a falar mais nisso; pela minha parte não assisto á missa.

—Porquê?

—Creio inutil repetir-lhe aquilo que já por tantas vezes lhe tenho dito sobre o assunto. Não tendo a missa para mim o valor que vós lhe daes, não posso nem devo assistir a ela.

—Porém pense bem que está na maior miseria, e não sómente vocemecê, como sua mulher e seu filho.

—Pois o Senhor, que tem cuidado das avesinhas e dos lirios dos campos, cuidará de mim, de minha mulher e de meu filho.

—Vamos; quer encarregar-se?

—Sim, senhor.

—Nesse caso, espero que vá á missa.

—Não, senhor, eu não posso assistir a um acto que a minha consciencia reprova.

—Então não estranhe que a fome bata á sua porta: será um castigo de Deus, que o avisa por minha boca.

—Não, não é um aviso; diga antes uma tentação de Satanaz, permitida por Deus, para provar a minha fé.

—Julguei que podia valer-lhe em alguma coisa, porém enganei-me. É difficil deter em sua carreira o homem que marcha a passos agigantados para o precipicio. Que a Virgem tenha misericordia de si.

—Folgo imenso com que tenha falado da Virgem, pois que me esquecia de dizer-lhe duas coisas: a primeira é que me faça o favor de não falar a minha mulher ácerca de religião; a segunda é que

não lhe torne a dar estampas de santos ou de virgens, pois que, como pode muito bem compreender, não deve meter-se onde não o chamam.

—Se eu dei a sua esposa alguns conselhos, foi porque a encontrei triste e aflita. Eu, na minha qualidade de sacerdote, tenho o dever de consolar os tristes.

—Muito bem: porém aquilo que disse a minha esposa, em vez de servir para a consolar, devia servir para acender em seu peito a duvida, e estabelecer em minha casa uma guerra religiosa; portanto, que não torne a suceder uma tal coisa.

—Quer isso dizer—respondeu o padre Francisco—que me proíbe de falar com sua esposa, não é verdade?

—Sim, senhor: sobre assuntos de religião prohibo-lhe terminantemente que lhe fale.

—Nesse caso é impossível que Deus o ajude.

—Padre Francisco, parece-me que o culpado de que me tenham tirado o trabalho em casa dos condes X... foi vossa senhoria.

—Pois fui eu, é verdade, que influi para que fosse despedido da casa.

—Então teve valor para perder desse modo um pae de familia?

—Basta, basta, Julião; estou cansado de lutar; venho oferecer-lhe o bem, e o senhor rejeita-o; ha-de, por conseguinte, sofrer-lhe as consequencias.

—Padre Francisco: nem V., nem Roma, nem a fome, nem as ameaças são suficientes para apartar-me do amor que ha em Cristo Jesus.

—Nesse caso, guerra e guerra sem treguas.

O padre saiu furioso da loja, e Julião, elevando os olhos ao céu, exclamou:

—«Julga, Senhor, aos que me fazem dano, expugna aos que me combatem». (Sal. 34: 1).

Emquanto isto sucedia, dialogavam assim Antonia e sua mãe na carpinteria:

—Sim—dizia Brigida,—escreve a teu pae, contando-lhe os apuros do nosso amigo, e que imediatamente nos mande dinheiro.

—Quanto lhe peço?

—Não sei; porém explica-lhe o caso, e ele poderá calcular quanto é preciso.

Antonia começou a escrever, e, depois dalguns instantes, leu a sua mãe a seguinte carta:

«Madrid...

«Querido pae, muito me alegrarei que ao receber esta esteja de saude; nós estamos boas.

«Escrevemos-lhe para referir-lhe uma coisa que muito o entristecerá. Julião, o nosso amigo, deixa a loja, por manejos dos seus inimigos, que quasi o reduziram á miseria.

«Deixaremos o nosso amigo sem auxilio?

«Não. Espero que meu pae atenderá aos rogos de sua esposa e filha.

«Esperamos que aproveitará a ocasião de fazer alguma coisa por amor de Jesus, tendo em conta que «Deus ama aquele que dá com alegria».

«Sem mais, receba o carinho destas que o amam

Brigida e Antonia.

P. S.—Lembre-se daquilo que Dôres fez por mim quando estive doente, e de que os desgostos que isso lhe ocasionou, e aquilo que agora está sofrendo, tudo isso é consequencia do que fez por mim. Os nossos amigos perdem-se se de pronto não os socorremos».

—Bem, bem, filha—exclamou Brigida ao ouvir a leitura da carta;—
escreves melhor do que um ministro. Anda, vae deitar a carta no
correio.

CAPITULO XV

Já começa!...

No dia seguinte ao dos acontecimentos referidos no capitulo anterior, os tranzeuntes da Rua dos Embaixadores, ao passarem por certa casa, poderam ler—JULIÃO, VIDRACEIRO, CHUMBEIRO, CHOCOLATEIRO—e colocado sobre a porta um papelinho escrito pelo porteiro da casa, em pessima ortografia, com os seguintes dizeres: «*Aluga-se esta loja; o porteiro tem as chaves e dirá as condições*».

Sim, Julião tinha deixado a loja por não poder pagar o aluguer, e agora vive na agua-furtada n.º 12, da mesma casa.

Como é costume entre amigos mostrar a casa em que vivem, Julião o faz a todos os que se interessam na sua historia.

Depois de se subirem cento e quinze degraus, chega-se a uma galeria, ou, melhor, a um corredor, em que fica a morada de Julião.

Consta de tres compartimentos—sala, cosinha e alcova.

Agora que estamos dentro da casa, ouçamos o que dizem o nosso amigo e sua mulher.

—Crê-me—dizia Julião,—o Senhor tirou-nos a loja, fazendo-nos vir viver para aqui. Por alguma coisa foi que o Senhor fez isto.

—E para que o fez Ele?

—Olha, Dôres, não crês que neste corredor se pode anunciar o Evangelho a mais de duzentas pessoas?

—Creio, Julião, que não terás necessidade de chamar o ministro para isso.

—Não, realmente. Porque hei de ceder a outro as bençãos que eu posso receber? Por certo que seria uma loucura.

—E que tencionas fazer?

—Uma coisa muito simples. Hoje mesmo convidas as vizinhas para uma reunião religiosa. Dizes que todo aquele que deseje ouvir as novas do Evangelho pode vir aqui esta noite, às oito horas em ponto.

—Bem, farei o que tu desejas, e que o Senhor nos abençoe.

Julião saiu de casa, e em poucos momentos Dôres estendia no corredor algumas peças de roupa que tinha lavado.

—Bons dias, vizinha—disse-lhe uma mulher do corredor em frente.

—Bons dias, senhora—lhe respondeu Dôres.

Dentro de si sentia uma coisa que lhe dizia: «Começa a trabalhar para Jesus.»

—Está hoje um bonito dia!—disse a vizinha.

—Realmente está um dia muito bonito. Veja que formoso está o céu! Quem seria capaz de fazer um céu semelhante a este? E ainda dizem que não ha Deus!

—E quem se atreve a sustentar semelhante disparate?

—Não faltam, infelizmente, pessoas que o façam; pessoas que não teem religião nem consciencia.

—A proposito, Dôres, permite-me que entre em sua casa para lhe perguntar umas coisas?

—Com muito gosto.

—Vou ver se fervem as panelas que deixei ao lume, e depois irei ter consigo.

Quando Dôres se viu sózinha, exclamou:

—Senhor, dá-me forças e aumenta a minha fé, se queres que faça alguma coisa por Ti. Por amor de Jesus, concede-me o Teu santo Espirito. Amen.

—Posso entrar?—disse uma voz do lado de fóra.

—Entre—respondeu Dôres.

No mesmo momento entrou a mulher que tinha falado com Dôres.

Esta ofereceu-lhe uma cadeira, e ela, depois de tomar assento, disse-lhe:

—Então porque deixou a loja?

—Que quer a vizinha—respondeu Dôres.—Caprichos da sorte, ou, melhor, azares da vida.

—A mim disseram-me que foi por vocemecês serem protestantes que os despediram da casa.

—Pois não é verdade: fomos nós que nos despedimos, porque o meu esposo perdeu de repente o dinheiro que tinha, e bem assim a freguezia, por causa das suas idéas religiosas.

—Porém, Dôres, perdôe-me que lhe diga. Eu não entendo uma palavra ácerca das suas crenças religiosas. A mim disseram-me que os protestantes não crêem em Deus, nem na Virgem, nem nos santos. Quando morreu sua mãe, ouvi tudo o que o padre disse, e pareceu-me que no que dizia tinha razão; assisti ao enterro, e fiquei impressionada: mas porque é que todos são contra vocemecês?

—Por que razão foram todos contra Jesus? Eis aqui a causa: os que crêem em Jesus são perseguidos porque o seu Divino Mestre o foi.

—Porém vocemecês crêem em Deus e na Santíssima Trindade?

—Sim, senhora; nós cremos em tudo isso, e mais ainda cremos em tudo o que está escrito na Bíblia.

—Muito desejaria tornar a ouvir falar algum dos que pensam como vocemecês.

—Pois olhe, se tem esse desejo, Julião vae fazer algumas reuniões neste mesmo quarto, e pode assistir a elas.

—Não sabe quanto me alegro em saber isso. Não faltarei; porém diga-me: Quando é que seu marido principia?

—Esta mesma noite ás 8 horas, e, visto que a senhora é a primeira moradora da casa que o sabe, peço-lhe que...

—Não diga nada? Descance que...

—Pelo contrario, peço-lhe que o diga a todas as pessoas que muito bem lhe parecer. Seria um grande prazer para nós que todos os moradores e a vizinhança ouvissem o Evangelho.

—Pois então eu lhe asseguro que toda a vizinhança o saberá.

Em poucos momentos, todos os moradores da casa sabiam que Julião ia dar reuniões protestantes, e todos se dispuseram a ir ouvi-lo, uns por curiosidade e outros por zombaria.

Quando o padre Francisco soube isto, exclamou:

—Já começa! e eu que julgava que esse homem cederia á fome e á miseria! Na minha vida não tenho visto pessoa mais teimosa! Que fazer? Ah! se se promovesse um escandalo, podia succeder que o senhorio os despedisse da casa; e o escandalo, sim, ha de dar-se. Parece mentira que os homens se obcequem a este ponto... No emtanto, isto faz-me supôr que Julião recebe alguma paga.

Assim continuou o padre, falando comsigo.

Por fim veio a noite, e, ainda que alguma coisa fria por ser outono, a gente apinha-se nos corredores, por não caberem todos os que haviam concorrido dentro do quarto.

Ás oito horas em ponto da noite, Julião entrou no quarto, saudando todas as pessoas.

Depois dirigiu-lhes a palavra da seguinte maneira:

—Amigos, bastante embaraçosa é para mim a situação em que me encontro ao dirigir-vos a palavra. Falo-vos por duas razões: a primeira porque a isso Deus me envia, para que vos anuncie as novas de salvação que se encontra em Jesus Cristo; a segunda, a menos importante, para me justificar do que dizem, pois que, na opinião de muitos, duvida-se do meu character e da minha honra. Parece que muitos dos que estão presentes estranharão que um protestante vá falar do cristianismo, quando, segundo dizem por ahi, nós os protestantes somos uns herejes, uns incredulos, que duvidam de tudo. Se isto é ou não verdade, ides vós julgal-o ouvindo dos meus labios a minha profissão de fé, na qual eu, bem

como todos os cristãos evangelicos, a quem vós chamaes protestantes, cremos. Para que bem o compreendaes, escutae com atenção.

«Creio em Deus Pae Todo Poderoso, Creador do céu e da terra. Creio em Jesus Cristo seu Unico Filho, Nosso Senhor; O qual foi concebido por obra do Espirito Santo; Nasceu de Maria Virgem; Padeceu sob o poder de Poncio Pilatos; Foi crucificado, morto e sepultado; Desceu aos infernos; Ao terceiro dia ressuscitou dos mortos; Subiu ao céu; Está sentado á mão direita de Deus Pae Todo Poderoso; Donde ha de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espirito Santo; Na Santa Igreja Catolica; Na comunhão dos santos; Na ressureição da carne; Na vida eterna. Amen.»

Um murmurio de vozes de aprovação e surpresa rompeu de todos os labios. As vozes que mais se distinguiram foram:

—Esse Credo é igual ao nosso!

—Crêem em Deus!

—E na Virgem!!!

—E em que Cristo foi concebido pelo Espirito Santo!!!

—Sim, meus amigos—continuou Julião,—nós, isto é, os cristãos do Evangelho, cremos em tudo o que está escrito na palavra de Deus. Quanto dizem de nós é uma completa calunia. Jámais duvidámos da virtude de Maria, mãe, não de Deus, porque Deus não teve pae nem mãe, porém sim mãe de Jesus, emquanto homem como nós. Nós não confiamos em ninguém senão em Cristo, porque sabemos que em nenhum outro ha salvação; *porque do céu abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens pelo qual os homens devem ser salvos* (Atos 4:12). Não confiamos nas obras que possamos fazer, pois que, por melhores que elas sejam, não são mais do que «trapos de imundicie». Não nos submetemos ao jugo de Roma, porque na palavra de Deus não se ordena que o cristão esteja sujeito a tal ou qual igreja, mas sim a Cristo, e porque esta igreja tiranisa as consciencias, obrigando a crer em dogmas taes como a infalibilidade, que nos faz ver a figura do papa retratado na segunda Epistola de S. Paulo aos Tessalonicenses, cap. 2.º, ver,

3 e 4, onde se diz, falando da segunda vinda do Senhor: «*Ninguém de modo algum vos engane; porque não será sem que antes venha a apostasia, e sem que tenha aparecido o homem do pecado, o filho da perdição, aquele que se opõe, e se eleva sobre tudo o que se chama Deus, ou que é adorado, de sorte que se sentará no templo de Deus, ostentando-se como se fosse Deus*». Nós, os protestantes, não fazemos caso dos dias de jejum, porque S. Paulo diz: «*Ninguém vos julgue pelo comer nem pelo beber*» (Col. 2: 16). Também sabemos, para que nos acautelemos deles, que «*alguns proibirão casar-se, e mandarão abster-se das coisas que Deus creou para que com acção de graças participassem delas os fieis e os que teem conhecido a verdade*» (1.^a a Tim. 4: 3). Não fazemos caso algum dos mandamentos romanos, no que diz respeito a dar dinheiro ou velas, ou coisas semelhantes para o culto, pois que na Palavra de Deus achamos escrito: «*Ninguém vos desencaminhe, afectando parecer humilde, e dar culto aos anjos, que nunca viu no estado de viador, inchado vãmente no sentido da sua carne*» (Col. 2: 18).

Algumas vozes de aprovação saíram dentre os ouvintes.

—Sim, meus amigos—prosseguiu Julião,—dos protestantes dizem-se muitas coisas que assim não são.

«Nós, os protestantes, cremos na Virgem dos Evangelhos, mas não na Virgem da igreja romana, porque a Virgem desta igreja em nada se parece com aquela. Não lhe rezamos por duas razões: a primeira porque não sabemos rezar; sabemos sim orar a Deus; e a segunda porque nem os apóstolos, nem as tres Marias, nem nenhuma das personagens do seu tempo o fizeram. E que diremos ácerca das bulas? As bulas! Famosa chave romana que abre e fecha as portas do céu, desde o minimo preço de dois reales^[3] até somas um tanto consideraveis. Roma tem bulas para todos, já vêdes—acrescentou em tom ironico.—Roma tem bulas até para defuntos. Emfim, Roma não perde ocasião de tirar dinheiro. Desde que uma pessoa nasce até que morre, paga dinheiro e mais dinheiro para os cofres da igreja. Dinheiro para baptizar, dinheiro para casar, dinheiro para enterrar, dinheiro para missas, dinheiro para tudo. Ah! os sacerdotes desta igreja não teem em conta que S. Paulo vivia á

custa do trabalho de suas mãos, e que nem S. Pedro nem os demais apóstolos foram subvencionados pelo Estado: não tiveram pé de altar, nem direitos paroquiais, nem casulas batidas a ouro, nem calices de prata, nem baculos do mesmo metal, nem tiara, nem mitra, nem chapéu cardinalício, nem foram abades, nem conegos... Porém, se não tinham nada disto, em troca recebiam, para administrá-lo, o dinheiro dos ricos, e com isso a igreja vivia com algum desafogo. Este era o costume apostólico, e por ser este costume que nós defendemos acusam-nos de herejes e nos excomungam, e não fazem mais porque Deus não lhes permite. Meus amigos, já vos são conhecidas em parte as doutrinas dos cristãos evangélicos; agora julgae por vós mesmos. Amanhã à mesma hora de hoje, se vos dignardes vós escutar-me, falaremos de algum ponto do Evangelho; porém, antes de vos retirardes, sabeis duas coisas: primeira, que *«de tal maneira Deus amou o mundo que lhe deu o Seu Filho Unigenito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna»* (S. João 3: 16). A segunda é que *«nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus»* (Rom. 8: 1). Que o Senhor nos abençoe. Amen.

Julião retirou-se para a alcova, e a gente também saiu, discutindo entre si; alguns foram felicitá-lo.

O padre Francisco, que havia estado observando tudo, dizia a sós consigo:

—E não houve escândalo! E esse homem que vai convencê-los! Como evitar isso?

O bom do padre trazia a cabeça numa braza viva, pensando como havia de inutilizar o seu inimigo, sem se lembrar de que era melhor tomar o parecer que o fariseu Gamaliel deu no conselho de Jerusalem, celebrado contra os apóstolos, em que disse: *«Não vos metades com estes homens, e deixae-os; porque, se este conselho, ou esta obra, vem dos homens, ela se desvanecerá; porém, se vem de Deus, não a podereis desfazer, para que não pareça que até a Deus resistis»* (Atos 5: 38-40).

CAPITULO XVI

Um sermão, um desafio, e uma hora de fé

Os vizinhos da casa de Julião estavam alvoroçados. Entre eles tinha-se despertado um movimento religioso como poucas vezes se tem visto.

Merecia a pena às oito horas da noite o ir ver o interior da casa; pátio, corredor, janelas, tudo estava atulhado de pessoas, que levantavam a cabeça para olhar para um corredor do quarto andar, donde um homem lhes falava.

Tinham decorrido cinco noites desde que Julião pela primeira vez falara no corredor, e coisas maravilhosas tinham acontecido.

Na sexta noite do culto, achava-se Julião pregando, e tinha tomado para texto as palavras de Jesus: «*Porque onde estão dois ou tres reunidos em Meu nome, ali estou Eu no meio deles*» (S. Mat. 18: 20).

O nosso amigo estava quasi no fim da sua pregação, depois de ter exposto aos seus ouvintes quão grande era o amor do Salvador, que, depois de ter dado a vida pelos pecadores, estava disposto a recebê-los, pois que, só com invocá-Lo, Ele Se aproximava dos corações. Depois de tudo isto, disse:

«Temos, pois, que onde se reúnem dois ou tres em nome do Senhor, ali está a igreja. Portanto, meus amigos, não é necessário ir a tal ou tal igreja, nem escutar esta ou aquela prática, não; se dois ou tres cristãos se unem em um caminho ou num deserto, e ali elevam os seus corações para orar, ou antes para falar de Jesus, ali está a Igreja com o seu divino Esposo no meio.

«Mais fácil é que o Senhor habite em uma pobre água-furtada, onde uma família faz a sua oração matutina, do que num templo onde os sentidos se deleitam e o espírito se distrae com o som do

orgão, o espectáculo do luxo e os perfumes do incenso. Sabei que o Senhor «não habita em templos feitos por mãos de homens», como diz o profeta: *«O céu é o Meu trono, e a terra o estrado dos Meus pés. Que casa Me edificareis vós, diz o Senhor, ou qual é o lugar do Meu repouso? Não fez, porventura, a Minha mão todas estas coisas?»* (Atos 7: 49—50). Assim fala o Senhor. Não são, pois, as afilagradas cupulas duma catedral, ou os sumptuosos tetos dum templo, nem os canticos latinos, nem o incenso, nem as luzes, nem o luxo, os objetos que fazem com que o espírito de Deus desça das mansões celestes onde habita; antes pelo contrario, essas coisas afugentam o Espírito de Deus.

—As suas malditas idéas, sim, que o conduzirão a si e áqueles que o escutam aos infernos—disse uma voz do fim do corredor.

Todos os olhares se dirigiram para o sitio donde havia saído a voz, e deram com o padre Francisco, que, aceso em ira, apostrofava o vidraceiro.

Taes insultos lhe dirigiu que os assistentes começaram a gritar:

—Fóra, corvos! Fóra, corvos! Não queremos latinorios.

—O Evangelho é claro, e os padres não querem que a gente o leia, para que se não venham a descobrir os seus embustes.

—Fóra, fóra o padre!

—Silencio, meus amigos—gritou Julião.

A vozeria cessou, e então o vidraceiro, dirigindo-se ao padre Francisco, disse-lhe:

—Podia não interromper a nossa reunião por um modo tão pouco delicado. Não sei porque seja tratado assim aquele que diz a verdade.

—Você nem diz nem conhece a verdade—exclamou o padre Francisco.

E acrescentou com concentrado odio:

—Você é um miseravel que recebe dinheiro dessas malditas sociedades inglezas para perder a Hespanha, para subjugal-a...

—Sr. padre Francisco—disse Julião num tom veemente—O senhor é um caluniador. Certamente que a si é que eu devo o prégar o Evangelho; pois saibam todos que, por causa desse senhor, perdi a minha loja e a minha posição. Tão caritativo, fez quanto pôde para a minha miseria e para a miseria da minha familia.

—Fóra, fóra o padre!—gritaram de novo as pessoas presentes.

—Silencio!—tornou a exclamar Julião—O sr. padre Francisco é um dos padres de mais talento da freguezia; tem estudos, e diz que estou no erro; eu, pelo contrario, não sou mais do que um pobre artista sem estudos, e, mais ainda, com um futuro bem triste. Pois apesar disso, eu desafio-o a discutir comigo na vossa presença.

—Bem, bem—exclamaram os circunstantes.

—Senhores—disse o padre Francisco, um tanto embaraçado,—eu não posso discutir com este homem sem licença dos meus superiores; portanto não lhe aceito o repto, antes o desprezo.

—Parece-me—disse Julião—que isso é uma evasiva; o senhor, se é, como diz, ministro do Evangelho, não pode deixar de combater o erro onde quer que se encontre; a sentinela que vê como o inimigo se aproxima da brecha que ela guarda não espera que os seus chefes lhe mandem fazer fogo: assim o senhor deve colocar-se em frente do erro sem aguardar licença de ninguém.

—Este—exclamou furioso o padre Francisco—não é logar proprio para discutir. A casa é propriedade do senhorio, e não para que você venha com o seu palavriado escandalizar os vizinhos com suas corrompidas doutrinas.

—Fóra! fóra o padre!—disse uma voz.

—Fóra?—repetiu o padre.—Ámanhã vou dar parte ao senhorio de tudo quanto aqui se está passando, e veremos se se lhes prohibe ou não amontoarem-se nas escadas e no corredor, interrompendo a passagem.

—Pois senhores—gritou um dos moradores—em minha casa, de ámanhã em diante, ha logar para nos reunirmos. Se o sr. Julião quizer, podem todos juntarem-se ali sem escrupulo, e assim

deixaremos as escadas livres, para que o sr. padre Francisco possa descer e subir, sem que a sua sotaina se amarrote.

Todos os moradores aplaudiram, enquanto que o padre Francisco entrou em sua casa aceso em colera.

Julião concluiu o sermão, e, depois de ficar convencido de que na noite proxima se celebraria culto em casa do visinho, que a tinha oferecido, cada qual foi para sua casa, e meia hora depois o socego e silencio reinavam em todas as habitações.

Julião e sua esposa estavam sentados em casa, conversando.

—E que vaes fazer?—disse-lhe a esposa.

—Não sei—respondeu Julião,—não sei; todas as portas se fecham; hontem esperava trabalho, porém o mestre não ficou com a obra e não me pôde admitir. Bem sabe Deus, querida esposa, que sómente sinto isto por ti e por nosso filho. Os recursos esgotaram-se, e não vejo de pronto como poderemos obter remedio. Eu sei que «Deus providenciará», sim, indubitavelmente tem que o fazer. Fui vender a ferramenta, porém querem valer-se da ocasião, e por aquilo que me custou duas libras sómente me dão uma.

—Julião, já te disse que não vendas a ferramenta; se ámanhã nos estabelecermos de novo, far-te-ha falta.

—Certamente, e não sei que estranho pressentimento me diz que tornaremos para a loja que deixámos.

—Muito me alegraria com isso—disse Dôres,—porque foi naquela casa que morreram os nossos paes. Sabes—acrescentou—que ámanhã tenho de ir ao *Monte dos socorros* empenhar alguns objetos.

—Ah! Dôres!—exclamou Julião—se tu tivesses fé! Dize: crês com todo o coração o que está escrito na palavra de Deus?

—Sim, Julião.

O vidraceiro pegou na Biblia, que estava em cima da meza, e disse:

—Dôres, não temos dinheiro para comprar pão ámanhã, e, se não vaes empenhar alguns objetos, nem mesmo umas tristes sopas podes dar ao nosso filho, não é verdade?

Estas palavras arrancaram silenciosas lágrimas dos olhos de Dôres, que apertou ao peito o filhinho, que ela beijou sofregamente, entretanto que a creancinha se sorria, indiferente aos pezares daquela que a estreitava em seu seio.

—Não chores—continuou Julião,—o Senhor mesmo nos ensinou a dizer: «Dá-nos o pão nosso de cada dia»; pois bem, vamos orar, pedindo-Lhe esse pão.

Julião abriu a Bíblia no Evangelho de S. João, cap. 16, e leu os versículos 23 e 25, dizendo:

—Escuta esta preciosa promessa feita por Jesus; *«Na verdade, na verdade, vos digo: se vós pedirdes a Meu Pae alguma coisa em Meu nome, Ele vol-a ha de dar. Vós até agora nada pedistes em Meu nome; pedi e recebereis, para que o vosso gozo seja completo». «Tudo o que pedirdes em oração, crendo, o recebereis»*. Agora, com tão ricas promessas, e tão bom Intercessor, prostremo-nos diante de Deus.

CAPITULO XVII

O dinheiro do diabo e o dinheiro de Deus

Às onze horas do dia seguinte áquela noite de que acabamos de falar, achavam-se Julião e Dôres em sua casa, dialogando assim:

—Com que, nada encontraste?—dizia Dôres.

—Nada, Dôres, nada absolutamente.

—E vamos ficar assim todo o dia? Não temos dinheiro para comer, e nem ainda acendi lume por não ter que cosinhar. O menino mama muito, e eu sinto-me cair de fraqueza. Que vamos fazer?

Julião permaneceu em silencio por alguns momentos, e em seu rosto via-se retratada a luta que atormentava a sua alma.

Nunca a tentação o havia perseguido com mais força. Via sofrer sua esposa, e tudo o levava a perder a sua confiança em Deus. Por fim, depois dum breve espaço de tempo, abanou a cabeça, como se quizesse afastar dela alguma idéa que mais o atormentava, e disse em resposta a sua esposa:

—O que faremos? Esperar.

«Esperar que Deus responda á nossa oração.

Neste momento o padre e outro sacerdote apareceram á porta.

—Bons dias, senhores—disseram eles ao verem o vidraceiro e sua mulher.

—Bons dias—responderam eles, e Julião acrescentou:—Que pretendem?

—Vimos—respondeu o padre Francisco—falar comsigo.

—Nesse caso entrem.

Ambos entraram, e, enquanto Julião fechava a porta, Dôres ofereceu uma cadeira a cada um deles.

O padre Francisco tomou a palavra, e disse a Julião:

—Julião, certamente estranhará a minha vinda a sua casa, não é verdade?

—E a que devo eu a honra da sua visita?

—Vimos ver se afinal nos harmonizamos.

—Não entendo.

—Pois olhe, a loja que ocupava está ainda por alugar; quer tornar a ocupá-la?

—Não, senhor, porque para isso parece-me que seria preciso fazer alguma coisa que nem sequer desejo que se me proponha.

O amigo do padre Francisco tomou a palavra e disse:

—Apezar de não ter a honra de o conhecer, fui convidado por este amigo para lhe falar.

O padre calou-se, e depois duma breve pausa continuou:

—Eu sou o confessor da sr. condessa de X... e tenho bastante influencia sobre ela. O amigo trabalhava naquela casa, e por suas exquisitas idéas perdeu o trabalho. Porém, é a coisa mais simples eu falar com a condessa e imediatamente poderá de novo ser readmitido ao trabalho no palacio. Já falei com o sr. padre Francisco sobre aquilo que poderemos fazer por si, e se abandona o mau caminho que trilha pode ainda ser feliz.

...uma carta e uma letra de dezoito libras

Pag. 146.

—Senhor padre—respondeu Julião,—agradeço o interesse que a minha situação lhe desperta, porém é inutil que fale por mim á condessa. Hoje é um dia em que ainda não almoçámos; porém, antes morrer de fome do que negar o meu Salvador.

—Vamos, está resolvido a continuar a prégar aqui na casa?

—Mais do que nunca, respondeu Julião.

—Bonita prégação ha de fazer, se ainda não comeu.

—O Senhor me alimentará com a Sua palavra, pois que está escrito: «*Não sómente o homem viverá do pão, mas de toda a palavra que sae da boca de Deus*».

—Muito bem; pois agora mesmo lhe daremos duas libras se não prégar.

—Não prégar? Ora sempre os senhores teem coisas! O seu dinheiro pereça com os senhores, que julgam amordaçar com ele a palavra nos meus labios. O Senhor dá-me alguma coisa que vale mais do que algumas libras. Cristo deu-me uma coisa, a minha salvação, a qual, apesar de os senhores julgarem vendel-a a tanto por *missa*, não é comprada com todo o dinheiro do mundo. Não prégar!

—Porém—disse o confessor dos condes de X...—se o não faz por si, faça-o ao menos por sua esposa e filho. Vocemecê é senhor da sua vontade para se deixar morrer á fome, porém não deve obrigar os outros a que o façam.

—Julião—disse o padre Francisco—é tão credulo que julga ver entrar por aquela porta o corvo de Elias com um pão no bico.

—Sr. padre Francisco, eu não estranharia ver entrar um corvo com pão; pois Aquele que o mandou a Elias vive ainda e é todo poderoso para mandar-me a mim, não um corvo, mas sim um anjo, que me conforte.

—Vá lá—disse o padre Francisco, levantando-se—apesar de não querer ceder, e para que veja que não somos tão maus como julga, ahi tem essa libra para que se remedeie; entretanto pense bem na sua situação.

O padre Francisco dirigiu-se a Dôres para dar-lhe a libra, mas, antes de lha deixar cair no regaço, Julião suspendeu o braço do padre, dizendo-lhe:

—Agradeço-lhe do coração a esmola, porém guarde o seu dinheiro, pois que nós para nada o queremos.

O padre Francisco, sem poder responder uma palavra, e metendo o dinheiro no bolso, saiu furioso do quarto, seguido do outro sacerdote.

Quando os dois esposos ficaram sós, Julião exclamou:

—*Até quando, Senhor, Te esquecerás de mim? para sempre? Até quando afastarás de mim a Tua face?*

«*O nosso Deus é refugio, e esforço, favorecedor nas tribulações*» (Sal, 12:1; 45:1).

—Dôres, o Senhor põe á prova a nossa fé; e sabe que o Senhor prova até ao ultimo momento. Tem fé, que «Deus providenciará».

Passados uns momentos, durante os quaes Julião esteve exortando sua esposa, bateram de novo á porta. Julião foi abrir-a, e um carteiro apareceu com uma carta para o vidraceiro.

Julião fechou a porta, e, dirigindo-se a sua esposa, disse-lhe:

—Será esta carta a resposta á nossa oração de hontem á noite?

Antes que Dôres respondesse, rasgou o *envelope*, e tirou de dentro dele uma carta e uma letra de dezoito libras. Julião leu em voz alta:

«Povoação de ***

Querido visinho

«Desejo do coração que ao receber esta passe sem novidade em companhia de sua mulher e seu filhinho. Eu gózo saude e alegria, graças a Deus.

«Porém, como teve coragem para sofrer tanto sem...? Vamos, digo-lhe que eu não tenho paciencia, e que o padre Francisco não faria o que fez se eu ahi estivesse.

«Pensando bem, eu devia zangar-me comsigo, porque estar em necessidade e não me pedir nada é coisa que não compreendo, e que não é de amigo. Porque não me escreveu?

«Emfim, agora nada se remedeia do que deixo dito, visto o mal já estar feito.

«Remeto-lhe essa letra para que torne para a sua loja, e continue no seu negocio.

«Não se aflija com a idéa de que tem de me pagar essa quantia; somos amigos e irmãos em Jesus; assim é que, enquanto não tiver dinheiro de sobra, não mo pagará. Falei com o administrador das obras onde estou trabalhando, e pode vir esta assinar a escritura, cujas condições lhe remeto, para tomar a empreitada da obra de pintura; é um bom negocio...»

Daqui em diante a carta falava de coisas relativas ao negocio de ambos, e por fim dizia:

«Não o incomodo mais, senão para dizer-lhe que aqui não trabalhamos aos domingos, e que o trabalhador que solta más palavras eu o despeço.

«E minha mulher e minha filha continuam de saude?

«Faça-me muito recomendado a Dôres, á minha Brigida e á minha filha; tambem me fará lembrado aos meus officiaes, muitos beijos no seu filhinho, e o visinho receba o carinho deste que deseja muito vê-lo.

João.»

Quando Julião acabou de ler a carta, olhou durante alguns momentos para sua esposa, que parecia estar imersa num sonho, e por fim exclamou:

—«*Quando me via atribulado clamei ao Senhor, e Ele me respondeu*» (Sal. 19: 1). Eis aqui, Dôres, a resposta á nossa oração de hontem á noite. Crês que Deus sempre providencia?

—Sim, Julião, e peço perdão a Deus pela minha falta de fé.

—Este dinheiro é mandado por Deus, e devemos aceital-o; agora demos graças ao Senhor por Sua misericordia.

Ambos os esposos se ajoelharam, e a voz de Julião se fez ouvir, dizendo:

—«Louva, ó alma minha, ao Senhor; eu louvarei ao Senhor durante a minha vida; cantarei salmos ao meu Deus por quanto tempo eu viver. Não queiras confiar nos principes, nem nos filhos dos homens, em quem não ha salvação. Sairá o seu espirito e tornará á sua terra; naquele dia perecerão todos os pensamentos deles. Ditoso aquele de quem é protector o Deus de Jacob e cuja esperança é no Senhor seu Deus, o qual fez o céu e a terra, o mar e todas as coisas que neles ha; o que guarda verdade para sempre, faz justiça aos que sofrem injuria; dá sustento aos famintos. O Senhor desata os que estão em grilhões; o Senhor alumia os cegos; o Senhor levanta os oprimidos; o Senhor ama os justos; o Senhor guarda os peregrinos, ampara o orfão e a viuva, e destruirá os caminhos dos pecadores. O Senhor reinará pelos séculos; o teu Deus, oh Sião, reinará por todas as gerações».

(Sal., 145). Senhor, graças Te damos por tudo o que tens feito para nós, em nome de Jesus. *Amen.*»

Depois duma curta pausa, Dôres disse:

—Senhor, aumenta a nossa fé e perdôa os nossos momentos de duvida, por amor de Jesus. *Amen.*»

Quando se levantaram de orar, Julião correu a dar noticias de João a Brigida e a Antonia, e em seguida foi ao banco receber a letra. Uma hora depois Julião e Dôres almoçavam, e duas horas mais tarde já Julião tinha falado com o senhorio, ficando outra vez senhor da loja, pelo que foi tirado o papel que anunciava que a loja se alugava.

O padre Francisco notou aquilo, e disse comsigo, esfregando as mãos de alegria:

—Olá! Então já está alugada a loja! Agora, se o vidraceiro quizer estabelecer-se, terá que ir procurar outra. Sinto com isto um grande prazer. Oh! como estou alegre!...

CAPITULO XVIII

Pobre padre Francisco

Depois dum dia em que a Providencia de Deus havia tão misericordiosamente tirado a Julião dos apuros em que se achava, este, com o coração inundado de gozo, preparou-se para prégar na casa que o visinho, por um impulso espontaneo, lhe havia cedido para lá falar de Deus.

O padre Francisco não podia levar a bem estas coisas. Sagaz e manhoso, media a grandes passos o soalho do seu gabinete, vestido de habitos talaes, com um barrete de veludo preto na cabeça, e o cigarro na boca; passeava ali, meditando no modo de exterminar Julião e com ele a *má semente*, quando umas ligeiras pancadas soaram na porta.

—Entre—disse o padre Francisco.

A creada foi dizer-lhe que a sr.^a Joana desejava vê-lo.

—Que entre—disse o padre.

Momentos depois entrou uma mulher, que saudou o padre, beijando-lhe a mão, e dizendo-lhe:

—Disseram-me que vossa senhoria deseja falar-me, e por isso venho aqui para saber o que deseja.

—Os meus agradecimentos. Diga-me: hontem á noite foi ouvir o vidraceiro?

—Sim, senhor; agora já não fala no corredor, mas sim em casa do sr. Hipolito. Á noite foi lá muita gente; e olhe que disse coisas muito boas; falou de Deus, das tentações de Jesus, quando o diabo Lhe disse que convertesse as pedras em pães, e quando o Senhor lhe disse que a Deus sómente se deve adorar... A este respeito disse

que era um grande pecado a gente pôr-se de joelhos diante dos santos... finalmente, falou muito bem...

—Basta, basta—exclamou o padre Francisco.—Senhora Joana, aquilo que Julião disse não foi mais do que uma serie não interrompida de erros, condenados pela egreja, pelo papa, pelos concilios e por todos aqueles que teem sido reconhecidos por santos. Aposto que não falou bem dos padres?

—Nem bem, nem mal.

—Aposto que não falou bem da egreja romana?

—Não disse nem uma palavra.

—Não importa, esse silencio é um pecado. Disse alguma coisa de Maria santissima?

—Não, senhor.

—Já se vê; pois se os protestantes não crêem nela!... Todos esses propagadores de nova especie não são senão pessoas que teem por officio enganar os outros, a troco duma certa quantia que recebem para isso.

—E com que interesse?...

—Oh!—interrompeu o padre Francisco—Vocemecê não pode compreender o interesse que teem, nem o fim que teem em vista. Se não fossem os sacerdotes, já teria desaparecido a religião dos nossos paes! Para socego da sua alma, eu peço-lhe que não vá ouvir essas más doutrinas.

—Muito bem, senhor padre Francisco—respondeu a mulher, farei tudo o que mande.

—Porém é mister, em troca, ajudar a egreja.

—Sim, senhor, sim, eu a ajudarei.

—Bem; pois pode fazer com que nessa casa não se préguem mais heresias, e eu a recompensarei.

—Como?

—A habitação onde mora fica pelo lado de cima do quarto onde préga esse doido. Agora o que podemos fazer é arranjar gente para fazer muito barulho, correr dum lado para o outro, assobiar, arrastar as cadeiras, etc. etc. Deste modo, como o ruído os distrairá, não poderão entender-se, e acabará por não ir ninguém á reunião. Eu darei duas pesetas por cada noite em que haja reunião.

—Será servido, senhor padre Francisco, não pelo interesse do dinheiro, mas sim para agradar a Deus, e esta mesma noite começaremos a tarefa; asseguro-lhe que esta noite não se entenderão. Porém o meu quarto é muito pequeno, e não alcança senão uma parte da sala onde eles se reúnem: seria bom dizer áquele que vive no quarto do lado para que faça o mesmo.

—Bem; arranje tudo e faça o que bem lhe pareça, comtanto que consigamos o fim desejado: interromper as reuniões.

—Bem; assim se fará.

O padre Francisco deu tres pesetas á mulher, que hipocritamente não queria recebê-las; porém por fim aceitou-as e saiu.

Poucos momentos depois de ficar só, o padre Francisco tornou a encetar o monólogo interrompido pela chegada da sr.^a Joana.

—Deste modo—dizia consigo—não poderão durar muito as reuniões, porém o caso é que todos falam bem do que dizem essas pessoas. Não, pouco tempo lhes durará o passatempo; agora já é outra coisa: se o meio de fazer barulho não surtir efeito, vou ter com o senhorio, ofereço-lhe cinco pesetas mais do que Julião lhe dá, e com certeza que o despede.

De repente olhou para o relógio de parede e exclamou:

—Com a bréca! Dez horas menos vinte, e ás dez tenho de dizer missa!... Vamos!

Em seguida poz a capa, e, depois de recitar algumas orações em latim diante dum crucifixo de marfim, saiu.

—Terão já aberto a loja que pertenceu a Julião?—pensava ele ao descer a escada;—sendo assim, entro e direi ao novo inquilino que

deite bastante agua benta em todos os cantos para afugentar o diabo.

Nisto chegou á rua, e efectivamente a loja do vidraceiro estava aberta, se bem que nas estantes não houvesse nada e os vidros estivessem sujos. Evidentemente o novo inquilino estava-se mudando.

O padre Francisco foi pôr por obra o seu pensamento; chegou á porta da vidraça, levantou o fecho, abriu, e um grito saiu de sua boca. No meio da loja estava um homem dando ordens para a colocação dos objetos, e esse homem era... era... Julião.

A surpresa não permitiu que o padre Francisco dissesse uma palavra. Voltou a fechar a porta, e, palido e convulso, entrou outra vez no portal para perguntar ao porteiro como é que Julião estava na loja, donde dias antes havia sido despedido.

—Porque voltou de novo a alugar-a—respondeu o porteiro.

Tal abalo produziu esta noticia no sacerdote que, cambaleando, como se estivesse ébrio, subiu com custo os degraus da escada, recolheu-se em casa, e naquele dia não disse missa.

CAPITULO XIX

Evangelicos e romanos

Ao aceitar o dinheiro que tão generosamente lhe mandou o seu visinho João, Julião aceitou também as condições das obras que ele lhe ofereceu para tomar de empreitada. Por este motivo foi forçado a sair de Madrid, mas, como não queria que se suspendessem as reuniões, encarregou delas um joven evangelista, o qual continuou prégando durante o tempo em que Julião esteve ausente.

O joven a quem Julião deu o encargo de continuar a obra por ele principiada fê-lo apesar de quantos obstaculos lhe pozeram para o dissuadir disso o padre Francisco e os seus.

Entretanto, os costumes duma grande parte dos visinhos iam-se reformando notavelmente, graças á poderosa influencia do Evangelho.

—Bons dias, senhora Dôres—diziam á esposa do nosso amigo.

—Bons dias—respondeu ela—; então como vamos?

—Muito bem. Diga: haverá esta noite culto?

—Sim, senhora; esta noite, como todas as outras.

—Alegro-me muito com isso, porque não quero que meu marido perca um. Não sabe que desde que ouviu o Evangelho está mudado? Não sabe que já no domingo não foi jogar á bola?... Nem se embebedou. Saiu pela manhã, ás dez e meia; e eu desde logo voltei-me para Deus para pedir-Lhe: «Senhor, permiti que o meu José não se embebede hoje». Á meia hora depois do meio-dia disse-me: «Francisca, prepara-te e prepara o pequeno, que vamos dar um passeio». Acredite-me, Dôres, que julguei que estivesse sonhando. Quando fui para a alcova para vestir-me, pulava de alegria.—Imagine, ha doze anos que estamos casados e ha onze que não sahia com ele. Vesti-me, arranjei o pequeno, e quando

chegámos á porta da rua, sabendo o seu costume de, logo que sahia, se dirigir para o jogo da bola, encaminhei-me para esse lado, mas ele disse-me: «Vamos por este lado, pois que odeio o sitio onde se joga a bola: quantas bofetadas te dei por ir ali!». Interroguei-o ácerca do caso, e disse-me que desde uma noite em que o seu marido leu e falou sobre um texto que diz, «Não vos enganeis, porque nem os que se dão a bebedices entrarão no reino de Deus», essas palavras gravaram-se-lhe de tal modo no coração, produzindo-lhe tal impressão, que desde então até agora não tornou a embebedar-se.

—Muito me alegro pelo que me diz ácerca da mudança de seu marido—disse Dôres—; pelo que deve dar graças a Deus, não a meu marido; pois só Deus é o que pode mudar os corações, e Ele é quem mudou o coração de seu marido.

—Diga-me, senhora Dôres: sendo tão bom aquilo que o seu marido diz, porque é que os padres lhe fazem tanta guerra?

—Pois a razão é clara: emquanto eles, por exemplo, dizem que ha um purgatorio, meu marido e todos os que crêem na Biblia, que é a Palavra de Deus, negam a existencia de tal lugar; porque na Palavra nada se diz a tal respeito. Emquanto os padres, dizendo que são os sucessores dos apóstolos, asseguram que praticam o que aqueles praticaram, nós, os cristãos evangelicos, lhes perguntamos com a Biblia na mão em que lugar disse missa algum dos apóstolos, ou lhes pedimos que nos mostrem as indulgencias concedidas por S. Pedro ou S. Paulo.

—Tem toda a razão. Até depois.

Entretanto, os vizinhos partidarios do catolicismo, ou, antes, aqueles que, sendo indifferentes a toda a denominação religiosa, eram cegas maquinas do padre Francisco, faziam os maiores esforços, já que não podiam impedir as reuniões, ao menos para estorvar a tranquillidade que deve reinar nelas.

Para que os nossos leitores possam formar uma idéa do que costumam fazer os inimigos do Evangelho, referiremos o que se

passou um domingo á noite em casa do sr. Hipolito, enquanto se celebrava o culto.

Como dissemos, era domingo.

Ás oito horas da noite, a habitação do sr. Hipolito estava cheia de gente. Num dos extremos da sala ha uma mesa, e por detraz dela está um joven de vinte a vinte e cinco anos de idade, vestido modestamente: fala sobre o que está escrito no Evangelho de S. Mateus, cap. 7:16. «*Pelos seus frutos os conhecereis*».

Emquanto ele se esforçava por demonstrar aos seus ouvintes como cada um mesmo podia conhecer-se e dar a conhecer aos outros se era cristão, o teto da sala parecia vir abaixo.

Pancadas no soalho, gargalhadas, cantigas em altas vozes, ruido de objetos que rodavam em direcções opostas, um barulho semelhante ao duma habitação de loucos, e não dum aposento onde vivessem creaturas racionais.

Além do incomodo que isto causava, distraindo aqueles que escutavam, não pode dizer-se o mal que isto causava ao prégador, distraindo-o tambem e obrigando-o a levantar a voz e a não descansar um momento afim de manter a atenção do auditorio.

—Sim—dizia ele,—pelos frutos bons ou maus de cada um, isto é, por meio das nossas obras na vida diaria, é que conhecemos e damos a conhecer se somos cristãos...

Neste momento uns fragmentos de gesso caíram do teto, enquanto que se sentia um ruido infernal.

Alguns dos que estavam escutando saíram e dirigiram-se á habitação do visinho de cima para pedir-lhes que fizessem menos barulho.

Penetremos nós ali para ver em que se ocupam aqueles servos de Roma.

Em uma pequena habitação acham-se umas vinte pessoas de ambos os sexos, que ao som duma guitarra desafinada saltam, pateiam, correm, vão e veem.

Sobre uma mesa suja e imunda está um grande jarro com vinho.

A desordem que reinava era medonha. Ao principiar a festa, a dona da casa havia-lhes dito que o objeto da reunião era impedir, por meio do barulho, os cultos protestantes que se celebravam no quarto que ficava pelo lado de baixo. Para melhor os animar, disse-lhes um sem numero de desatinos que devemos calar, e por fim declarou-lhes que o padre Francisco lhes pagava aquele jarro de vinho, pão e queijo, para passarem agradavelmente aqueles momentos.

Quando souberam que o fim com que ali se reuniam era para dar escandalo, fizeram-no com a maior alegria.

Cantavam as mais grosseiras canções, misturadas com freneticos *morras* dados aos protestantes; e não é de estranhar que fizessem tudo aquilo em nome da religião, visto que era um sacerdote quem pagava a despesa, e tudo era feito por inspiração sua.

As pessoas que se dirigiam a este foco de infamia chegaram por fim. Ao aparecerem, cessou o barulho, e um deles, que vivia na casa, disse á senhora Joana:

—Vimos pedir-lhes que façam menos barulho, pois aquilo que estão fazendo é indício de má criação, que não podemos tolerar.

—Nós—replicou a senhora Joana—estamos em nossa casa, onde ninguem manda, e onde podemos fazer o que muito bem nos der na vontade.

—Sim, menos incomodar os vizinhos; é esta uma casa em que vivem muitos moradores, e portanto não ha que atender á comodidade particular, mas sim á geral.

—Sabe o que lhe digo?—respondeu, desagravando-se, a senhora Joana—pois se nós os incomodamos com o barulho do baile, bailem vocês também: e incomodar-nos-hemos dessa maneira mutuamente e... Além disso, se vocês não estivessem fazendo bruxarias, não teriam dado logar a isto. Sobretudo, estou em minha casa... e o que disse está dito.

—Olá!—acrescentou, dirigindo-se aos seus amigos,—toca a bailar. Viva a religião! Morram os protestantes!

Era quasi certo que romanos e protestantes viriam às mãos, se não se apresentasse a autoridade do lugar, acompanhado do dono da casa em que se celebrava o culto evangelico.

A dita autoridade foi presenciar a reunião evangelica, e foi testemunha ocular de tudo o que se passou; pelo que, chegando á porta do quarto, no momento mesmo em que Joana pronunciava as palavras que já conhecemos, disse:

—Boas noites, senhores.

Aquelas «boas noites» fizeram com que o socego se restabelecesse.

—Parece-me que é demasiado o barulho que vocês fazem, e venho dizer-lhes que isso incomoda os visinhos.

Um dos homens, que estava tocando a guitarra, levantou-se e, dirigindo-se ao recémchegado, sem saber quem era, disse-lhe:

—Quem é você para falar assim? Creia que já me aborrece tanto palavriado, e, se me chega a mostarda ao nariz, nem você nem nenhum dos protestantes que estão lá em baixo fica com um cabelo na cabeça.

—Parece-me que o vinho faz com que fale desse modo, aliás...

—Se não se cala—interrompeu o homem,—arremesso-lhe daqui mesmo onde estou com... Já lhe disse, quem é você? É porventura algum protestante?

—Sou quem agora mesmo o leva para a casa de detenção; sou o regedor da freguezia.

E ao ouvir isto todos ficaram como estatuas.

—Senhor regedor—disse, passados alguns momentos, a dona da casa, com uma entoação tão servil agora como antes tinha sido insultante—senhor regedor; eu lhe confessarei por que razão estamos fazendo o que vê, se nenhum mal nos fizer.

—O escândalo sempre é escândalo, e o meu dever é castigá-lo; porém queira dizer.

—O padre Francisco, que vive no andar superior, dá-nos algumas pesetas para fazermos barulho e interrompermos as reuniões protestantes que se celebram lá em baixo, e nós sem saber... pois... o fazíamos.

—Bom; vamos ter com o padre; porém venha a senhora comigo.

Todos desceram, e, ao passarem pela porta, aberta de par em par, da casa do sr. Hipólito, ouviam a voz do pregador, que, terminando o culto, orava, dizendo naquele proprio instante:

—«Senhor, perdôa aos nossos vizinhos lá de cima, que em sua cegueira profanam o Teu santo dia, dando escândalo. Senhor, eles crêem que desse modo abafarão a Tua palavra; já vêes o seu erro. Entretanto faze que nós demos frutos que manifestem a diferença que ha entre os que Te conhecem e os que Te não conhecem.

CAPITULO XX

O Cristo das Completas e um lignum crucis

Como acabamos de ver, o regedor, acompanhado da senhora Joana, entrou na casa do padre Francisco. Não nos dizem os nossos apontamentos o que se passou entre eles, porém o que sabemos é que as reuniões evangelicas continuaram com toda a regularidade.

O mesmo padre Francisco parecia ter perdido o seu antigo ardor, e agora nada fazia contra aqueles a que ele chamava seus inimigos, se bem que não cessasse de pensar e tornar a pensar comsigo sobre o caso.

Depois de pensamentos desencontrados, acabou por desejar ter uma conferencia com o joven que dirigia os cultos.

Esta solução pareceu-lhe a melhor de todas.

—Sim—disse ele comsigo,—esse joven é muito creança ainda, e com habilidade poderei informar-me por ele do que realmente ha nessas sociedades. Ao mesmo tempo poderei convencer-o dos seus erros, e não me será impossivel conseguir dele que uma noite, em vez de celebrar o culto, como eles dizem, faça uma retractação das suas doutrinas; nesse caso eu triunfava, e acabava com essa maldita obra, e depois...

O padre esfregou as mãos de contente, e depois tratou de indagar onde e como poderia dirigir-se ao joven evangelista.

Cheio de alegria, pegou na pena e escreveu a seguinte carta:

«Madrid... Embaixadores n.º...

Sr. Mateus N.

Se bem que não tenha a honra de o conhecer, senão por tel-o visto algumas vezes, peço-lhe me conceda o especialissimo favor de aceitar um talher á minha meza, ás tres horas da tarde do dia de ámanhã, ou do dia que designe.

Espero que não verá nisto qualquer traição: estou disposto a dar-lhe quantas provas de segurança julgue convenientes, pois tenho sómente por objectivo falar-lhe sobre religião.

Seu afectuosissimo

Francisco Maria dos Anjos.»

Ao anoitecer daquele mesmo dia, o padre Francisco recebeu uma carta nos seguintes termos:

«Madrid...

Sr. P.^e Francisco Maria dos Anjos

Aceito a honra que me concede, e ámanhã ás tres horas da tarde estou á sua disposição. Nada receio, porque Deus irá na minha companhia; sómente peço a V. que, se vamos tratar de assuntos da religião, seja com a Biblia na mão.

Seu afectuosissimo servo, que deseja ser seu irmão em Jesus,

Mateus N.»

No dia seguinte, poucos minutos antes das tres, o joven evangelista batia á porta do padre Francisco, que veio logo receber o seu hospede, estendendo-lhe a mão com a expressão mais afectuosa, e dizendo-lhe:

—Seja bemvindo, senhor Mateus; entre, entre na minha habitação, onde descançará e jantará comigo.

Entraram juntos na sala, e, passados alguns momentos de silencio, disse o padre Francisco:

—Queira desculpar que, sem o conhecer, lhe oferecesse um talher á minha meza.

—É para mim subida honra—respondeu o joven—o receber uma tal prova da sua bondade para comigo.

Seguiram-se alguns momentos de silencio, durante os quaes o joven não desviava os olhos dum precioso armario de pau preto, que o padre tinha em frente da meza de jantar.

—Bonito movel!—exclamou Mateus.

—Realmente—exclamou o padre Francisco—é uma bonita peça, porém o que é mais bonito e tem mais valor é o que está dentro.

O padre Francisco levantou-se, dirigindo-se ao armario, e poz o dedo num botão amarelo, o que deu logar a que as portas se abrissem, deixando ver uma especie de capela com o seu altar, imagens e uma lampada de prata, cuja luz ardia continuamente. Ao abrir-se o armario, o padre Francisco tirou o *solideo*, fez uma reverencia ao altar e, voltando-se para Mateus, disse-lhe:

—Venha ver, que ha aqui coisas esplendidas.

O joven aproximou-se do altar, sem se inclinar nem fazer o menor sinal de reverencia.

—Veja—prosseguiu o padre Francisco—o meu pequeno tesouro. Essa Virgem do Pilar, que é de prata, tem um merito artistico extraordinario. Aquele crucifixo de marfim é tambem muito bom, e custou-me, quando estive em Roma, trinta e cinco libras. Vê aquele S. Pedro? Foi presente da minha madrinha de baptismo, que mo deu quando cantei missa, e então meu padrinho, para que eu tivesse o par completo, mandou-me fazer aquele S. Paulo. São ambos de oiro. Meu tio mandou-me do Brazil, quando era mordomo do arcebispo daquele paiz, esta reliquia: é um pedacinho dum dos degraus da casa de Anás. Porém ainda não lhe mostrei o melhor, que é aquele Cristo.

O padre Francisco apontava para uma téla, onde estava pintado um Nazareno com a cruz ás costas: representava-O de meio corpo e quasi do tamanho natural.

—É o *Cristo das Completas*, imagem muito milagrosa. Saiba que já falou.

—Já falou, esse pedaço de linho!—exclamou Mateus.

—Sim, senhor; queira ouvir a historia. Essa imagem achava-se exposta á veneração dos fieis num convento; nesse convento havia uma freira tão enamorada dela que cada vez que se ajoelhava para adorar passava ali horas esquecidas. Sucedia com isto que, ainda que o sino tocasse para as rezas, aquela esposa do Senhor não o ouvia e faltava sempre a elas.

«Uma tarde achava-se a freira em adoração á imagem e tocou o sino para as *Completas*, porém ela não ouviu o toque, e então a divina imagem, abrindo os seus divinos labios, avisou a sua amiga, dizendo-lhe: *Olha que tocam para Completas*.

—Pois sr. padre Francisco, não posso acreditar no que diz. Falar um pedaço de pano pintado!

—Como? Acaso não falou a burra de Balaão?

—Sim, senhor, porém aquele caso foi muito diferente, pois...

—Falaremos nisso depois do jantar. Veja outra preciosidade. Este *Lignum crucis* trouxeram-mo de Jerusalem. Cresceu tanto emquanto o trouxe ao pescoço que tive que o cortar tres vezes durante um ano.

O joven, sem poder conter-se, soltou uma ruidosa gargalhada, mas, reprimindo-se em seguida, disse ao padre Francisco:

—Espero que me desculpe este imprudente riso, que me veio sem querer aos labios; e logo que fechar o armario lhe contarei o motivo por que me ri quando me contou a historia do *Cristo das Completas*.

O padre fechou o armario e sentou-se numa cadeira em frente do joven, que disse:

—Ha pouco tempo achava-me eu numa loja de ourives desta capital; o dono, que é meu amigo, deu a um aprendiz, para que o limpasse, um relicario que ali tinham levado para esse fim. O

relicario era nada mais nada menos do que um *Lignum crucis*, e, ao dal-o o meu amigo ao aprendiz, disse-lhe que tivesse todo o cuidado; porém o rapaz, apenas lhe pegou, deixou-o cair. Oh dô! pegaram no relicario, olharam para dentro, e a reliquia havia desaparecido. Em vão a procuram, mas como é uma coisa sumamente pequena não pôde ser encontrada. Em tal situação que fazer? Pois, senhor, um oficial da casa cortou um pedacinho da cadeira em que estava sentado e colocou-o no sitio em que devia estar a reliquia. Passado pouco tempo, disse-me o meu amigo que a dona do relicario o procurara para lhe arranjar uns brincos; então perguntaram-lhe pelo seu *Lignum crucis*, e toda alvoroçada exclamou: «Cresceu extraordinariamente desde que o mandei compôr, pois que já o cortaram duas vezes.»

—Pois bem—continuou Mateus,—o fenomeno compreende-se: a tal senhora levou o relicario ao peito, e, como a caixinha era de papelão forrado de seda, penetraram nela facilmente a humidade e o calor, o que fez com que o pedacinho de madeira aumentasse de volume, obrigando-o assim a sair do pequenissimo orificio destinado para a reliquia, pelo que foi necessario cortar duas vezes o tal fingido *Lignum crucis*, que já dava de si material para outros novos.

—Porém isso—exclamou o padre Francisco—foi uma acção má, um sacrilegio.

—Eu não quero nem pretendo agora julgar se a acção foi boa ou má; porém quem disse a V. que a sua reliquia não é igual ao pedacinho de madeira de que temos falado?

—Não, senhor; este foi trazido da Terra Santa.

—Bem, nesse caso será um pedacinho de madeira de Jerusalem, da Terra Santa, e sempre é alguma coisa. Note que uma das coisas que deram logar á Reforma foi o abuso das reliquias. Por todas as partes encontramos ossos deste ou daquele santo, e o peor é que não é raro encontrar o mesmo osso dum santo em quatro pontos distintos, e, se não, diga-o a celebre queixada de Santa Apollonia.

—Isso...

—Desengane-se, senhor padre Francisco, Jesus é tudo. O ensino da igreja romana consiste em não prégar. Se em vez de fanatizar com reliquias e outras coisas, se ensinasse ao povo a palavra de Deus, e o que disse Jesus: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pae senão por mim», e estas outras: «Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo», o povo não estaria tão cego e não fiaria a sua salvação de reliquias ridículas e falsas, e que só servem para nos apartar de Jesus e conduzir-nos ao inferno.

Umas pancadas dadas na porta vieram interromper a conversação.

—Entre—disse o padre Francisco.

A creada entrou na sala, anunciando que a comida estava na meza.

—Vamos, sr. Mateus, vamos para a meza, e enquanto comemos teremos ocasião de conversar.

E o padre Francisco, tomando o joven pelo braço, encaminhou-se para a sala de jantar.

CAPITULO XXI

A conferencia

Às tres e meia horas da tarde, o padre Francisco e o seu hospede estavam sentados á meza. Quando já tinham comido algumas colheres de sopa, o padre Francisco, numa voz meliflua, disse ao joven:

—Amigo Mateus, desejei vivamente falar comsigo, movido da melhor boa vontade, e peço-lhe que ponha de parte as nossas diferenças religiosas, para que conversemos como se fossemos alheios ás questões que vamos tratar.

O joven manifestou com a cabeça um sinal de assentimento, e o padre Francisco, continuando o seu discurso, disse:

—Sempre me chamou a atenção a propaganda tão tenaz que os protestantes fazem em Hespanha, sem embargo de que pouco podem adeantar. Vocês espalham livros, pagam a missionarios, pagam o aluguer das casas onde prégam, as quaes, apezar de estarem sempre vazias, custam bom dinheiro... Quem paga para tudo isto e qual o fim que teem em vista?

—Eu, por minha vez, devia perguntar-lhe: Quem enche as chamadas arcas de S. Pedro? Donde saem essas somas que vão engrossar os tesouros do pontifice italiano?

—Os bons catolicos é que...

—Desculpe-me, senhor padre Francisco, já sei qual a resposta; essas somas saem, em sua grande maioria, da nobreza, que, em lugar de socorrer as necessidades do seu proprio paiz, manda dinheiro para uma coisa de que não quero ocupar-me.

«Pois bem: existem fóra daqui homens que crêem em Cristo; estes homens sabem que sómente nesse nome é que podemos ser salvos; compreendem que uma parte do que o Senhor lhes dá

devem empregar-a no serviço do mesmo Deus, e em vez de darem a um homem para que o empregue á sua vontade, sustentando soldados e outras coisas, enviam aos paizes onde o Evangelho é ignorado missionarios que préguem o nome de Jesus, custeiam a despesa dos livros que falem d'Ele, e sobretudo dedicam somas enormes á impressão da Biblia na lingua de cada povo.

—O maior de todos os males!—exclamou o padre Francisco.— Isso é o peor de tudo.

—Como?—disse o joven, surpreendido.—Diz que a vulgarisação da Palavra de Deus entre o povo é a coisa peor da propaganda evangelica?!...

—Sim, senhor—afirmou o padre Francisco, acrescentando:— Supondo mesmo que a tradução está feita com a melhor boa fé, quem se lembra de pôr nas mãos dum povo ignorante um livro tão profundo como a Biblia? Eu mesmo não me atrevo a estudar a Biblia, nunca a leio, com medo de extraviar-me. A Santa Biblia foi sómente escrita para homens doutos e instruidos, e não se deve mostrar ao povo, e muito menos deixal-a em suas mãos, pois que isso serviria tão sómente para o perder.

—Não tem razão no que diz—disse Mateus,—e no que afirma vae de encontro ao que está escrito, pois recordo-me perfeitamente de que o Salmista diz: «*Tocha resplandecente para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho...*» (Sal. 118: 105).

—Pode dizer o que quizer, porém não ha provas suficientes que autorizem o povo a que leia a Biblia.

—Como assim, se a palavra de Deus está cheia dessas autorizações? A Biblia era lida publicamente na sinagoga. Moisés recebeu ordem do Senhor para a ensinar ás pessoas adultas, ás creanças, e até mesmo aos estrangeiros que habitavam entre o povo de Israel.

—Porém observe, Mateus, que então era outra coisa, pois ainda não tinha vindo Jesus Cristo, e era preciso recorrer á profecia; mas hoje, que Cristo já veio, de modo nenhum devemos recorrer ao Antigo Testamento, para nos inspirarmos nas antigas praticas.

—Se bem que não me conformo com essa opinião—replicou o joven,—no entanto recorramos, pelo menos, ao Evangelho, e...

—Isso mesmo fazemos nós—disse o padre Francisco,—pois que todos os dias na igreja se lê o Evangelho e alguns trechos das Epistolas.

—Sim? E diga-me em que lingua são lidos o Evangelho e esses trechos das Epistolas.

—Em latim, por ser o idioma universal da igreja.

—Como diz que o latim é a lingua universal da igreja, quando a igreja é composta de italianos, hespanhoses, portuguezes, francezes, inglezes, e de outras nações, e cada qual fala a sua lingua particular? Quem fala hoje em dia latim? Á excepção do clero, creio que ninguem. Então é preciso falar a cada um na sua propria lingua.

«Que significa o facto de, quando os apostolos receberam o Espirito Santo, começarem a falar diversas linguas? Significa certamente que deviam contar as maravilhas de Deus a cada povo, na sua propria lingua, para que ele podesse entender. Os apostolos falavam diversas linguas, depois de terem recebido o Espirito Santo, e, segundo alguns crêem, sem saberem eles mesmos que falavam lingua estranha: mas seja como fôr, se o Senhor obrou tal milagre é porque convem que o Evangelho seja prégado ao povo na sua propria lingua, para que ele o possa entender. Assim S. Paulo diz, na sua primeira Epistola aos Corintios, cap. 14: 18 e 19: *«Graças dou ao meu Deus, que falo todas as linguas que vós falaes; mas eu antes quero falar na igreja cinco palavras da minha intelligencia, para instruir tambem os outros, do que dez mil palavras em lingua estranha.»*

O padre Francisco ficou silencioso, sem saber que responder, vencido pelos argumentos do joven. Porém acrescentou logo:

—Sim, tudo o que diz parece verdadeiro, porém eis ahi o que resulta de ler a Biblia sem os comentarios da igreja.

—Pois eu digo a V. que, lendo a Biblia com as notas do padre Scio, se encontram os mais solidos argumentos em favor da minha

asserção.

—Bem—disse o padre Francisco,—acabemos de comer, e, visto que o senhor assim o deseja, iremos consultar a Bíblia.

—Se lhe parece—disse Mateus,—discutiremos se as Sagradas Escrituras devem ou não ser lidas pelo povo.

—Sim, discutamos—respondeu o padre,—porém, antes disso, permita que lhe apresente os argumentos que tenho a meu favor, pois que, se eles o convencerem, pouparemos palavras inúteis. O primeiro argumento que posso apresentar é a tradição—coisa esta muito digna de se ter em conta. Porque é que nenhum bispo tem permitido até hoje que a Bíblia circule livremente nas mãos do povo?... O segundo é que, ao instituir Cristo a família sacerdotal, como pode dizer-se em hipótese, claro está que foi só para que os sacerdotes, e sómente estes, sejam depositarios e interpretes da Bíblia... Depois... Depois... Os concílios!... Essas assembleias de homens doutíssimos! Poços de sabedoria humana e divina!... Os papas!... Essa cadeia não interrompida de homens cheios do Espírito Santo, que vem comunicando-se uns para os outros desde o primeiro que teve o primado! Todos estes são concordes em que a Bíblia deve ser proibida para aqueles que, alterando a sua significação ou dando-lhe uma interpretação forçada, podem extraviar as almas, precipitando-as no inferno. Mateus, seja franco; o senhor mesmo não experimentou duvidas ácerca do dogma cristão ocasionadas pela leitura da Bíblia sem notas? Responda-me, porém faça-o com franqueza, dizendo o que realmente sente.

—Vou responder-lhe com a franqueza que deseja. Principio pela sua ultima pergunta. Não, senhor; jámais experimentei duvidas ácerca do dogma cristão quando principiei a ler a Bíblia; o que, sim, senti desde logo que possui o sagrado livro foi uma sensação de temor e respeito, que não posso explicar. Ao ler as manifestações do amor de Deus, fiquei assombrado; depois, com as Epistolas, aprendi uma porção não pequena de doutrina, e por ultimo o livro dos *Atos dos Apostolos* me ensinou a evangelizar. Eis aqui do que me serviu a Bíblia. Hoje em dia, que me acho familiarizado com a sua leitura, esquadrinho o Antigo Testamento, estudo as profecias, a

minha alma canta lendo os Salmos, sofre com Job e goza com José, aprendendo quaes são os juizos de Deus, que Se serve de tantos meios para fazer bem ao homem. Sim, padre Francisco, a leitura da Biblia enche o espirito de santas emoções, demonstra a enormidade do pecado, tornando-o odioso á nossa alma, e nos faz ver antecipadamente os inefaveis gozos que a misericordia dum Deus de amor nos prepara nos logares que hoje nos são desconhecidos.

Depois dalguns momentos de silencio, durante os quaes o padre Francisco se mostrou muito pensativo, o joven evangelista prosseguiu:

—Agora passemos a outra coisa, da qual falarei pouco, pois que quero falar com a Biblia. Diz V. que nunca na antiguidade houve quem lesse a Biblia, querendo, sem duvida, dar a entender que até ao seculo XVI não houve quem se occupasse na tradução do sagrado texto em lingua vulgar.

«Contra esta asserção fala o bispo Ulfilas, que viveu no seculo IV, o qual, quando os godos invadiram a Hespanha, havia já traduzido para o gotico as Sagradas Escrituras; levanta-se Recesvinto, que viveu no ano de 650-672, rei dos godos, que entre as suas virtudes contava um desejo insaciavel de conhecer os misterios das Escrituras, no que respeitava á sua salvação; levanta-se um João, bispo de Sevilha, que no seculo III traduziu a Biblia para o arabe, afim de que os arabes que tinham invadido a Hespanha podessem lê-la e instruir-se nas verdades cristãs; D. Jaime I, que reinou nos anos de 1213 a 1276, e que tão pouco está conforme com V., padre do seculo XIX, pois, emquanto que V. crê que a interpretação da Biblia pertence aos sacerdotes, aquele rei, dizem as cronicas, possuia um conhecimento profundo das Sagradas Escrituras, as quaes explicava e prégava como o mais consumado mestre de teologia, em qualquer cidade onde se achasse. Este rei não sómente prégou ao povo, senão que no concilio de Lyon, e perante o Papa Gregorio X e mais prelados, tomou para texto as palavras de Isaias: «Levanta-te; resplandece, etc., etc.,» as quaes desenvolveu com notavel admiração de todos. Outro hespanhol, Luiz de Gusmão, mestre de Calatrava, mandou traduzir a Biblia, no ano de 1432, ao sabio judeu Moisés, e, como este opozesse algumas dificuldades,

conseguiu o nobre mestre, á força de dinheiro e ameaças, convencer o judeu; a tradução fez-se, e numa nota do Moisés lê-se: «Até hoje tenho gasto mil dobrões, desde que se principiou, até ao estado em que a vêdes.» Devo advertir-lhe, sr. padre Francisco, que os mil dobrões de então correspondem a umas 2500 libras esterlinas de hoje. Agora julga ainda que não houve reis, bispos e nobres que lessem a palavra de Deus? Como se atrevem os senhores a afirmar coisas que não conhecem nem sabem? Porém, vamos ao texto.

—Vejam; eu acho na palavra de Deus o mandamento de ensinar a Biblia ás creanças, e aqui, no livro chamado o Deuteronomio, cap. 6, vers. 6-9, leio o seguinte:

E as palavras que eu hoje te intimo estarão gravadas no teu coração; e as referirás a teus filhos, e as meditarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, ao deitar-te para dormir e ao levantar-te; e as atarás como sinal na tua mão; e elas estarão e se moverão deante dos teus olhos, e as escreverás no limiar e nas portas da tua casa.

—A primeira coisa que tenho que opôr a isso—respondeu o padre Francisco—é que esse texto pode estar alterado, ou não ser exato, pois o senhor diz que esse livro é uma Biblia completa, o que não pode ser, pois que tão extensa materia não pode estar contida em tão pequeno volume; e, visto que não está anotado, não podemos nós interpretal-o.

—Muito bem—replicou o joven;—nesse caso faça favor de trazer a Biblia.

O padre Francisco dirigiu-se a um armario, e tirou de lá tres grandes volumes.

Procurou entre eles, e por fim disse:

—Aqui está o texto que você cita; vou lê-lo.

O padre leu:

E estas palavras que eu hoje te intimo estarão em teu coração, e as contarás a teus filhos, e as meditarás sentado em tua casa, e andando pelo caminho, ao deitar-te para dormir, e ao levantar-te: e as atarás como sinal na tua mão, e elas estarão e se moverão diante dos teus olhos, e as escreverás no limiar e portas da tua casa.

—Diga-me que diferença ha entre o que está na minha Biblia e o que está na sua?—perguntou Mateus.

—Realmente nenhuma, respondeu o padre; porém aqui ha algumas notas, e estou certo de que elas discordam da opinião dos senhores. Vejamos. E onde diz: «E as contarás a teus filhos» ha uma nota que explica este texto, dizendo:

«Instruirás nelas a teus filhos, pois a isto se reduz a perfeição do homem.»

O padre Francisco ficou sem saber o que dizer, e Mateus, aproveitando aqueles momentos, disse:

—Pois, longe de discordar da nossa opinião, é esse mesmo o nosso sentir. Já vê, pois, que estamos de perfeito acordo.

—Mas diga-me—disse o padre Francisco,—não tem nenhuma nota na sua Biblia sobre esse texto?

—Não; nem precisa é; na Biblia não queremos opiniões de homens.

Neste ponto houve alguns momentos de silencio, depois dos quaes o padre Francisco, como iluminado por uma ideia, disse:

—Porém, Mateus, não estamos nós divagando? Não lhe dizia eu que esse livro extravia os ignorantes? Pense, e veja bem que estamos tratando a questão num terreno falso. Nos tempos de Moisés devia-se ler e meditar nestas coisas; porém veio Jesus Cristo e encerrou a Antiga Aliança; de modo que estes mandamentos são inuteis, porque não nos pertencem a nós.

—Certamente—respondeu Mateus.—Vamos agora ao Novo Testamento. No Evangelho de S. João, cap. 5, ver. 39, lemos:

«Examinae as Escrituras, pois julgaes ter nelas a vida eterna, e elas mesmas são as que dão testemunho de mim.»

—Aqui, como vê,—acrescentou o joven—é Cristo que fala.

—Sim—replicou o padre,—porém fala ácerca dos judeus que não queriam reconhecer-O como Messias. Este texto nada tem que ver conosco, os cristãos.

—Eu não creio assim, mas recorreremos a outros. Na segunda Epistola de S. Paulo a Timoteo, cap. 3, ver. 14 a 17, lemos:

«Mas tu persevera nas coisas que aprendeste, e que te foram confiadas, sabendo de quem as aprendeste, e que desde a infancia foste educado nas Sagradas Letras, que te
PODEM INSTRUIR para a salvação, pela fé que é em Cristo Jesus. Toda a Escritura divinamente inspirada é util para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir na justiça, afim de que o homem de Deus seja perfeito, ESTANDO PREPARADO PARA TODA A OBRA BOA.»

—Peço-lhe, sr. padre Francisco, que examine este texto na sua Biblia e veja que instruções dá S. Paulo a um seu discipulo que está á frente duma igreja.

O padre Francisco quasi tinha medo de pegar na Biblia; por fim, depois de muito instado pelo evangelista, tomou o livro, percorreu o texto, leu-o para si e disse:

—Sim, o texto é igual ao que leu.

E, ocultando o rosto entre as mãos, calou-se; parecia que o seu espirito estava como que envolvido em terriveis lutas.

Depois dum breve espaço de tempo, o sacerdote ergueu a cabeça e disse ao joven:

—Meu amigo, se soubesse o que me vinha a acontecer, isto é, que havia de ter este desassocego de espirito que agora sinto, jámais teríamos falado a tal respeito; finalmente, deixemos de discutir, e separemo-nos para não nos vermos mais.

—Separarmo-nos!—exclamou, comovido, o joven—Separarmo-nos! De modo nenhum, sr. padre Francisco; agora mais do que nunca desejo que a nossa amizade principie. Sim, sr. padre Francisco; estudaremos juntos a palavra de Deus. Lendo a Biblia, conhecerá Cristo, tal como Ele é; lendo a Biblia, beberá no manancial da agua pura, que refrescará a sua alma, apagando-lhe o fogo das obras vãs em que hoje se engolfa. Nos Atos dos Apostolos achará qual foi a constituição e o regimen da Igreja primitiva, e verá como a igreja em que milita, apesar de se chamar apostolica, não conserva nada dos apostolos. Ali verá que Pedro não teve primado algum. Pelas Escrituras jámais poderá provar que aquele apóstolo estivesse em Roma. Ali, finalmente, encontrará que nem os apóstolos nem aqueles que com eles se juntavam renderam culto á Virgem, nem a nenhuma outra creatura, nem tinham confessionarios nem confissão feita ao ouvido do sacerdote.

—Pois, sr. Mateus—disse o padre Francisco depois duma breve pausa,—aquilo que diz parece ser verdade, porém falaremos noutra ocasião; deixe-me meditar e pensar, porque creio que... enfim... não me declaro vencido.

—Bem, não quero incomodá-lo mais—acrescentou o joven,—porém ámanhã, quando vá dizer a sua missa, recorde-se de que no Novo Testamento está escrito que Jesus, com UM SÓ SACRIFICIO, fez perfeitos aqueles que santificou; assim que, se foi com um só sacrificio, aquele que o senhor celebre é completamente inutil. Agora, rogo-lhe em nome de Jesus que leia a Biblia; ela lhe fará conhecer o erro em que está; e não quizera sair daqui sem que me dêsse a sua palavra de ler os capitulos 5, 6, 7, 8 e 9 da Epistola aos Hebreus.

Depois de cinco horas de discussão, o joven saiu daquela casa e, ao despedir-se, disse ao sacerdote;

—Não tornaremos a ver-nos?

—Não sei—respondeu o padre,—veremos; se Deus quizer, sim; senão cada qual seguirá o seu caminho.

Ambos, depois de se apertarem a mão, se separaram.

CAPITULO XXII

Temor, inquietação e duvidas

Quando o sacerdote ficou só, fechou-se no seu quarto, depois de dar ordem á criada de que por ninguem nem por coisa nenhuma o fosse incomodar.

O padre Francisco sentou-se á mesa do escritorio, sobre o qual poz o candieiro e a Biblia.

Depois apoiou os cotovelos na mesa, occultou o rosto entre as mãos, e nesta posição esteve muito tempo.

Durante este intervalo só se ouvia o oscilar da pendula do relógio, que vinha perturbar o profundo silencio que ali reinava.

Por fim, o padre Francisco, mudando de posição, disse:

—Ah! Que revolta confusão de idéas surgem no meu espirito... Sim, sinto uma sêde insaciavel de saber a verdade do assunto... Esse joven é mais sabio do que eu julgava, seus argumentos são de peso, e suas palavras teem tal expressão de verdade que, se não me convenceram, pelo menos fizeram penetrar a duvida no meu espirito.

O sacerdote calou-se, e depois duma breve pausa continuou comsigo:

—As citações que fez, e que lemos nesse livro—dizia, apontando para a Biblia,—tão gravadas ficaram na minha mente que jámais as esquecerei... Oh! receio ter cometido um pecado, lendo este livro! Porém... Porventura não li eu as notas e não vi que estão conformes com a explicação e até mesmo com a aplicação que delas fez o joven?... E, no fim de tudo, os Evangelhos e as Epistolas que nós lemos á missa... Ah! a missa! Parece que tão pouco acredita nela! Não, pois neste ponto não lhe concedo nada; eu sei que Jesus

instituiu a missa quando instituiu o sacramento da Eucaristia, e sei que os apóstolos também disseram missa...

Novamente o padre Francisco se calou, porém ao cabo dalguns momentos continuou:

—Emfim, vou ver o que é a verdade... Lerei os capítulos que me disse da Epístola aos Hebreus... Certamente que lerei as notas; e assim não haverá receio de que o meu espírito se extravie.

O padre Francisco abriu a Bíblia, procurou a Epístola e principiou a ler o capítulo 4, depois de ter recitado uma breve oração em latim.

Diversas foram as impressões que o padre Francisco recebeu durante a leitura; impressionavam-no sobremaneira os versículos 14 e 15 do cap. 4; o 20 do cap. 6; porém sobretudo surpreendeu-o o que estava escrito nos versículos 24 e 28 do cap. 7, e não pôde passar mais adiante.

Ali, viu clara e terminantemente a falsidade de que a missa seja o sacrifício de Cristo.

No versículo 21 do citado cap. 7, leu acerca de Cristo:

«Que não tem necessidade, como os outros sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiramente pelos seus pecados, depois pelos do povo, porque isto o fez uma vez, oferecendo-Se a Si mesmo.»

Recorreu o sacerdote às notas, desejoso de que elas lhe fizessem compreender outra coisa distinta daquilo que ele compreendia, isto é, que depois do sacrifício de Cristo teria havido alguma razão poderosa para se celebrar a missa. Ansioso, cravou os olhos no livro e leu:

«Ofereceu-Se a Si mesmo, não por pecados próprios, como impiamente disse Socino, pois que o Apóstolo lhe chama Santo, Inocente, Imaculado, senão que satisfaz ao Pai por nós. O ter-Se oferecido uma vez não exclui os sacrifícios da Igreja Cristã, porque o mesmo que se efectuou

cruento sobre a cruz está expresso no incruento dos nossos altares». (Conc. Trid. Sessão 22, cap. 11).

O padre Francisco deu um murro em cima da mesa e exclamou:

—Claro que a missa é uma representação do sacrifício de Cristo, porém esta nota do Concílio de Trento está abertamente em oposição com aquilo que nós ensinamos, isto é, que na missa sacrificamos a Cristo real e verdadeiramente, pois que temos em nossas mãos um Cristo real, material e verdadeiro. Não posso compreender isto, porém creio que o sacrifício de Cristo não se repete mais... Oh! que está dando entrada no meu coração a heresia!... Nada, nada... porém, sim, a olhos vistos se pode observar que existe uma contradição entre os nossos ensinamentos e as nossas práticas...

O sacerdote, cansado por uma luta tão prolongada, decidiu ir refugiar-se no leito, esperando encontrar repouso no sono.

Fez as suas orações do costume, porém podemos afirmar que nessa noite os seus lábios mais do que o seu espírito tomaram parte nos exercícios piedosos, pois que o espírito, esse achava-se bastante perturbado.

Todavia, contra as suas esperanças, passou aquela noite preza de pezadelos que o não deixaram dormir.

Impossível nos seria descrever os sinais de terror que se desenhavam no rosto do padre Francisco ao levantar-se do leito, ao romper do dia. Tremulo e agitado, principiou a vestir-se com uma precipitação desusada, e exclamou:

—Oh Santíssima Virgem do Pilar! Tu és boa, tu és pura, tu não quererás que eu, que te amo até ao ponto de ter-te aqui encerrada nesta arca santa, para que nem o próprio ar te dê; tu, oh flôr de Nazaré, oh estrela da manhã, não quererás que eu me perca... Não sou eu sacerdote? Não te amo mais do que a minha vida?... Não daria até o meu próprio sangue por ti? Porque, pois, não me ouves?... Acaso já me não amas a mim? Em que te ofendi? Oh Virgem Santíssima, não te mostres indiferente quando eu te oro;

pelo contrario, concede-me o que te peço!... Agora vou dizer missa; a ti a ofereço, excelsa Senhora; prepara-me tu, e perdoa-me todos os meus pecados, que na tua presença confesso.

E o sacerdote, cruzando as mãos sobre o peito, inclinou a cabeça e disse em voz baixa:

—Eu, pecador, me confesso a Deus^[4] e á bemaventurada sempre Virgem Maria, e ao bemaventurado S. Miguel Arcanjo, e ao bemaventurado S. João Baptista, e aos santos Apostolos S. Pedro e S. Paulo e a todos os Santos... que pequei gravemente por pensamentos, palavras e obras, por minha culpa... por minha culpa... por minha gravissima culpa. Portanto, rogo á bemaventurada Virgem, ao bemaventurado S. Miguel Arcanjo, ao bemaventurado S. João-Baptista, e aos santos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, e a todos os Santos... que rogueis por mim a Deus, Nosso Senhor... Amen... Jesus, Maria, José, perdoae-me o grave pecado de ler o que não devia ter lido, e falado com quem não devia falar, que me fez sonhar aquilo que eu não queria. Senhor, Maria, Santos que habitaes as mansões celestes. Sumo Pontifice, Arcebispo da diocese, perdoae-me... *Amen*.

O sacerdote, depois de se ter persignado tres vezes, levantou-se, e, fechando o armario, dirigiu-se ao seu quarto; uma vez ali, poz a capa e, tomando o gorro, saiu.

Emquanto ia a caminho da egreja, novos pensamentos se lhe cruzaram pelo espirito, inquietando-o muitissimo.

Via em sua imaginação a Virgem do Pilar, deante da qual se tinha ajoelhado, tão resplandecente, tão formosa... então, por uma transformação, viu-a negra, sem aquela expressão de bondade no rosto que sempre tinha, tal qual como quando estava nas mãos do artista; depois, viu-a no cadinho derretida, e por ultimo acabou por perguntar a si mesmo: «Ter-me-ha ouvido esse pedaço de prata?»

Como nesta luta estava interessada a cabeça e o coração, tornava-se ainda mais amarga, porque o que aquela aprovava este rejeitava, e vice-versa; assim que, depois da pergunta anterior, veio-lhe ao espirito o seguinte pensamento: «Porém, se eu me prostrei

deante daquela imagem, não foi para a adorar a ela, mas sim aquilo que representa».

Por fim chegou á igreja, e, depois de tomar uma pouca d'agua benta, com que fez uma cruz na testa e na corôa, dirigiu-se para a sacristia.

A sacristia desta igreja é digna de ser observada.

Quasi todas, com pequenas excepções, são eguaes. Um compartimento maior ou menor, com um armario a um dos lados, que serve ao mesmo tempo de meza, o qual é de madeira e duma construção pesada. Nos seus gavetões guardam-se os paramentos, a cera, etc.

Na parede lateral do lado oposto, ha uma especie de banco corrido, que oculta um caixão a todo o comprimento, onde os sacerdotes guardam as capas, quando se preparam para celebrar a missa.

Quadros misticos, um crucifixo, uma pequena taça de pedra com agua, onde o sacerdote lava as mãos antes e depois da missa, compõem todo o adorno daquele logar.

Devemos fazer especial menção duma antiquissima mesa, por detraz da qual ha uma cadeira de couro, não menos antiga.

Fazemos menção especial destes dois objectos, que não faltam em nenhuma igreja paroquial, não por sua antiguidade nem por sua beleza artistica, mas sim porque naquela cadeira e por detraz daquela mesa senta-se um sacerdote. Vejamos de que se ocupa ele.

Uma mulher entra na sacristia, dizendo que deseja mandar dizer uma missa em tal ou qual altar; mandam-na ter com o sacerdote que está sentado á mesa, o qual recebe o dinheiro e escreve num livro, respondendo depois: «Pode-se ir embora, que a missa cá se dirá...»

Depois chegam duas senhoras, com um recém-nascido. Veem mandar dizer uma *missa de parida*, como vulgarmente se chama. O clerigo recebe dinheiro e diz: «A primeira que agora se fôr dizer é a

missa que deseja». Costuma suceder que alguma pessoa entra na sacristia pedindo o *Viatico* para algum enfermo, e então não falta sacerdote que não murmure:

—Não podem vir á noite? A esta hora tão impropria! Assim está em perigo o doente?

E deste modo, ainda que o sacerdote se revista com as vestes próprias, ainda que o sino dê o sinal do estilo, numa palavra, ainda que se vá desempenhar aquele ofício no *mesmo instante*, não se faz sem primeiramente se haver murmurado ácerca da hora, do frio, do calor, dos muitos degraus que ha para subir, se o enfermo é pobre e habita nas aguas-furtadas dum quinto andar. Em resumo, para aquele que vae com o dinheiro na mão tudo está muito bem; para o pobre, porém, é outra coisa; tudo se faz, mas sempre de má vontade.

Para terminar esta descrição, diremos que na sacristia, geralmente, reina o melhor humor. Os sacristães, rodeados por seis ou oito meninos do côro que olham com inveja para a sotaina, e aspiram chegar a serem sacristães quando *haja logar*, ralham sobre a repartição mal feita dalguma propina, ou sobre o dever de ajudar ou não á missa. Porém que ha a estranhar em que os meninos do côro façam isto, quando os sacerdotes lhes dão tal exemplo?

Numa palavra, se os nossos leitores querem inteirar-se a fundo e conhecer as miserias da egreja romana, vão estudal-as no interior dalgumas sacristias paroquiaes, na certeza de que verão com surpresa e escandalo o que o autor destas linhas tem tido ocasião de ver.

Porém, voltando ao padre Francisco, achava-se sentado e absorto em suas meditações, quando um dos sacristães se aproximou dele para lhe dizer que era a hora de dizer missa.

O padre Francisco principiou a paramentar-se, recitando em latim, durante esse ato, as rezas do ceremonial.

Recordou-se então de que nenhum dos apostolos havia usado aquelas vestes, e, a seu pezar, olhava para elas agora com uma certa indiferença que lhe seria impossivel explicar. Por fim tomou o

calix e saiu para a igreja. Ao subir os degraus do altar-mór, sentia esvaecimentos de cabeça; porém, apesar disso, continuou.

Segundo o costume, recitou as primeiras orações, e, ao chegar ao *confiteo deo*, etc; quiz concentrar-se consigo para fazer uma confissão digna, porém naquele momento assaltou-o este pensamento: Primeiramente pensou que nem S. Paulo nem S. Pedro deviam ter celebrado missa recitando aquela oração, pois, de contrario, eles mesmos se pediriam perdão dos seus proprios pecados; segundo, se, como é de supôr, esta oração não se dizia no tempo dos apóstolos, claro é que era um remendo deitado depois, e em tal caso a missa não era como a celebraram os apóstolos.

Imediatamente o assaltou outro pensamento:

—Que nescio sou em pensar assim! Claro é que nem S. Pedro nem nenhum apóstolo disse esta oração; porém nem por isso a missa está alterada, visto que desde o *introito* até ao Evangelho não são senão orações preliminares, que não formam parte da missa. Deixemos, pois, de pensar nestas coisas.

Continuou na celebração. Por fim chegou ao Evangelho; o menino do côro que ajudava á missa mudou o missal da esquerda para a direita do altar, e o sacerdote principiou a ler o Evangelho, que naquele dia era o cap. 4 de S. João, ou a passagem de Jesus com a samaritana.

O sacerdote lia rapidamente; porém ao chegar aos versiculos 21, 22 e 23, uma luz penetrou no seu espirito, e por um momento parou na leitura, até que com muita atenção e pausa tornou a ler:

«*Vós adoratis quod nescitis...*»

—Sim—pensou o padre Francisco—«Vós adoraes o que não sabeis». Isso sucede á maioria dos catolicos. Que sabe ácerca de Deus essa gente que se ajoelha atraz de mim? Como pode estar orando com recolhimento, se está olhando para mim com toda a atenção, para se ajoelhar quando eu me ajoelho, e levantar-se quando eu me levanto?

«*Ced venit hora—prosseguiu lendo—et nunc est, quando veri adoratores adorabund Patrem in spiritu et veritate. Nam et Pater*

tales quoe rit, qui adorant eum, in spiritu et veritate oportet adorare.»

—Oh—disse o padre—eis aqui uma doutrina na qual nunca havia posto a atenção. «Os verdadeiros adoradores adorarão o Pae em espirito e verdade, porque Ele é Espirito e verdade; além disso, porque tambem o Pae busca taes adoradores para que O adorem.» O Senhor, pois, deseja um culto espiritual, porém certamente que o culto que nós, os catolicos, Lhe rendemos tem muito pouco de espiritual, é antes externo e material. Jámais pensei nisto.

O sacerdote continuou a missa, e concluiu-a, saindo da igreja sem falar a ninguem.

As devotas que costumavam ouvir a missa que ele dizia sahiam, dizendo:

—Hoje sim, que o padre Francisco disse uma missa bem comprida!

Ao chegar a casa escreveu a seguinte carta:

Madrid... Embaixadores...

Meu caro Sr. Mateus N.

Apezar de ter resolvido não incomodal-o mais, sinto muito ter de o fazer, pedindo-lhe que venha por esta sua casa quando lhe seja possivel, tendo em conta que uma alma que sofre necessita da sua presença.

Seu affectuosissimo,

Francisco Maria dos Anjos.

CAPITULO XXIII

Romano e evangelico

Passaram dias terriveis para o padre Francisco. Nestes dois dias comeu pouco, dormiu menos e permaneceu encerrado em casa, sem sair á rua, nem mesmo para dizer missa.

No fim destes dois dias bateram á porta. A creada veio abrir, e anunciou logo:

«O sr. Mateus.»

—Que entre! que entre!—disse o padre, que não poudo conter-se, indo ele mesmo á porta.—Bemvindo, bemvindo seja, senhor Mateus.

Saudaram-se mutuamente e entraram logo no escritorio.

Depois de tomarem assento, disse Mateus:

—Hontem á noite, ás onze e meia, recebi a sua carta, pois que estive numa povoação prégando, e, como lhe disse, cheguei hontem a essa hora; por isso apressei-me hoje em vir, e aqui me tem ás suas ordens.

—Meu amigo, é impossivel dizer-lhe as angustias que soffro. O meu espirito luta, e mesmo de noite não posso descansar. No dia em que lhe escrevi, não pude dizer a missa com a tranquillidade de espirito necessaria: á noite, antes de me deitar, li a Biblia, e fui acometido de horriveis pesadelos.

E o padre Francisco contou ao joven os sonhos que teve durante a noite, e tudo o mais que lhe succedeu na missa. Depois continuou:

—Que significa tudo isto? Porque soffre tanto a minha alma? Eu lhe peço, sr. Mateus, que me diga franca e lealmente se o que crê o crê do coração; se assim é, qual é a base da sua fé, porque difere das crenças da Igreja, porque tem em pouca conta a missa... numa

palavra, desejo que me diga sinceramente se obedece á sua consciencia, ou se, tanto o senhor como os da sua seita, estão filiados para, sob a capa do Evangelho, destruir a Egreja catolica, e substituil-a pelo seu protestantismo. Fale-me com toda a franqueza, na certeza de que ninguem saberá esta nossa conversa, e em troca terá restituído a tranquillidade e o repouso á minha alma. Finalmente, sr. Mateus, ou me demonstra clara e terminantemente as erradas crenças que eu confesso, ou diz-me que os protestantes obedecem a planos duvidosos, pois de contrario porque protestam?

O padre Francisco calou-se; o seu olhar estava fito no semblante do evangelista, como se quizesse magnetisal-o. Passados alguns segundos, disse Mateus:

—Senhor padre Francisco, tenho-o estado escutando com toda a seriedade de animo, e compreendi que a sua alma necessitava dum tal desafoço. Agora vou responder á primeira das suas perguntas, pois que, para melhor intelligencia, vou dividil-as em dois grupos. Deseja saber qual é o caracter do protestantismo. Bem; aqui, em nome do Senhor, a quem desde que sou convertido jámais invoco em vão, lhe asseguro que os protestantes, ou, antes, os cristãos evangelicos, não obedecem, em materias religiosas, a planos duvidosos; que por nenhuma causa desejam que o mundo se perca, que não odeiam os ministros, nem os fieis da Egreja romana, antes pelo contrario teem compaixão deles, e, por ultimo, que os protestantes desejam que o Evangelho, em toda a sua pureza, se estabeleça em toda a superficie da terra, e que, conforme as palavras do Senhor, o mundo seja cheio do conhecimento do Seu nome. Agora, a segunda parte da minha resposta é que a unica regra de fé dos protestantes é a palavra de Deus, conforme se acha contida nos livros do Antigo e Novo Testamentos; que acatamos tudo quanto a Biblia diz; que nos submetemos aos seus ensinós e rejeitamos pela base tudo aquilo que está em contradição com as Escrituras ou que não achamos nelas estabelecido. Isto posto, e antes de passarmos a outro ponto, devo perguntar-lhe se depois disto, e do mais sobre o que vamos falar, o Senhor, pelos meus labios, lhe pozer á vista os erros dos romanistas, promete não

resistir por mais tempo ao Espírito, antes pelo contrario obrar conforme ele lhe dite?

—Sim, senhor—respondeu o sacerdote.

—Pois bem, observe, á face do Evangelho, os erros da Igreja de que é ministro. Mas para proceder com metodo, tratemos da questão pessoalmente, quero dizer, como se V. fosse o fundador do romanismo e eu do protestantismo.

—Bem, muito bem—disse o padre Francisco;—principiemos pela missa. Eu digo, e a Igreja o confirma, que Jesus foi quem instituiu a missa, quando instituiu o sacramento da Eucaristia.

—E eu—disse Mateus—digo que, antes de mais nada, precisamos de definir a missa. Pergunto, pois: o que é a missa?

—A missa—respondeu o sacerdote—é um sacrificio, no qual o sacerdote oferece a Deus, em sacrificio incruento, a Jesus Cristo, Filho de Deus. Este sacrificio pode aplicar-se em beneficio dos defuntos cujas almas se acham no purgatorio, por algumas faltas que cometeram neste mundo.

—Perfeitamente—replicou o evangelista.—É assim como o entende a Igreja romana; no entanto, eu digo-lhe que não ouvi jámais tantos erros em tão poucas palavras. Em primeiro lugar, como procederam os apostolos em relação ao partir do pão? No cap. 2 dos Atos, ver. 42 a 46, leio que eles, com as pessoas convertidas, participavam da comunhão entre si, celebrando o partir do pão nas casas, e todos com alegria glorificavam a Deus.

«Agora, pois, sabemos que os apostolos não se serviram desta especie de obreia, que a igreja romana emprega na comunhão, senão que comiam o pão como Jesus lhes ordenou; tambem bebiam vinho, não sómente os apostolos, como todos quantos participavam da comunhão, coisa contraria ao que faz o sacerdote romano, que priva do calix o povo, o que me dá direito de lhe perguntar: Quem instituiu o sacramento, o sacerdote ou Cristo?

«O Senhor, falando do calix, diz: «BEBEI TODOS DELE». Quem é V. para opôr-se á vontade do Fundador, que quiz que todos se aproveitassem do Seu sangue? Em segundo lugar, a missa não foi

instituída por Cristo, nem por Seus apóstolos, porque um papa, Damaso, bispo de Roma, no ano de 368, instituiu o *confiteor*; Gelasio, no ano de 492, compoz os *Hinos, Coletas, Responsorios, Graduaes, Prefacios*, e também acrescentou o *Vere dignum et justum est*. Simaco, no ano de 512, decretou que nos domingos e festas principais dos mártires se cantasse a *Gloria in excelsis Deo*. Pelágio, pelo ano de 556, acrescentou a comemoração dos defuntos. Gregório I, pelo ano de 600, fez as *Antifonas* e o *Introito*, ordenando que a *kirie-eleyson* se cantasse nove vezes, e do mesmo modo o *Aleluia*. Além disso, também ordenou este papa que o *Pater Noster* se cantasse em alta voz, e sobre a hostia consagrada; também acrescentou ao canon: *Dies que nostres in tua pace disponas*.

O padre Francisco estava verdadeiramente assombrado, o que deixava ver claramente pelo gestos com que acompanhava as palavras de Mateus, que continuou assim:

—Sergio, que morreu em 701, ordenou que o *Agnus Dei* se cantasse três vezes antes de partir a hostia. Gregório III acrescentou à secreta missa: *Quorum solemnitas hodie in conspectu tuae magestates celebratur, domine deus noster, in toto orbe terrarum*. Nicolau I acrescentou as *sequencias*. Não me negará V. que Sixto I acrescentou o Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth. Inocência I, pelo ano de 405, acrescentou o osculo de paz. Leão I inventou o *Orate, frates*, o *Deo gratis*, e acrescentou ao canon *Senatum sacrificium, immaculatam hostiam*, e o *Hanc igitur oblationem*. E, depois de tudo isto, não vê V., meu caro amigo, que Cristo não instituiu a missa, mas sim que esta foi obra em que muitos colaboraram?

O padre continuou silencioso. Mateus prosseguiu:

—Existe outra prova maior do que todas, que demonstra claramente a extraordinária mentira de que Cristo instituiu a missa. O grande *Te igitur clementissime Pater* é uma parte da missa, na qual se faz menção do papa, do bispo e do rei, o que é uma prova irrecusável de que nem instituiu a missa, nem tão pouco a disse, pois que no Seu tempo ainda não havia papas nem bispos. No

Communicates faz-se menção da Virgem e dos muitos santos que não existiram senão muitos anos depois dos apóstolos, como S. Cipriano, S. Lourenço, S. Crisostomo, S. Cosme, Damião e outros. Ora isto prova a verdade da minha asserção. Agora convem observar a subtileza romana. Não põem no canon a S. Pedro, porque, se o pousessem, poderia dizer-se que aquele apóstolo tinha procurado a nossa propria gloria. Com isto convenço o mais pertinaz ou cego de que nem Cristo nem nenhum dos apóstolos disseram missa, nem conheceram o que isso era.

O sacerdote deu um suspiro e disse:

—Triste coisa é a gente encontrar-se em presença da fria verdade que esmaga! Oh! que Deus perdôe a todos.

O evangelista continuou:

—Agora passemos às Escrituras. V. apresenta-me como razão das suas crenças a autoridade dos homens; e eu aceito-a para confundir essa autoridade com a de Deus. A essencia, o fundamento, da missa, está contida no artigo v. do Credo do Papa Pio IV, que diz assim: «Confesso, eu mesmo, que na missa se oferece a Deus um verdadeiro, proprio e propiciativo sacrificio pelos vivos e defuntos, e que no santissimo sacramento da Eucaristia estão *verdadeira, real e substancialmente* o corpo e o sangue, *juntamente* com a alma e a divindade, de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que se verifica uma *conversão* de toda a substancia do vinho no Seu sangue, á qual conversão chama a Egreja Romana TRANSUBSTANCIAÇÃO. Tambem confesso que sob qualquer das duas especies se recebe Cristo total e completamente, e que são um verdadeiro sacramento.» Este artigo, ensinado aos catolicos, obriga-os a crêr em varias coisas; porém as duas principaes são: primeira, que na missa se oferece a Deus um sacrificio de propiciação pelos vivos e pelos mortos; segunda, que na missa, e sob as especies do pão e do vinho, está real, verdadeira e substancialmente Cristo, com a Sua alma e divindade.

Depois disto, e dado o caso de que alguém ousasse levantar-se contra tal impiedade, ou não podesse admitir uma tal crença, vem-

nos o concílio de Trento decretar em sua sessão 22, canon III, o seguinte:

«Se alguém disser que o sacrificio da missa é sómente um sacrificio de louvor e acção de graças, ou uma mera comemoração do sacrificio feito sobre a cruz, e que não é propiciatorio, ou que aproveita sómente áquele que o recebe, e que não deve ser oferecido pelos *vivos* ou pelos *mortos*, por seus pecados, castigos, penitencias mal cumpridas e outras necessidades, seja *anatema*.»

Todo o catolico romano está obrigado a calar-se e a acatar esta doutrina, esteja ou não conforme com ela, sob pena de ser fulminado pelo anatema.

O ensino, pois, desta igreja é que, cada vez que um sacerdote celebra missa, oferece a Deus um sacrificio proprio e propiciatorio pelos vivos e pelos mortos. Quem é o sacrificado neste sacrificio? Cristo, o mesmo Cristo do Gólgota, o Jesus de Belem.

Quando principiámos esta discussão, disse-lhe que, tal como a queda e o caído, assim tinha que ser a redenção e o Redentor. Agora—acrescentou, tirando do bolso a Biblia—contra a doutrina de que o sacrificio de Cristo possa repetir-se ou renovar-se, temos o cap. 6, vers. 9 e 10 da Epistola de S. Paulo aos Romanos.

«*Sabendo que, tendo Cristo ressurgido dos mortos, JÁ NÃO MORRE, NEM A MORTE TERÁ SOBRE ELE MAIS DOMINIO. Porque, enquanto a Ele morrer pelo pecado, Ele morreu uma só vez; mas, enquanto a viver, vive para Deus.*»

Escute também o que dizem os textos seguintes:

«Cristo *uma vez* morreu pelos nossos pecados; o Justo pelos injustos, para nos oferecer a Deus (1.^a de Pedro 3:18).»

«E não entrou para se *oferecer muitas vezes* a si mesmo, como o Pontífice cada ano entra no santuario com o sangue alheio; doutra maneira lhe seria necessario padecer muitas vezes desde o principio do mundo, mas agora aparece uma só vez na consumação dos seculos, para destruição do pecado, oferecendo-se a si mesmo por vitima. Assim como está decretado aos homens que morram uma vez, e que depois disto se siga o juizo, assim também Cristo foi UMA SÓ VEZ imolado para esgotar os pecados de muitos; e a segunda aparecerá sem pecado aos que o esperam, para a salvação (Hebreus, 9:25—28).»

«Mas este, havendo oferecido *uma só* hostia pelos pecados, está *sentado para sempre* á dextra de Deus, esperando o que resta, até que os seus inimigos sejam postos por escabelo dos seus pés» (Hebreus, 10:12 e 13).

Estes textos do Novo Testamento, que acabo de ler, demonstram claramente que a missa, ou, melhor, a pretensão de sacrificar a Cristo todos os dias, e em muitos logares ao mesmo tempo, é contraria á vontade de Deus, que quer um só sacrificio. Disto deduzo uma consequencia, e é a seguinte—que os anatemas de Roma são contra Deus.

Agora é claro que para haver sacrificio é necessario haver vitima, e desta aproveita-se a igreja romana por meio da sua transubstanciação, porém tenha V. em conta «que sem

derramamento de sangue se não faz remissão». Ora, onde está na missa o derramamento de sangue? De que instrumentos cortantes se serve o sacerdote nesse sacrifício? Quem derrama ali o sangue? E que não digam os romanos que tudo ali se faz em figura e memória, porque em tal caso cae sobre eles o anatema tridentino; é preciso crer, ainda que não se veja, que Cristo desce às mãos do sacerdote, e que este O oferece em sacrifício ao Eterno. Ah! Roma faz muito bem em se servir, para representar a fé, duma matrona com os olhos vendados.

Compreendo a razão por que Roma não quer o livre exame, pois que odeia a luz! Pois bem, padre Francisco, o senhor é sacerdote romano, permita que lhe diga que está nas trevas; não está em Deus, «porque Deus é luz.»

O joven calou-se, e o sacerdote disse:

—Ainda que a minha alma receba uma dulcíssima consolação, ainda que desejaria confessar-lhe tudo o que sinto, pode descançar. Porém, se não quer, continue.

—Não estou cansado—respondeu o joven, acrescentando:—Além disso, desejo terminar a questão que nos ocupa. Que Cristo, material ou corporalmente, está na missa, que a Sua presença é verdadeira e real, no dizer da igreja romana, não resta duvida, pois no canon I, sessão 13 do referido concilio de Trento, diz-se: «Qualquer que negar que no sacramento da Eucaristia se contém verdadeira, real e substancialmente o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, juntamente com Sua alma e divindade, e por consequencia Cristo todo, mas afirmar que está ali em simbolo ou figura, ou por Sua propria virtude, SEJA ANATEMA.

Torno, pois, não já a dizer que Roma anatematiza o Deus que ela adora, senão que se opõe com seus decretos á vontade soberana de Deus. Como pode estar Cristo no sacramento, ou na missa, duma maneira corporal? A Escritura, em opposição a isto, diz:

«*Pelo que, se ressuscitastes em Cristo, buscae as coisas que são de lá de cima, ONDE **Cristo** estará sentado á dextra de Deus*» (Col., 3:1).

«Ao qual (Jesus) certamente é necessario que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, as quaes Deus falou por boca dos Seus santos profetas, desde o principio do mundo.» (Atos, 3:21).

«Mas Este (Jesus), havendo oferecido uma só hostia pelos pecados, ESTÁ SENTADO PARA SEMPRE á dextra de Deus.» (Hebreus, 10: 12).

Como, pois, se atrevem os senhores a sustentar que Cristo desce a este mundo, quando é preciso que esteja á dextra de Deus até que se cumpram todas as profecias? Como podem sacrificar ou renovar o sacrificio d'Aquele que com *um* só sacrificio fez perfeitos os que santificou?

Porém vou fazer-lhe uma pergunta, á qual, se responder satisfatoriamente, prometo crer, não digo na transubstanciação, mas em tudo o que de mim exija o *infalivel* romano. A pergunta é esta: Que Cristo é que Roma sacrifica—o glorificado dos céus ou o terreno do Golgota? O primeiro, atendendo ao que diz S. Paulo, «ha corpos celestes e corpos terrestres», é celestial, ou seja o Cristo glorificado; a esse tal é impossivel sacrificar, porque já está glorificado, e portanto, além da Sua natureza, que a isso se opõe, seria necessario fazer baixar um ser dum lugar de gloria a um mundo de padecimentos e a sofrer dôres. Se me dizem que sacrificam o corpo de Cristo como está cá no mundo antes de ser glorificado, digo que não pode ser, porque não existe, e porque o Cristo que o sacerdote sacrifica não corresponde, nem em peso nem em tamanho, ao Cristo que nasceu em Betlehem. Que Cristo é glorificado, e que o Seu corpo é um corpo celestial, nós o sabemos, por aquilo que está escrito na primeira Epistola de S. Paulo aos Corintios, cap. 15: 45-48, e ainda mais pela leitura de todo o capitulo em que se diz que os que habitam nos céus teem corpos celestiaes.

Depois duma breve pausa, o joven continuou:

—Se alguma crença eu tivesse ácerca da transubstanciação, bastar-me-hia, para abandonal-a, ter lido no missal romano as regras sobre os defeitos da missa, que V. conhecerá perfeitamente. Ha uma pagina de que eu me recordo muito bem, e que diz: «Se

uma hostia consagrada chegar a desaparecer, por qualquer acidente, pelo vento, ou por milagre, ou fôr devorada por um animal, consagre-se então outra». Como é possível que Aquele a quem os crentes obedecem, esteja exposto a ser levado pelo vento? Como dizer que um milagre pode fazer desaparecer outro milagre? Como dizer que Cristo está exposto a ser devorado pelos ratos, que se dão perfeitamente nos retabulos carunchosos das igrejas? Como sei que não ignora o que deverá fazer o sacerdote se uma mosca ou uma aranha cair no vinho consagrado, que deve ser bebido, se da parte do sacerdote não houver náuseas, não lho repetirei, porém, sim, direi alguma coisa da famosa regra que diz: «Se no inverno se GELAR O SANGUE no calix, deve envolver-se este em panos quentes; se isto não fôr bastante, coloque-se dentro de água quente perto do altar, até que se DERRETA O SANGUE, tendo o cuidado de que não entre água no calix.»

Pode haver, meu amigo, maior cumulo de impiedades? O sangue de Cristo gelado! Então que Cristo é que sacrificam?

—Meu amigo—disse o sacerdote, profundamente comovido,—desde que me ordenei notei algumas coisas que não compreendia, porém em que cri, pela obediência passiva, a que somos obrigados. Hoje tenho ouvido algumas que julgo serem verdadeiras, porém desejo ficar só para me ajoelhar diante de Deus, e pedir-Lhe que mostre o que devo fazer. Tudo o que neste momento pudesse dizer-lhe não seria ditado por uma consciência livre, pois que me encontro sob a influência dos seus argumentos. Todavia, eu Lhe prometo obrar conscienciosamente, e, para que tenha uma prova disso, vou fazer-Lhe uma promessa e um pedido.

O joven prestou toda a sua atenção, e o sacerdote prosseguiu:

—A promessa é esta: não tornarei a dizer missa até que Deus me convença de que é um erro tudo quanto o senhor acaba de me dizer; o pedido é que me deixe a sua Bíblia para que eu possa lê-la e confrontá-la com a minha. Uma coisa mais: se o Senhor me disser que a igreja da qual sou sacerdote não é de Cristo, renunciarei às ordens e me separarei dela.

O joven e o padre Francisco combinaram o dia em que se veriam outra vez, e, depois duma breve oração que o evangelista fez, este saiu da casa do sacerdote, pedindo a Deus a sua conversão.

CAPITULO XXIV

As duas cartas

Os nossos leitores certamente que ainda não perderam de memoria a personagem principal da nossa historia, o mestre Julião.

Este, bem como o seu amigo, o mestre João, continuam em M., e, se bem que amiudadas vezes escrevam ás suas respectivas familias, nada temos dito a esse respeito, porque tambem nada digno de especial menção tem ocorrido.

Alguns dias depois da entrevista do padre Francisco com o evangelista, achava-se Dôres costurando a um canto da loja, quando um aprendiz se dirigiu a ela e lhe disse:

—Mestra, está aqui uma carta.

Dôres ergueu de repente a cabeça e tomou a carta das mãos do rapaz; com a rapidez do relampago, abriu-a, e, vindo sentar-se numa cadeira, começou a ler a carta, que era concebida nestes termos:

Povoação de M...

«Querida esposa. Que, quando esta chegue ás tuas mãos gozes saude em companhia do nosso filho, são os desejos de teu esposo.

«João e eu passamos sem novidade.

«Recebi a tua ultima, e, inteirado do que me dizes, agradeço-te as noticias que me dás de tudo, porém especialmente ácerca dos negocios do nosso estabelecimento; não esperava outra coisa do sr. Mateus, que é um bom cristão.

«Saberás que já concluímos aqui as obras (o que falta agora para fazer é pouco) e podemos ir a Madrid passar alguns dias para comprar materiais e descansarmos, enquanto os arquitetos principiam outros trabalhos. Depois d'amanha, pois, terei o prazer de ver-te e de beijar o nosso querido Paulo.

«Dou graças ao Senhor, porque aqui ficam alguns que já conhecem o Evangelho, os quaes se reúnem todos os domingos e passam uma hora e meia lendo a palavra da vida.

«Alegro-me também com o que me participas ácerca das visitas de Mateus a casa do padre Francisco, e peço ao Senhor que converta esse infeliz sacerdote.

«O sr. João diz-me que tenhas cuidado de observar, todas as vezes que Mateus sobe as escadas do padre, se torna a descel-as, pois que diz que não tem confiança nos católicos, porém eu digo que Deus é maior do que todos e que Ele guardará Seus filhos de todo o mal.

«Hontem recebemos a ultima importancia do trabalho, e, como já te disse, paguei ha tempos ao sr. João o dinheiro que nos emprestou, e ainda temos uma economia dalgumas libras. Para concluir, te direi que de saude vou bem. Pois até o sr. João diz que estou muito gordo, o que não admira, porque quando aqui cheguei quasi cahia de fome.

«Pobre esposa, quanto tens sofrido! Porém, repara como o bom Deus nos tem abençoado!

«Sem mais, dá lembranças aos officiaes, á familia do nosso amigo, beijos ao menino, e tu recebe o amor de teu esposo.

Julião.»

Dôres deu graças a Deus pela carta que tinha recebido, e depois saiu precipitadamente pela porta que dava para o corredor, em direcção á casa da familia de João.

Dôres levava a carta na mão, e, ao abrir a porta, encontrou-se com Antonia, que, com outro papel na mão, vinha para sua casa.

—Carta!—exclamaram ao mesmo tempo as duas jovens assim que se viram.

—De meu marido—disse Dôres.

—De meu pae—respondeu Antonia.

—Pois vamos para tua casa—respondeu Dôres—ali as leremos; não é bom que tua mãe fique só.

—Como queiras—respondeu Antonia.

Ambas entraram na carpinteria, onde estava a senhora Brigida chorando de alegria.

Antonia começou a ler.

«Povoação de A...

Querida esposa e filha. Muito me alegrarei que ao receber esta gozeis a mais perfeita saude, que é o que eu mais desejo; eu estou bom, para o que queiraes mandar.

«Brigida e Antonia, estou certissimo de que ides receber um alegrão, quando receberdes estas curtas letras.

«Sim, certamente que vos alegrareis.

«Sabereis que depois d'ámanhã chegamos a casa, pois que por agora concluimos aqui o trabalho.

«Vou dar-vos um abraço, forte, muito forte; sois vós as duas pessoas a quem mais quero neste mundo.

«Tambem quero muito a Dôres e a seu filho, sem falar em seu marido, que é o melhor homem que debaixo do céu existe. Está sempre a prégar e com a Biblia na mão. Eu tenho-lhe dito muitas vezes:

«Oh homem, não vê que se riem de si nas suas proprias barbas?—Porém ele tem mais paciencia do que Job, que, segundo creio, foi o homem mais paciente do mundo.

«A mim faz-me sofrer muito, porque quando vejo que ha
alguem que se ri das nossas crenças não sei que faria;
porém Julião sempre me está a repreender, dizendo:
«Senhor João, Jesus diz: Aprendei de mim, que sou manso e
humilde de coração:—veja que os discipulos de Jesus não
hão de ser homens colericos: veja que, porque não somos do
mundo, por isso nos aborrece o mundo.» Com estas e outras
razões faz de mim tudo quanto quer.

«Outra coisa: O padre Francisco ainda vos molesta por
causa dos cultos? Que vontade tenho de ir, para o confundir
a ele e á gente! Todas as manhãs oramos por ele, Julião e
eu; porém, se Deus não faz um milagre, deixará esse senhor
de ser padre romano quando eu deixar de ser carpinteiro.
Aquele é o seu officio, como este é o meu; emfim, eu, para
não ocupar-me dele, não quero outra coisa mais senão que
nos deixe em paz.

«Não vos incomodo mais; saudades a Dôres, beijos a
Paulo, lembranças aos officiaes da casa, aos aprendizes e a
todos os que perguntem por mim. Recebei saudades de
Julião.

«E agora disponde, no que vos aprouver, deste que vos
estima e deseja ver,

João.»

—Vês?—disse Brigida.—Nada nos diz meu marido das obras
nem dos ganhos; sómente tem na imaginação o padre, de quem
não gosta, pelo mal que a todos nos tem feito.

—A mim—exclamou Antonia—pouco me importam as noticias
com respeito a interesses; o principal é saber que teem saude e que
veem breve.

—Claro—respondeu Brigida,—porém repito-vos que o seu eterno
pesadelo é o padre.

—Meu pae—insistiu Antonia—tem um coração nobre. Homem
rude, sabe amar com toda a sua alma, e odeia menos do que

parece. Estou certa de que, se amanhã o padre Francisco se visse em alguma dificuldade e meu pae podesse tirá-lo dela, falá-lo-hia com grande prazer, pois que é este o seu costume.

—Amigas—disse Dôres, interrompendo a conversa,—recebemos boas notícias, e por isso devemos dar graças a Deus.

Em seguida todas se pozeram de joelhos em oração a Deus, rogando-Lhe por aqueles dois seres que tão queridos eram às tres mulheres.

No aposento em que oravam estava o altar com Santo Antonio; porém nem uma palavra houve para o santo.

CAPITULO XXV

O regresso

No dia marcado nas cartas por Julião e o sr. João, chegaram ambos a Madrid.

Suas famílias foram esperá-los á estação do caminho de ferro, e agora todos juntos se acham na loja de Julião, conversando, e entre outras pessoas se encontra o joven Mateus, pois terminado o culto daquela noite, como soubesse que o seu amigo Julião chegava, foi também esperá-lo.

Depois das primeiras saudações, e no momento em que os achamos sentados conversando em casa de Julião, Mateus falava assim:

—Pois sim, meus amigos, durante a vossa ausencia aconteceram muito boas coisas nesta casa.

—Pelo que diz—perguntou Julião,—o culto continuou a fazer-se sem interrupção?

—Sim, senhor.

—E continúa a vir gente?

—Já se vê que sim.

—E diga-me—interrompeu o sr. João,—o padre tem-os incomodado?

—Ah!—exclamou o evangelista.—Pobre padre Francisco! Neste momento a sua alma passa por uma luta terrível;—a luta entre o bem e o mal, entre a verdade e o erro, entre o seguir as verdades do Evangelho e as praticas romanas. Tal é a sua situação; o pobre sacerdote luta, porém creio que essa luta lhe será proveitosa.

—Sim, sim, pensem no padre—disse o carpinteiro—e verão o que lhes sucede.

—Não sei—disse Mateus,—porém parece-me que o padre Francisco deixará os erros de Roma.

—Pois senhor—insistiu o sr. João,—muito desejarei que assim suceda, porém...

—Nada, senhores—interrompeu Julião,—a obra não é nossa, a obra é de Deus. Ele tem que obrar; nós, com as nossas duvidas e com a nossa falta de fé, fazemos o que fizeram as multidões no tempo de Jesus:—impossibilita!—O, com as nossas incredulidades, de que obre maravilhas.

Depois dalgumas palavras mais, Mateus manifestou intenção de se retirar para que os dois recém-chegados descançassem. Julião propoz que se tivesse um pequeno culto de acção de graças ao Senhor, pelo regresso dos dois ao seio de suas famílias, e, feito isto, cada qual retirou-se para sua casa.

No dia seguinte, assim que circulou a noticia da chegada de Julião, quasi todos os vizinhos foram visitá-lo e apertar-lhe a mão.

As mulheres não cessavam de falar sobre a vinda de Julião, e tanto assim que muito depressa chegou a noticia aos ouvidos do padre Francisco, que permanecia em sua casa, sem sair dela e sem querer receber ninguém.

O pobre sacerdote lia sem cessar a Biblia, orava continuamente, e a sua alma ia-se abrindo cada vez mais para recolher nela a verdade.

O padre Francisco havia envelhecido dez anos. Estava palido, com os olhos encovados, e tanto assim que a sua governante, assustada, lhe tinha proposto, por vezes, que se chamasse um medico, ao que ele se havia recusado abertamente.

No momento em que soube da chegada do vidraceiro, um raio de alegria iluminou o seu palido semblante, e imediatamente mandou chamar Julião, o qual, recebido o recado, dirigiu-se a casa do

sacerdote, enquanto Dôres foi dar a noticia ao sr. João e á sua familia.

—Ah!—exclamou o carpinteiro—já começamos de novo? Pois eu asseguro-vos que, se acaso trama alguma coisa contra vocês, lhes mostrarei o que vale este velho.

Entretanto, o padre Francisco, frente a frente de Julião, contava-lhe os seus temores, as suas duvidas, descobria-lhe, emfim, o estado de sua alma.

—Pois para mim—disse-lhe o vidraceiro depois de o ouvir—a coisa é clara e a solução desta questão é simples; V. antes não conhecia a verdade, pelo que procedia julgando servir a Deus; hoje a verdade lhe foi revelada por meio da Palavra da Vida; agora, pois, não tem mais do que dois caminhos a seguir: ou ter a fé dos anjos, ou ter a fé do demonio.

—Não compreendo—disse o padre.

—Pois creio que me explico bem—disse Julião.—Os demonios crêem em Deus, e, comtudo, tremem; os anjos crêem em Deus e se deleitam n'Ele. Se V. viu a luz, Cristo, e não a segue, por esta unica razão está no caminho da perdição; e devo advertil-o de que o Evangelho já lhe foi anunciado, e Jesus já Se lhe manifestou. Se teme mais aquilo que dirão de si, se teme a anciedade, se receia perder a sua posição aqui no mundo, se não teme a ira de Deus para com aqueles que rejeitam a Jesus, resiste ao Espirito Santo, e é este o mais terrivel pecado que o homem pode cometer.

Julião calou-se, e o sacerdote, que se achava numa grande agitação nervosa, passados alguns instantes, disse:

—No caso de que eu me decidisse pelo Evangelho, como V. o compreende, que deveria fazer?

—A primeira coisa era crêr no Senhor Jesus, como o unico Salvador e Intercessor entre Deus e os homens; a segunda coisa era abandonar completamente as praticas romanistas, resignar todos os cargos que exerce no seio da sua Igreja e fazer a sua profissão publica da sua fé na presença duma congregação de cristãos evangelicos, dedicando-se em seguida a prégar a verdade,

com o mesmo afinco e zelo com que antes pré-gava o erro. Finalmente, se quer ver o que deve fazer, se é convertido ao Senhor, veja e estude o que fez S. Paulo quando deixou de ser Saulo.

—Sim—exclamou o padre Francisco—é preciso que eu prefira o bem a tudo, a verdade ao erro. Porém o mais difícil para mim, o que mais me tortura, é a idéa «do que dirão de mim os meus colegas.»

—Por muito que digam, esteja certo de que nenhum deles vai responder por V. no dia do juízo. Se tem medo *do que dirão*, do mundo, tema antes *o que dirá*, do sangue de Jesus, tema o que dirá aquele manso Cordeiro, quando Ele se levantar para lançar-lhe em rosto o desprezo que tem do Seu sacrificio já feito. «*Eu—disse o Senhor—eu mesmo vos consolarei. Quem és tu para teres medo dum homem mortal, e do filho do homem, que assim como o feno se secará? E te esqueceste do Senhor, teu opifice, que estendeu os céus e fundou a terra, e todo o dia tremeste continuamente á vista do furor daquele que te atribulava e se tinha disposto para te perder; onde está agora o furor do que te atribulava?*» (Isaias, 51: 12 e 13) Desgraçado daquele que pelo mundo abandona a Deus.

—Não falemos mais; creio em meu coração que devo fazer o que diz, porém ha alguma coisa que mo impede; dentro de poucos dias terá noticias minhas.

Depois duma breve oração, Julião despediu-se do padre Francisco, profundamente convencido de que Deus trabalhava no coração do sacerdote.

Quando chegou a sua casa, estava lá o mestre João, que ao vê-lo disse:

—Aposto em que o padre mais uma vez o enganou!

—Senhor João—respondeu Julião,—oremos ao Senhor pelas almas que trabalham por abandonarem o mal, e ás quaes Satanaz persegue e põe mil obstaculos para as impedir de se acercarem do Senhor. A conversão dum sacerdote romano é para Satanaz um verdadeiro desespero.

CAPITULO XXVI

O padre Francisco

Já haviam decorrido oito dias desde que Julião tinha regressado a Madrid, e quatro desde que ele havia falado com o padre Francisco.

Julião tornou a encarregar-se do culto que se celebrava em casa. Uma noite, depois de prégar, anunciou aos concorrentes que na noite seguinte um novo prégador desejava dirigir-lhes a palavra, e taes coisas disse e por tal modo encareceu o assunto, chamando a concorrência dos assistentes, e especialmente dos visinhos, que na noite de que vamos falar a sala do culto, corredor e mais dependencias, donde se podia ouvir, estavam atulhadas de gente.

No semblante de todos via-se desenhados os desejos mais veementes de conhecer o novo prégador.

Chegou, por fim, a hora de principiar o culto, e a curiosidade ia satisfazer-se.

Julião ocupou a cadeira que ficava pelo lado detraz da meza, invocou o auxilio do Senhor, cantou-se como de costume um hino, fez-se oração, e em seguida Julião leu o cap. 55 de Isaías.

Em lugar de tomar o texto para prégar, Julião afastou-se para um dos lados da meza, quando acabou de ler. Neste momento abriu-se uma porta de vidraça, que ficava pelo lado de traz dele, e entrou um individuo, que veio ocupar o lugar do prégador.

Este individuo, vestido de preto, fez com que todos os concorrentes exclamassem, possuidos de profunda admiração:

—Oh! O padre Francisco!!!

Houve uns momentos de assombro geral, durante os quaes foram sentar-se a ambos os lados da meza Julião e o joven evangelista Mateus.

Passados aqueles momentos, o padre Francisco disse:

—«Sim, amigos meus, é o padre Francisco, que, tendo ouvido na palavra de Deus o convite a «todos os sedentos para virem às águas», cheio de sede acode pressuroso a esse manancial de águas divinas; o padre Francisco, que ouviu ainda a tempo o aviso de Deus: o padre Francisco, enfim, que, impelido hoje por uma força desconhecida, por uma voz que lhe grita: «para diante» vem para fazer aqui, e depois em outra parte, uma confissão dos seus erros, e uma profissão de fé. Todos sabeis quem eu sou, todos me conheceis: e por isso mesmo a vós outros, antes do que a ninguém, venho dizer-vos que creio no milagre portentoso do Santo, porque dos meus olhos também caíram as escamas do erro.

«Eu era cego, guia de cegos; e ai! sem o pensar, a quantos precipitei eu no barranco!

«Nescio de mim que, tendo o Evangelho em minhas mãos, jámais estudei as verdades nele contidas, fiando-me sómente na interpretação rotineira que me haviam ensinado nas cadeiras de teologia que cursei.

«Porém, graças a Deus, vim ao reconhecimento da verdade que ha em Cristo Jesus, e hoje abandono o erro que está na Igreja de Roma. De hoje em diante serei cristão de Cristo, porém não cristão do Papa; serei pregador do Evangelho, porém não serei sacerdote; perderei com isso a minha reputação, o meu credito, tudo; porém não me importa; ganhei a Cristo; é quanto basta; e a todos quantos julguem ver no meu procedimento um fim interesseiro, emprazo-os para diante do Tribunal Supremo, naquele dia em que «todo o oculto será manifesto.»

«Sim, separo-me dos erros de Roma, porque aprendi no Evangelho qual é o caminho onde se serve a Deus, e o meio que existe para entrar no céu. Se me separo da Igreja de Roma, é porque esta igreja dá ao homem um sem numero de intercessores, ao passo que a Palavra de Deus me ensina «que ha um Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.»

«Separo-me da Igreja de Roma, porque ela diz que o homem se salva por suas boas obras, fazendo deste modo que ele tome parte em sua salvação, e isto em menoscabo de Cristo, o unico Salvador, porque está escrito ácerca dele: *«Em nenhum outro ha salvação, porque do céu abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens pelo qual possamos ser salvos»*, e em menoscabo da Palavra, que diz:

«Pela graça sois salvos pela fé, e isto não de vós, pois é dom de Deus.» Separo-me da Igreja Romana, porque nela tudo é material e nada espiritual, fazendo um vil negocio das coisas mais santas; pois que do mesmo modo vende tanto os sacramentos, como as bulas, como as missas, como as indulgencias, etc., etc., sem ter em conta que foi dito por Jesus: *«De graça recebestes, de graça dae.»*

«Não posso por mais tempo permanecer no seio da Igreja Romana, que conta entre os seus dogmas o da *Transsubstanciação*. Meus amigos, estudei essa questão ha poucos dias, e estou intimamente convencido de que Jesus e Seus apostolos nada disseram ácerca da missa, nem tão pouco a instituíram, nem, e ainda muito menos, a disseram.

«Separo-me da Igreja Romana, porque vi que ela alterou as praticas estabelecidas por Jesus e os apostolos, aumentando, tirando ou modificando sacramentos, como vou passar a expôr: O baptismo que a igreja ministra não é o que ministraram nem João, nem Paulo, nem nenhum dos apostolos. Em primeiro lugar, faz o seguinte: exorcismo do sal, que o sacerdote põe nos labios da creança; o exorcismo da creança, soprando-lhe sobre o rosto, por tres vezes; outro exorcismo de sal; o presbitero põe saliva no nariz e nos ouvidos do recém-nascido, e tambem o unge nos hombros e no peito, com o oleo dos catecumenos. Como já disse, procurei com todo o cuidado na Palavra de Deus, para ver se ela autorizava taes praticas, e não achei sequer a menor sombra destas superstições. Filipe, Paulo e Pedro, e todos quantos administraram o baptismo, sómente exigiam a fé em Cristo, sem usarem exorcismos, nem velas, nem unturas. Baptizavam em qualquer ponto onde havia agua, tendo presente o mandamento de Cristo: *«Ide e ensinae, baptizando em nome do Pae, do Filho e do Espirito Santo.»* Depois

do baptismo cobram-se 24 reales, o que indica que por esta quantia Roma introduz na familia cristã um ser qualquer.

«Protesto contra a confissão romana, e aceito a Biblia. Pela primeira, o homem se confessa ao homem, a quem não ofendeu, e esquece o verdadeiro ofendido; o penitente envergonha-se dum homem e não se envergonha de Deus. Eu fui confessor, e conheço os segredos do confessionario, pelo que vos digo que fujaes dele. O homem deve confessar-se a Deus.

«Declaro que adiro ao Evangelho em toda a sua pureza; que o prohibir aos homens a leitura da Palavra de Deus é uma pratica que tem por fim levar os homens a que não vejam o erro em que vivem e o abandonem, com menoscabo da autoridade de Deus, que ordena em muitas passagens da sua Palavra que esta seja lida, sabida e estudada por todos os homens. Roma, porém, prohibe ao povo a leitura das Escrituras, e manhosamente procede do mesmo modo para com os sacerdotes, para que tanto uns como outros não vejam as adulterações e corruções que essa egreja tem feito, alterando umas coisas e introduzindo outras.

«Confesso tambem que a Egreja de Roma comete uma grande maldade, alterando o mais respeitavel de todos os sacramentos; falo da sagrada Eucaristia. A egreja romana, querendo corrigir o que Jesus fez, prohibe o calix aos fieis no ato da comunhão, ao passo que o Senhor diz: *«Bebei todos dele»* referindo-se, não sómente aos discipulos, mas a quantos depois deles haviam de comemorar *«a morte do Senhor até que venha.»*

«Finalmente, protesto contra tudo o que Roma faz, por duas razões: ou porque tudo está viciado, ou porque está em contradição manifesta com as práticas apostolicas e com a vontade de Deus.

«Confesso que, enquanto fui sacerdote (pois desde hoje deixo de o ser), procedi impelido pelo zelo e fanatismo, de que estava possuido, e porque cria fazer um serviço a Deus! Quanto me enganei! Deus me perdôe!

«Confesso que procurei fazer muito mal a este amigo—e apontava para Julião—em seus interesses; confesso que, a

solicitações minhas, o capelão duma familia nobre influiu sobre certa dama, de quem era confessor, e Julião perdeu, não sómente o trabalho de certa casa, como tambem as economias que havia empregado em materiaes para aquele trabalho; d'ahi principiou a decadencia da casa de Julião, e por isso teve ele que fechar a sua loja, e aqui cometi outro pecado maior. Quando se achava na miseria, fui oferecer-lhe recursos em troca da sua consciencia. Confesso que por minha parte empreguei todos os esforços para impedir a celebração dos cultos aqui nesta casa, valendo-me de quantos meios bons ou maus estavam ao meu alcance; confesso que chamei este joven—disse ele, apontando para Mateus—com má intenção, e confesso, por fim, que fui tão grande pecador que sómente pela maravilhosa misericordia de Deus estou convencido de que Ele me perdoará, pois que lho peço em nome de Jesus Cristo, e vós todos a quem ofendi me perdoareis igualmente, porque sois cristãos e porque vol-o peço pelas entranhas misericordiosas de Cristo.»

Havia nas palavras do padre Francisco tal convicção e tal acento de verdade que, ao ouvil-as, algumas vozes se ouviram, dizendo:

—Sim, sim, está perdoado.

E a todas estas vozes sobressaiu uma, que disse:

—Bem, bem, senhor padre Francisco, V. é um bom sacerdote, liberal, honrado e honesto; perdô-lhe tudo e estimo-o.

Foi mestre João quem disse isto.

CONCLUSÃO

Não se pode descrever a sensação que a profissão do ex-sacerdote romano fez no auditorio. Profundamente impressionado, não pôde prosseguir no discurso, pelo que Mateus, levantando-se e fazendo sinal de silencio, disse:

—Irmãos e amigos. Acabamos de escutar as palavras de quem, tendo militado sob as bandeiras do erro, abriu os olhos á luz, e hoje acode pressuroso a refugiar-se em Cristo.

«Fez uma confissão de todos os seus atos assim como da sua fé, pelo que nós devemos recebê-lo. O Senhor não desprezou nenhum dos que iam ter com Ele, o Senhor não desprezou o ex-padre romano; nós, portanto, não devemos desprezá-lo, mas sim amá-lo. Agora oremos ao Senhor.

Depois que fizeram oração e cantaram um hino, todos os ouvintes foram apertar a mão ao novo convertido, dirigindo-lhe as palavras mais affectuosas. Ele, por sua parte, respondia a todos carinhosamente, e por ultimo os ouvintes retiraram-se.

No dia seguinte, o padre Francisco devolveu ao seu superior as suas licenças e a renuncia do seu titulo de sacerdote, e nunca mais, apesar de quanto fizeram os seus antigos companheiros para o convencerem, tornou a dizer missa; cresceu-lhe o cabelo, que cobriu a corôa, e dentro de poucos mezes ninguem conhecia aquele que pouco tempo antes tinha sido padre catolico.

A imagem de santo Antonio foi destruida; os cultos continuaram na casa em que Julião vivia; Julião e João continuaram á frente das suas oficinas; o padre Francisco, segundo é fama, fez-se missionario evangelico; por meio dele Deus anuncia o Evangelho da paz a muitos hespanhoes sepultados no erro.

O Senhor permita que sejam muitos os que assim conheçam a verdade e a sigam!

NOTAS

[1] Não estranhem isto os leitores. Não se pode assinalar a origem desta e outras absurdas crenças, porém é certo que o povo baixo as tem.

[2] Os leitores devem lembrar-se de que é um padre romano quem fala, e de que os mandamentos foram deturpados por essa igreja.

[3] Cerca de 2 escudos.

[4] Note-se que nesta formula de confissão faz-se menção de tudo, menos de Jesus Cristo.

INDICE

	Pag.
I—A benção de Deus	5
II—Devoção e... vinho	10
III—No dia de Santo Antonio	20
IV—Consequencias	27
V—Tlim... tlim... tlim... tlim...	32
VI—Manda-o minha filha, e é quanto basta	40
VII—A visita	49
VIII—A calunia	59
IX—Novos acontecimentos	72
X—De corpo presente	85
XI—Um culto funebre	91
XII—Intrigas do confessorio	99
XIII—Frutos do confessorio	110
XIV—Da loja á agua-furtada	118
XV—Já começa!	128
XVI—Um sermão, um desafio, e uma hora de fé	137
XVII—O dinheiro do diabo e o dinheiro de Deus	143
XVIII—Pobre padre Francisco	150
XIX—Evangelicos e romanos	154
XX—O Cristo das Completas e um lignum crucis	161
XXI—A conferencia	168
XXII—Temor, inquietação e duvidas	179
XXIII—Romano e evangelico	188
XXIV—As duas cartas	200
XXV—O regresso	205
XXVI—O padre Francisco	210
Conclusão	216

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK JULIÃO E A BIBLIA ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away

or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.